

Sines. Residências artísticas

Tiago Sá Gomes

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa  
Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau  
de Mestre em Arquitetura

Orientador:  
Arquitecto José Neves, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL

Outubro de 2016

Leitura da cidade .....	Página 9
Proposta de grupo. O caminho das pedras .....	33
Proposta individual. Residências artísticas no planalto do pontal .....	81



Leitura da cidade

## Breve introdução à cidade

Sines destaca-se no recorte litoral de Portugal pela sua proeminência do território sobre o oceano, ocupando uma posição estratégica no mapa. A protecção Norte e a enseada que se abre para o mar caracterizaram Sines como vila portuária, tendo a zona da Ribeira constituído até 1968 a sua principal porta de mar. Uma situação potencializada pelo terreno acidentado sobre a água, onde o topo da arriba privilegiou o desenvolvimento do núcleo urbano, relacionando-se com as actividades marítimas na enseada. É desta relação entre planalto urbano e plano marítimo que vive Sines e a partir da qual se desenvolveu até aos dias de hoje.

Típica de um desenvolvimento tardo-medieval, a rede urbana da cidade organizava-se segundo um padrão geométrico onde o traçado regular, a definição de lotes e quarteirões, e a hierarquização das ruas, eram a expressão de uma matriz evolutiva clássica em torno do casco histórico. Assim, a Rua Direita (actual Rua Teófilo Braga) com direcção nascente-poente, demarcava-se como um espaço principal de comércio e, como tal, um dos locais mais significativos do ponto de vista económico-social. Em linhas paralelas e sobretudo perpendiculares à Rua Direita, desenvolvia-se o edificado, com seus logradouros e quintais. No mesmo sentido da Rua Direita, estende-se o caminho da Ribeira até à Calheta, onde se desenvolvia a vida marítima de Sines.

As transformações territoriais e urbanas que se deram a partir dos anos 60 foram-se reflectindo com especial incidência na baía de Sines. Nos anos 70, com o desenvolvimento do complexo industrial, esta zona viria a ser profundamente afectada com a construção da marginal e do novo porto de pesca. A Ribeira é praticamente engolida pelas novas estruturas e a zona é levada ao progressivo esquecimento. O aterro que originaria a marginal é criado de modo a permitir o acesso directo da pedreira (a nascente da baía) aos molhos marítimos em construção, e mais tarde vem evidentemente a ser utilizada como via de circulação de todo o tipo de veículos. Ora quando falamos da criação deste sistema viário, aparentemente simples e linear, estamos perante uma muito mais complexa modificação na compreensão da enseada e por conseguinte numa mudança da percepção das características morfológicas

de baía refugiada que são completamente rasuradas.

Com a inserção da logística de grande escala a cidade ganhou uma nova configuração e apresenta-se espalhada pelo território onde os seus limites não são mais perceptíveis. O complexo industrial é gerador de grandes volumes, áreas de implantação abismais e infraestruturas em tudo desadequadas à malha urbana com a qual contactam. Estes espaços encontram-se na periferia da cidade, originando lapsos de transição que determinaram a incoerência do território.





Praia Vasco da Gama



Descida para a praia



baía



Pontal. primeira metade do século xx



praia Vasco da Gama



Fotografia aérea. Castelo e praia Vasco da Gama

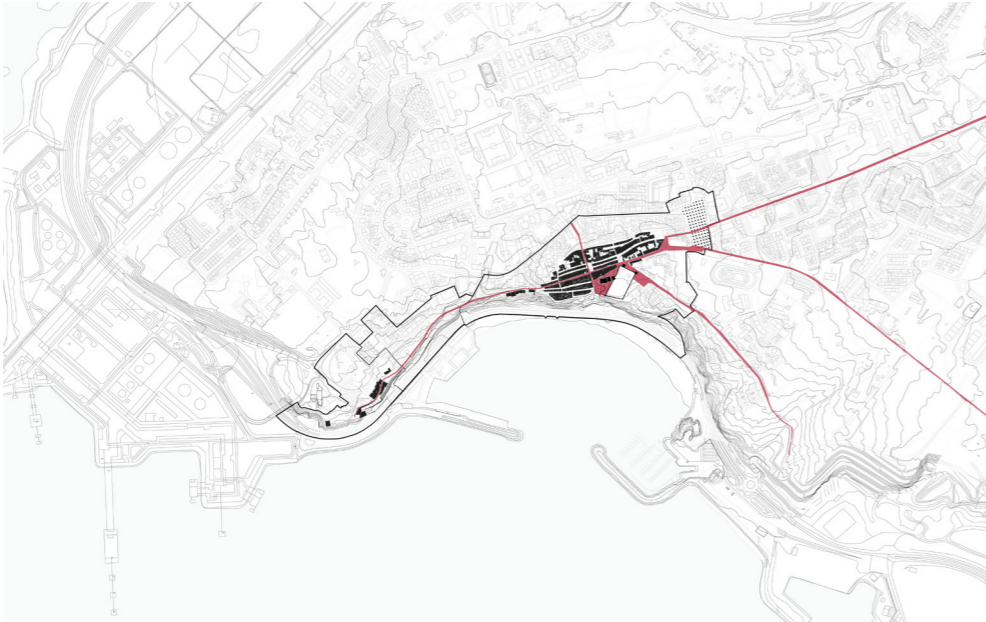


subida para o Castelo de Sines

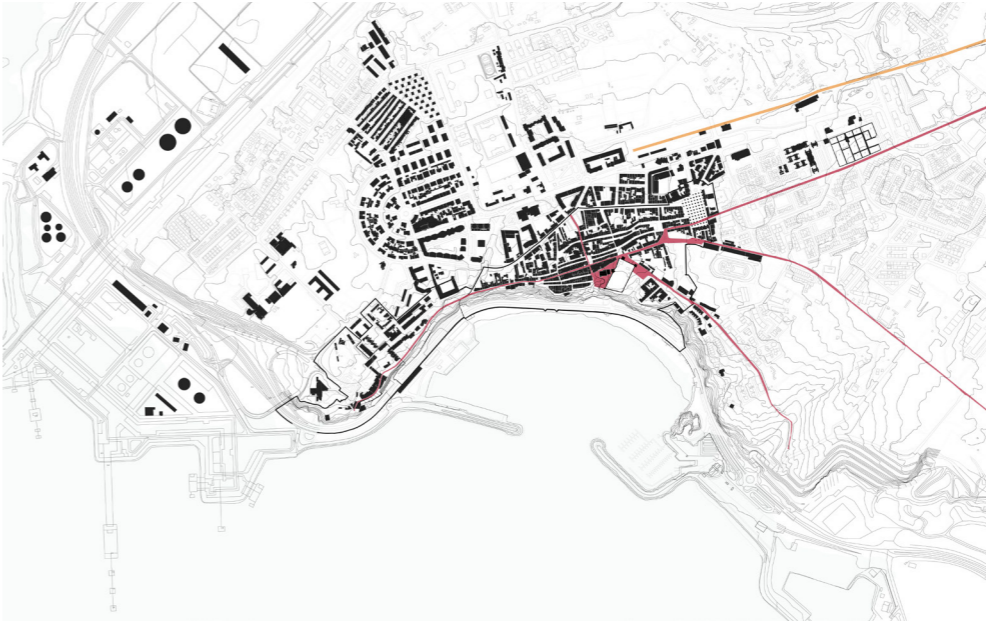


praia Vasco da Gama

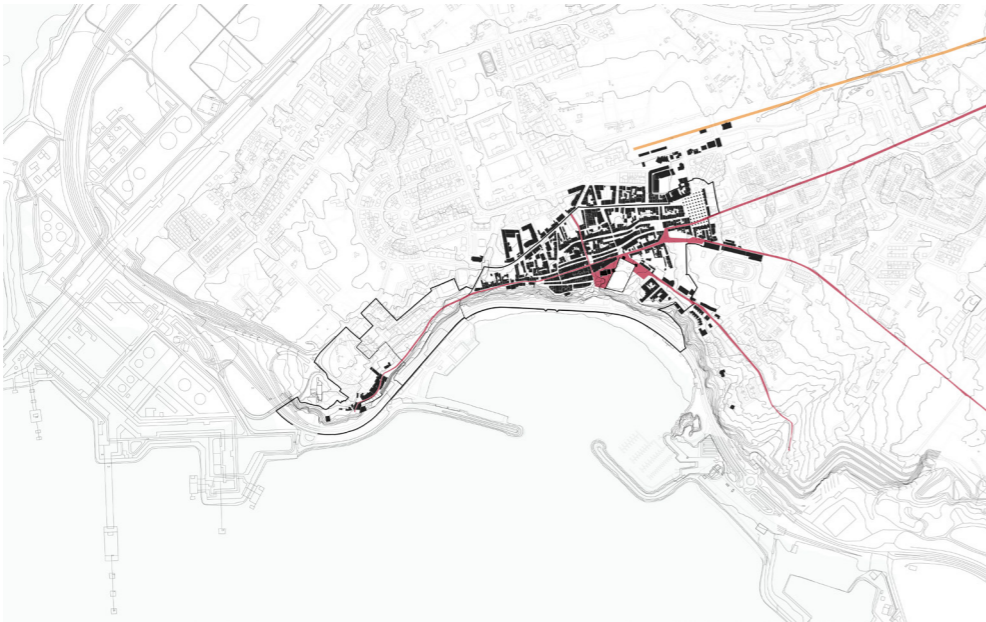
1790



1988



1960



2005



análise da evolução urbana





vista para a Calheta



vista para o Castelo

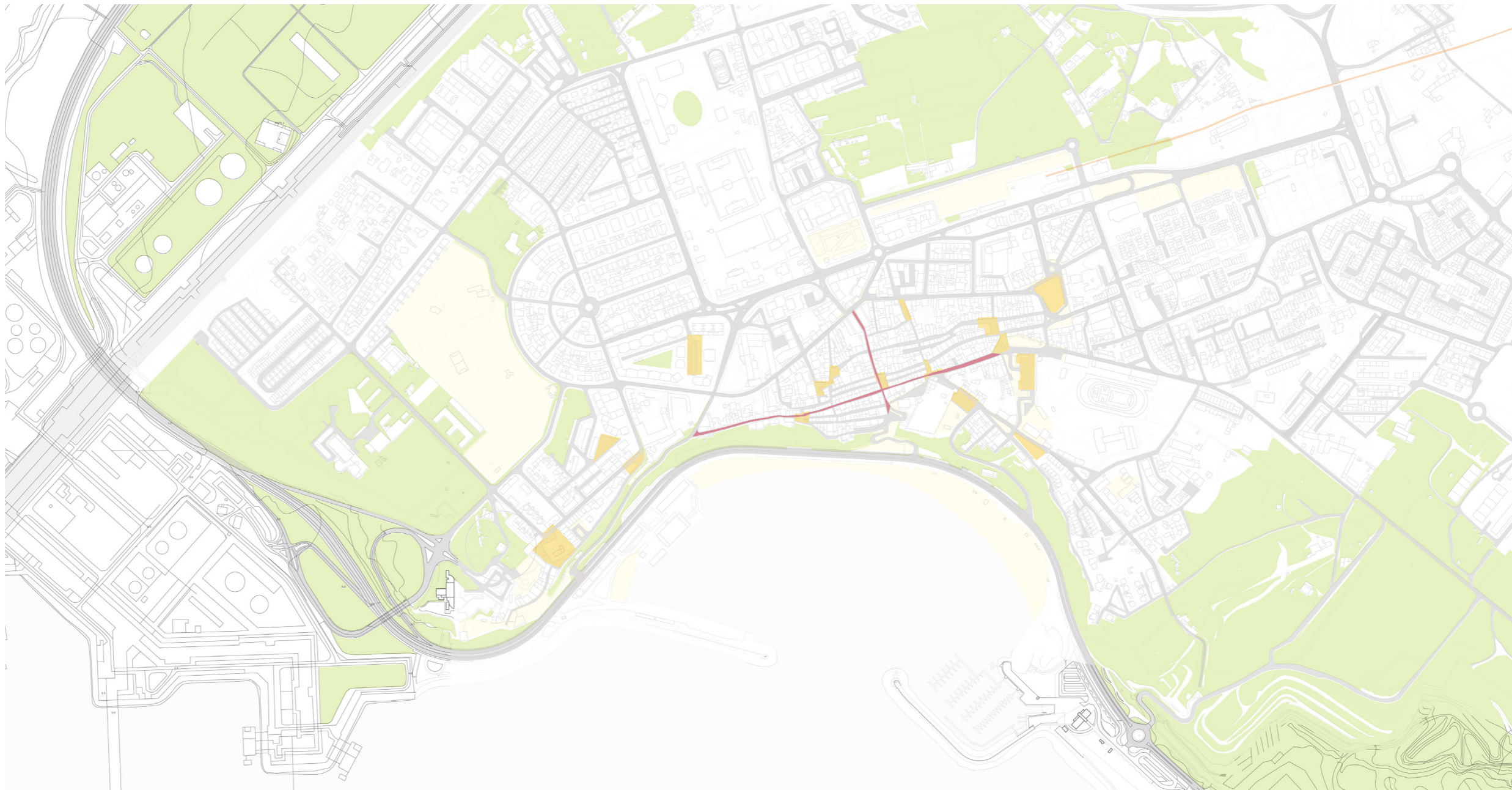
- culturais
- colectivos culturais
- religiosos
- administrativos
- portuários
- industriais
- casas Pidwell
- mercado
- educativos
- desportivos
- sociais e de saúde
- militares

análise de equipamentos



- redes viárias principais
- redes viárias secundárias
- Rua Direita | Rua Perpendicular
- largos e praças
- espaços de lazer e recreio

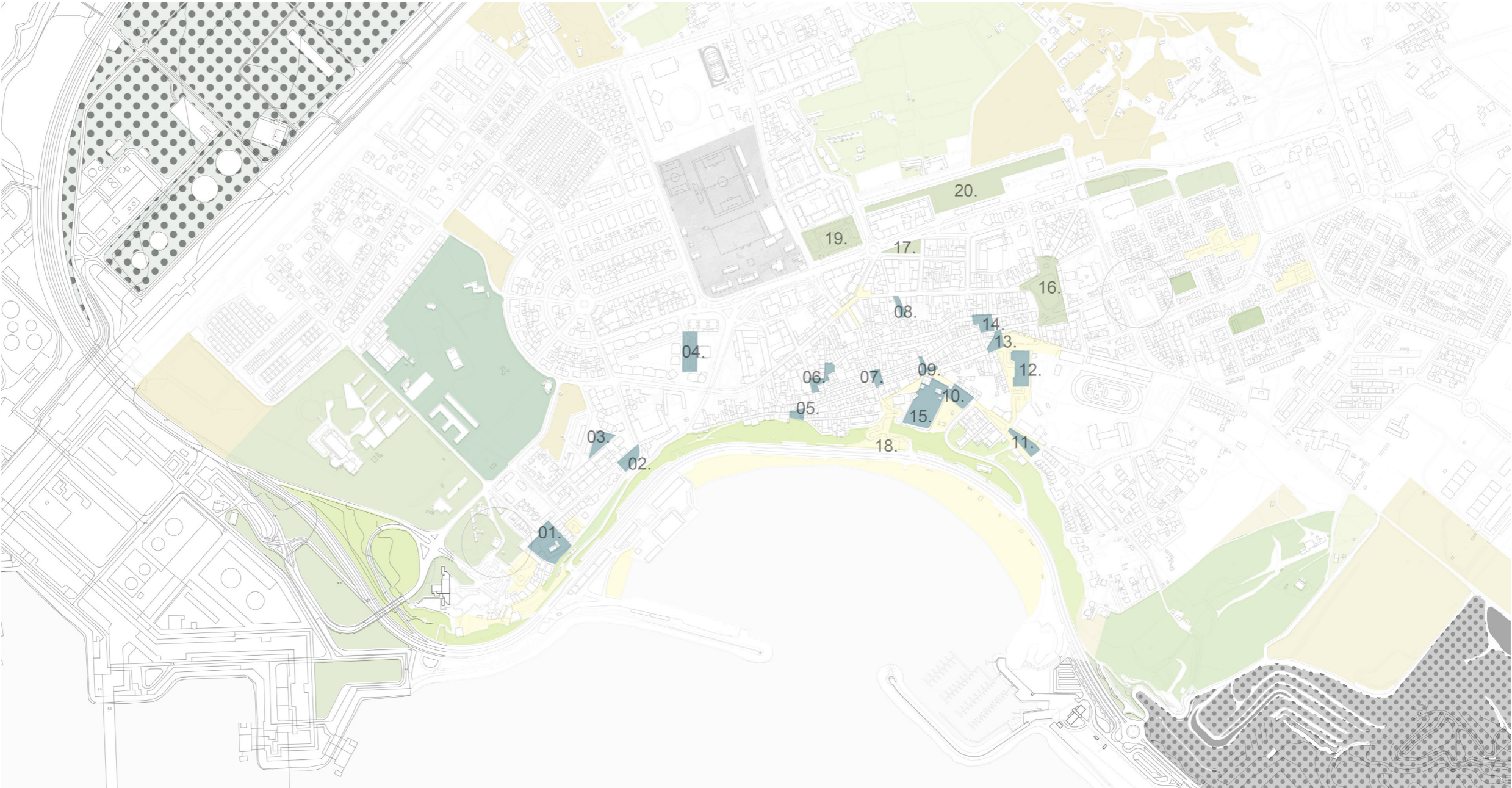
análise do espaço público e vias



- espaços verdes qualificados
- espaços verdes de protecção e enquadramento
- parque de campismo
- zona reservada à indústria portuária
- pedreira
- terrenos baldios
- terrenos agrícolas
- praças e largos
- zonas de lazer e recreio

- 01. Largo Senhora das Salas
- 02. Largo dos Pescadores
- 03. Largo Professor Sines Fernandes
- 04. Largo Judice Fialho
- 05. Largo dos Penedos da Índia
- 06. Largo da Atalaia
- 07. Largo Tomaz Ribeiro
- 08. Largo Afonso Albuquerque
- 09. Largo do Castelo
- 10. Largo João de Deus
- 11. Largo Ramos da Costa
- 12. Largo 5 de Outubro
- 13. Largo Gago Coutinho
- 14. Largo Dona Aninhas
- 15. Castelo de Sines
- 16. Praça da República
- 17. Largo da Boavista
- 18. Jardim das Escadinhas do Muro da Praia
- 19. Jardim das Descobertas
- 20. Jardim Alameda da Paz

análise de verdes e espaço público



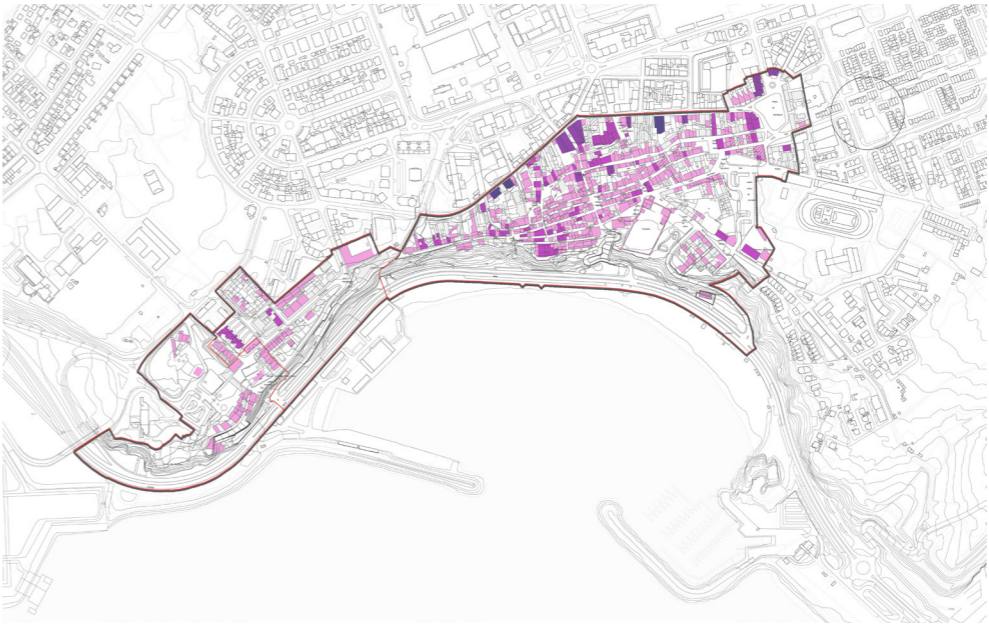
ocupados

- ocupados
- desocupados parcial
- desocupados total
- propriedade pública
- barracas / telheiros
- ruínas



cérceas

- 1 piso
- 2 pisos
- 3 pisos
- 4 pisos
- 5 pisos
- andar recuado



usos

- habitação
- misto
- comércio / serviços
- equipamentos
- indeterminados
- garagem / arrumos



relevância do edificado

- indesejável
- incómodo
- estável
- interessante
- importante
- notável



Proposta de grupo.  
O caminho das pedras

## Estratégia de intervenção

Foi a localização estratégica da cidade de Sines que determinou os vários episódios ao longo da sua história. A estrutura natural da baía encimada por um grande planalto sobranceiro concretizou os propósitos do seu passado piscatório de pequena escala, das suas ambições bélicas de controlo de costa, das suas qualidades como praia de veraneio e por último de um porto industrial de ambições europeias.

Todas estas transformações e especulações deram origem a um território de soluções dispersas e avulsas que fraturaram a cidade e lhe retiraram valor identitário.

Foi da procura de (re)construir essa identidade que surgiu a proposta para o desenho de um núcleo de residências artísticas em Sines.

Num período em que o investimento público na cultura é cada vez menor este projecto coloca em primeiro plano questões culturais de escala territorial. Em que medida é que as artes podem surgir como uma solução activa para problemas tão prementes como a desertificação ou perda de património imaterial indispensável à construção de uma identidade? Mais do que uma proposta isolada, a presença de um núcleo artístico activo em Sines tem um papel fundamental no processo de reflexão sobre o tema da cidade, sobre as suas memórias e sobre o seu potencial.

Esta iniciativa pretende dar continuidade a um processo de caracterização iniciado por Homens como o escritor Alberto, o ilustrador Emérico Nunes ou pintores como Álvaro Perdigão ou Maria de Lourdes Mello e Castro.

A residência para 36 artistas é composta por sete núcleos de trabalho: escultura, pintura, artes performativas, música, arquitectura e fotografia; por um núcleo de residências e por um conjunto de programas complementares: editora, livraria, produtora, rádio, café concerto.

De que forma pode um programa desta dimensão ter um impacto relevante no desenvolvimento da cidade de Sines? E de que forma poderíamos tomar partido, através da arquitectura, de todas estas tensões no território redireccionando o vector dessas forças no sentido de uma construção positiva da cidade?

A liberdade dada para a escolha do terreno de intervenção ampliou o espectro crítico do projecto e permitiu abordar este problema através de uma visão mais abrangente de

planeamento urbano. Como um contraponto às estratégias de planeamento macro/industrial a abordagem procurou ir ao encontro da intervenção de pequena escala que permitisse inverter a decadência de uma zona histórica estagnada e desconexa.

É nesse sentido que é colocada a hipótese de desmontar o programa laboral das residências artísticas e implantar cirurgicamente cada uma das suas parcelas ao longo de um percurso no centro histórico, posicionando as residências no extremo poente junto à Pidwell de Santa Isabel

Conceptualmente a proposta pretende dar continuidade à narrativa iniciada pelos arquitectos Aires Mateus no Centro de Artes marcando o território com peças de pedra, que ecoem da matéria do Castelo, e nos ajudam a construir uma nova unidade através da materialidade e do trabalho da forma, partindo do magnetismo das peças gémeas como solução mental ou poética para agregar as partes aparentemente errantes a um todo coerente e coeso. A inserção de um programa desta escala numa malha medieval consolidada obrigou o projecto à procura de uma acção sensível e cirúrgica que perservasse tanto quanto possível o existente. A ocupação do território tirou por isso partido dos vazios expectantes e edifícios devolutos como charneira deste “plot twist” urbano.

A pertinência da solução lançada foi consolidada a partir do mapeamento desses espaços o qual permitiu compreender a sua distribuição ao longo do território e o seu potencial para o acolhimento dos equipamentos artísticos. A aptidão de cada um dos núcleos foi determinada pela capacidade que tinham de fazer coincidir as necessidades inerentes ao programa específico de cada um dos fragmentos (as áreas, orientação solar e circulação...) e as necessidades do território onde se inserem (qualificação de praças, gavetos, passagens, ligação entre cotas...).

Esta estratégia procura o momento em que edifício e a cidade confundem. Trabalha o programa em extensão transformando as ruas em corredores de um percurso mais demorado e as pedras em pontos de distribuição.

Ancorando-se mais uma vez à memória da cidade este gesto longilíneo procura citar o percurso da procissão neste movimento pendular de sol a sol, de uma peregrinação caseira pela Rua Direita, da casa para o ofício e do ofício de volta para casa.

Em suma a estratégia tem como objectivo fortalecer a zona histórica com propostas que densifiquem e intensifiquem a experiência da cidade através de novas relações urbanas alimentadas por este novo estímulo artístico e social.

Em vez de uma solução finita e conclusa, a intervenção procura através de um processo cirúrgico intuir uma determinada direcção deixando pistas para a construção de uma cidade futura.

Idealmente este projecto poderia vir a estimular a criação e desenvolvimento de outras iniciativas que dessem ímpeto a uma nova vaga de investimento cultural e artístico nestas regiões.



01.



02.



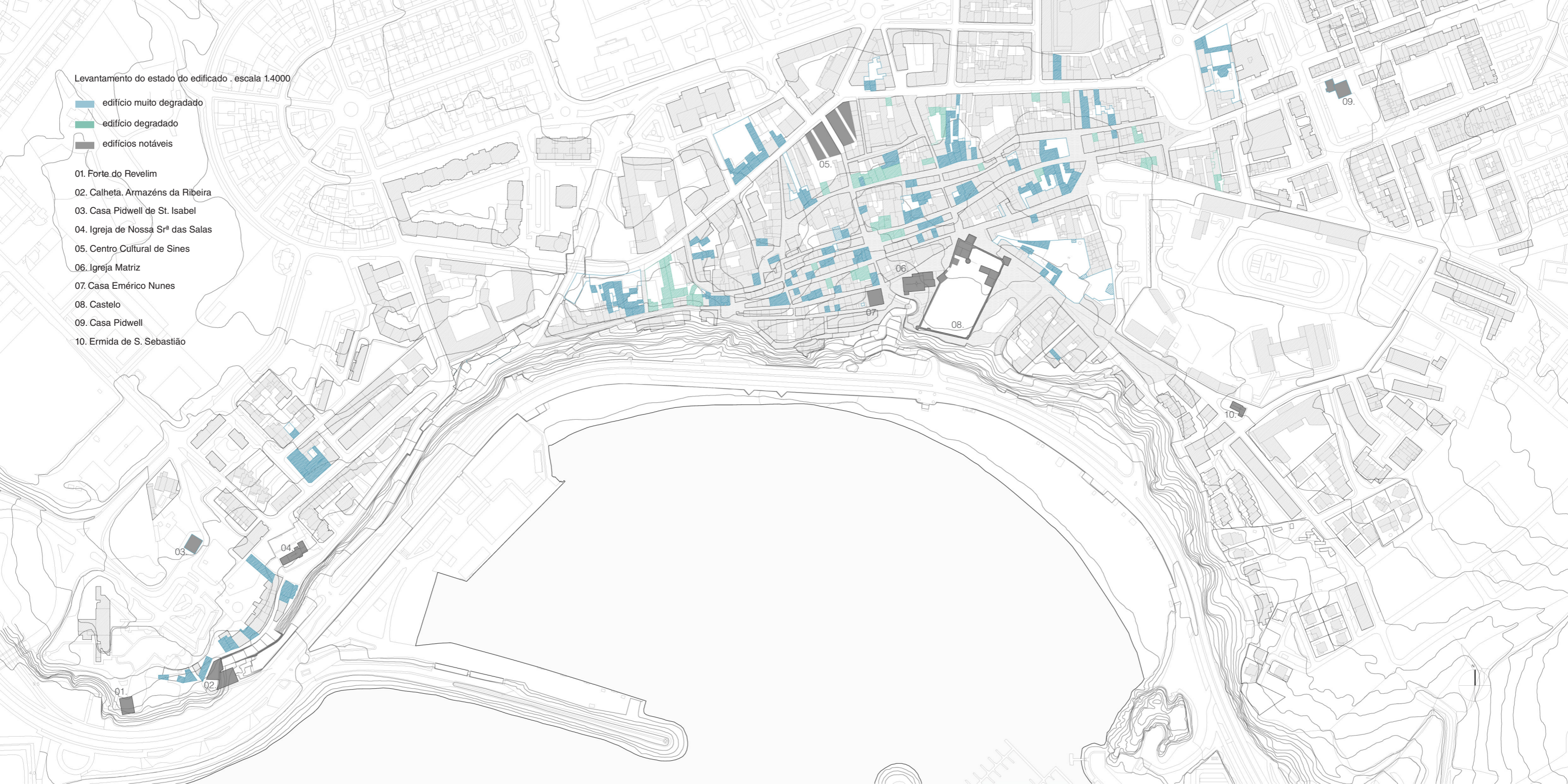
03.

01. Reconstrução do Castelo de Sines em 1940  
02. Centro Cultural de Sines, Arquitectos Aires Mateus, 2011  
03. Forte do Revelim 1906

Levantamento do estado do edificado , escala 1:4000

- edifício muito degradado
- edifício degradado
- edifícios notáveis

- 01. Forte do Revelim
- 02. Calheta. Armazéns da Ribeira
- 03. Casa Pidwell de St. Isabel
- 04. Igreja de Nossa Srª das Salas
- 05. Centro Cultural de Sines
- 06. Igreja Matriz
- 07. Casa Emérico Nunes
- 08. Castelo
- 09. Casa Pidwell
- 10. Ermida de S. Sebastião





Registo fotográfico do levantamento de edifícios devolutos



Estratégia de grupo

- ▲ **01. Residências**  
Casa Pidwell de Santa Isabel  
Refeitório - 50.00 m2  
Zona de estar - 50.00 m2  
Unidades de habitação - 44.00 m2

- 02. Edifício Administrativo**  
Área total - 260.00 m2

- 03. Armazém de espólio**  
Área total - 720.00 m2

- 04. GNR**  
Ponto de ligação entre cotas

- 05. Núcleo de Escritores**  
Largo dos Penedos da Índia  
Jardim - 130.00 m2  
Recepção - 14.00 m2  
Sala de workshops - 53.00 m2  
Biblioteca - 30.00 m2  
Copa + Sala de estar - 30.00 m2  
Escritórios - 17.00 m2

- **06. Núcleo de Fotógrafos**  
Largo da Atalaia (antiga entrada para a cidade)  
Pátio - 105.00 m2  
Recepção - 20.00 m2  
Sala de workshops - 40.00 m2  
Laboratório - 33.00 m2  
Estúdio de fotografia - 58.00 m2  
Armazém - 20.00 m2  
Salas de pós-produção - 10.00 m2  
Copa + Sala de estar + Biblioteca - 80.00 m2

- 07. Livraria**  
Reabilitação na escarpa. Programa de apoio ao núcleo de escritores e à cidade.  
Exposição e venda - 75.00 m2  
Armazém - 17.00 m2  
Cafetaria - 55.00 m2  
Zona de leitura - 41.00 m2  
Terraço - 33.00 m2

- 08. Editora**  
Reabilitação na escarpa. Programa de apoio ao núcleo de escritores e à cidade.  
Recepção - 13.00 m2  
Sala de reuniões - 13.00 m2  
Sala de estar - 25.00 m2  
Sala de edição- 10.00 m2  
Sala de montagem - 50.00 m2  
Armazém - 15.00 m2

- 09. Produtora e Rádio**  
Praça Tomás Ribeiro. Programa de apoio ao núcleo de música e à cidade.  
Recepção - 10.00 m2  
Sala de Reuniões - 15.00 m2  
Sala de estar - 25.00 m2  
Sala de edição - 10.00 m2  
Sala de controlo - 10.00 m2  
Estúdio de gravação - 40.00 m2  
Rádio - 20.00 m2

- 10. Café-concerto**  
Praça Tomás Ribeiro. Programa de apoio ao núcleo de música e à cidade.  
Bar - 87.00 m2  
Copa - 08.00 m2  
Armazém - 07.00 m2  
Palco - 13.00 m2

- 11. Núcleo de Arquitectos**  
Praça Tomás Ribeiro  
Pátio - 40.00 m2  
Recepção - 40.00 m2  
Sala de workshops - 58.00 m2  
Biblioteca - 41.00 m2  
Oficina - 100.00 m2  
Copa + Sala de estar - 37.00 m2  
Ateliers - 35.00 m2

- **12. Núcleo de Músicos**  
Beco  
Pátio - 50.00 m2  
Recepção - 36.00 m2  
Sala de workshops - 94.00 m2  
Biblioteca - 20.00 m2  
Armazém - 72.00 m2  
Copa + Sala de estar - 72.00 m2  
Salas de ensaio - 30.00 m2

- **13. Núcleo de Pintores**  
Praça, interior de quarteirão  
Praça - 325.00 m2  
Recepção - 50.00 m2  
Sala de workshops - 60.00 m2  
Biblioteca - 50.00 m2  
Oficina de pintura- 124.00 m2  
Armazém - 100.00 m2  
Copa + Sala de estar - 26.00 m2  
Ateliers - 37.00 m2

- 14. Loja de material de arte**  
Área total - 80.00 m2

- 15. Galeria de exposição**  
Antigo Museu da cidade  
Área total - 250.00 m2

- 16. Núcleo de Escultores**  
Praça do Castelo, interior de quarteirão  
Espaço de trabalho exterior - 250.00 m2  
Recepção - 10.00 m2  
Sala de workshops - 45.00 m2  
Biblioteca - 20.00 m2  
Oficina de escultura- 90.00 m2  
Armazém - 70.00 m2  
Copa + Sala de estar - 60.00 m2  
Ateliers - 47.00 m2

- 17. Núcleo de Artes Performativas**  
Rossio. Antigo Cine-Teatro  
Recepção - 20.00 m2  
Sala de workshops - 92.00 m2  
Biblioteca - 30.00 m2  
Sala de ensaios- 130.00 m2  
Palco - 250.00 m2  
Bastidores - 80.00 m2  
Armazém - 58.00 m2  
Copa + Sala de estar - 25.00 m2  
Ateliers - 37.00 m2

- 18. Arq. audio-visual e Parlamento urbano**  
Praça, Casa Pidwell

- 19. Parque Urbano de Sines**



Planta de localização das três propostas de grupo

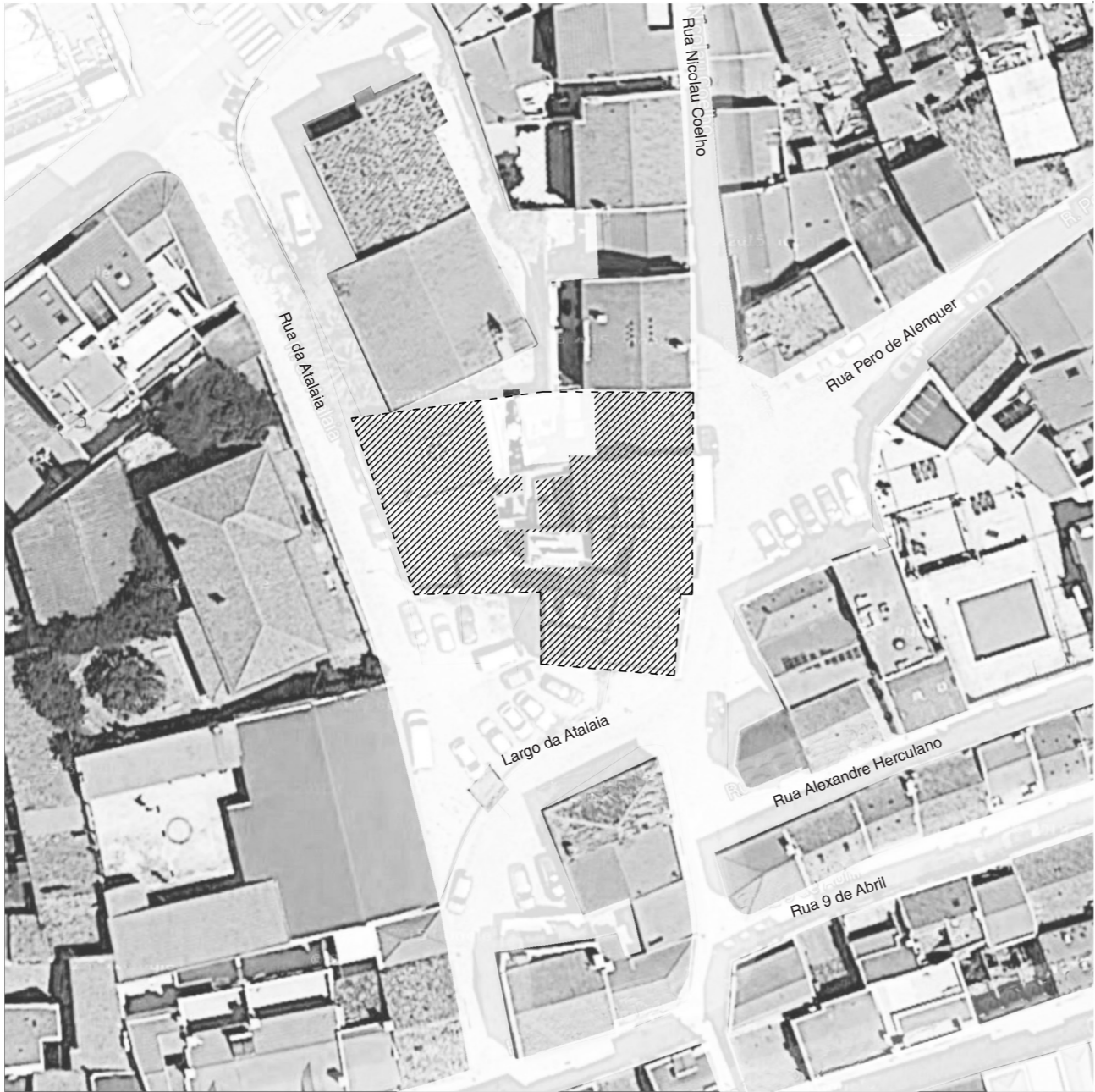
- 06. núcleo de fotografia
- 12. núcleo de música
- 13. núcleo de pintura.



*“Back with arms above”*

John Coplans

06. núcleo de fotografia



Largo da Atalaia da cota inferior



rua Pero de Alenquer



Largo da Atalaia da cota superior



Nicolau Coelho

localização do núcleo de fotografia

O Largo da Atalaia, considerado em tempos uma das “portas” da cidade definiu desde o século XV até meados da década de 1910 o limite poente do núcleo histórico de Sines, a partir do qual apenas um trilho limítrofe no Planalto nos levava ao longe à Igreja das Salvas, aos sequeiros de cortiça e aos tugúrios dos pescadores. O desenho do Largo confere-lhe uma privacidade peculiar que o protege das vias principais da cidade antiga que nele desaguam. Poderíamos passar por ele sem nos apercebermos. O vazio da Atalaia é definido por edifícios de pequena escala com um piso ou dois pisos apenas. A Norte, no lugar de edifícios antigos, construíram-se edifícios habitacionais mais recentes que chegam aos três pisos. A Sul um aglomerado de três casas com a altura de dois pisos assume uma posição central neste cenário. Esta massa isolada assume-se como um impasse medieval marcando profundamente a leitura do largo para quem chega de viés pelas ruas tortuosas do centro histórico. O largo desenvolve-se a duas cotas diferentes, as quais são separadas por um muro que fragmenta o vazio num gesto circular de quarto de lua, reduzindo-o redundantemente sobre si próprio.

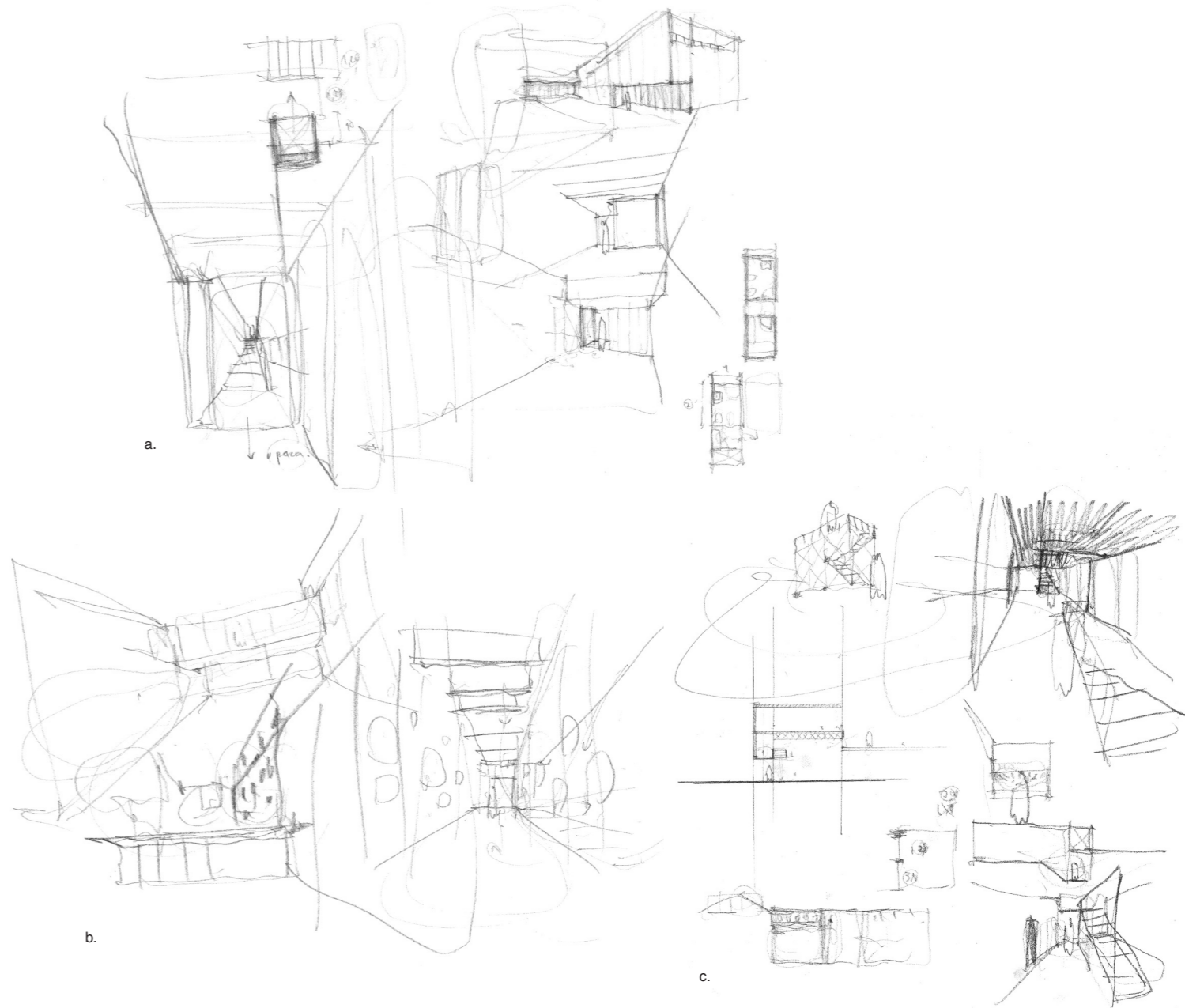
A proposta de requalificação urbana procura uma nova escala para o largo. Procura-se ampliar as dimensões deste vazio através de uma terraplanagem que suprime a sua metade elevada e a estabiliza a uma cota mais baixa. O largo expanda-se e ganha dimensão. A poente, a entrada agora suspensa do Ginásio Clube de Sines a uma cota superior é resolvida com uns varandins elevados sobranceiros ao largo que recuperam a sua cota de soleira

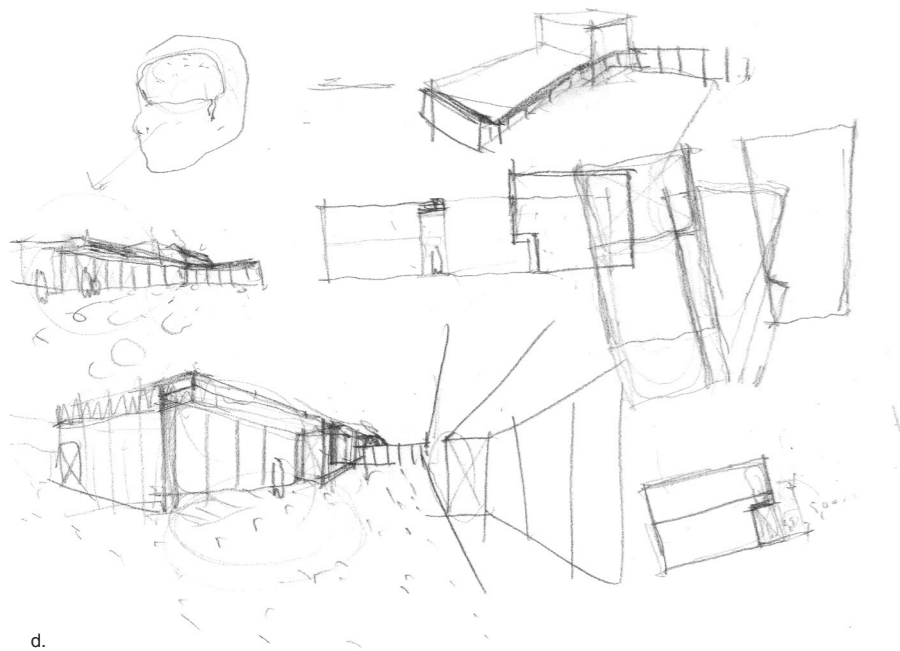
original.

Para resolver o programa de um núcleo de fotografia são propostos dois volumes de diferentes escalas que se confrontam sem se tocarem, formando um pátio protegido no seu interior, exposto apenas pela tensa fenda que no permite a passagem. É já no interior do pátio que descobrimos um terceiro volume, de escala mais baixa, que liga fisicamente os dois blocos contíguos. A sua altura permite-nos penetrar visualmente no interior do quarteirão, virando do avesso a primeira leitura um remate em gaveto.

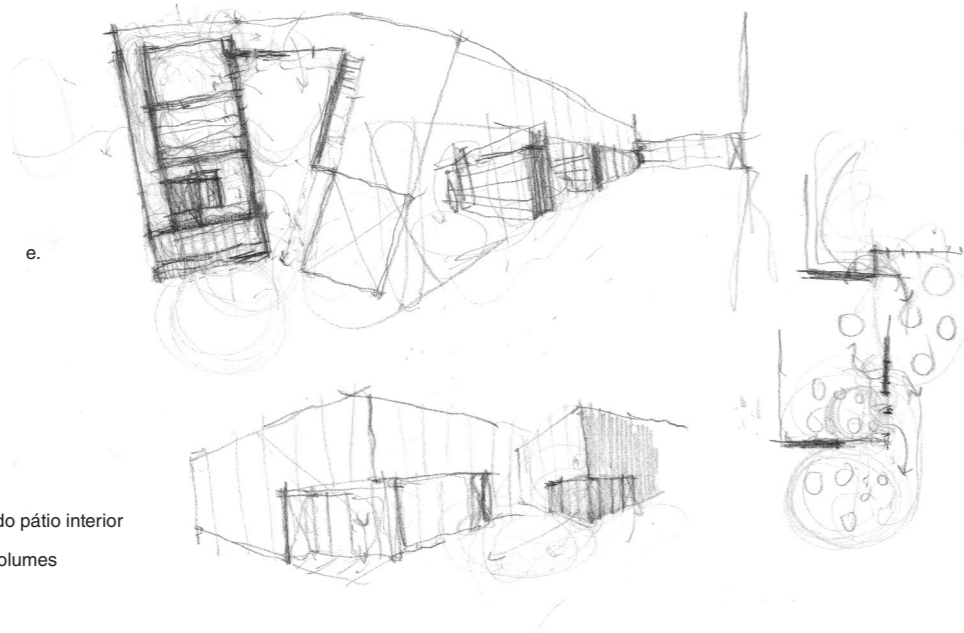
A partir do exterior, o centro de fotografia é visto como um volume denso e impenetrável que logo se revela, no seu interior, mais dócil, com um pátio permeável para dentro do edifício através de grandes panos de vidro. Cada um dos blocos possui uma função distinta. A nascente, o bloco mais baixo, de carácter publico é composto por uma cafetaria, recepção, biblioteca e uma sala de workshops. A Poente, o bloco principal, é composto por um piso térreo mais técnico com necessidades específicas de iluminação, utilização e convívio dos fotógrafos residentes com os alunos de workshop. O seu piso superior é composto por gabinetes de pós-produção para os artistas residentes e a sala de estar.

- a. estudos perspéticos do interior do patio + elevador e I.S.
- b. corte pelo estúdio + estudos perspéticos do corredor do volume nascente
- c. estudos perspéticos do exterior e interior do volume de ligação

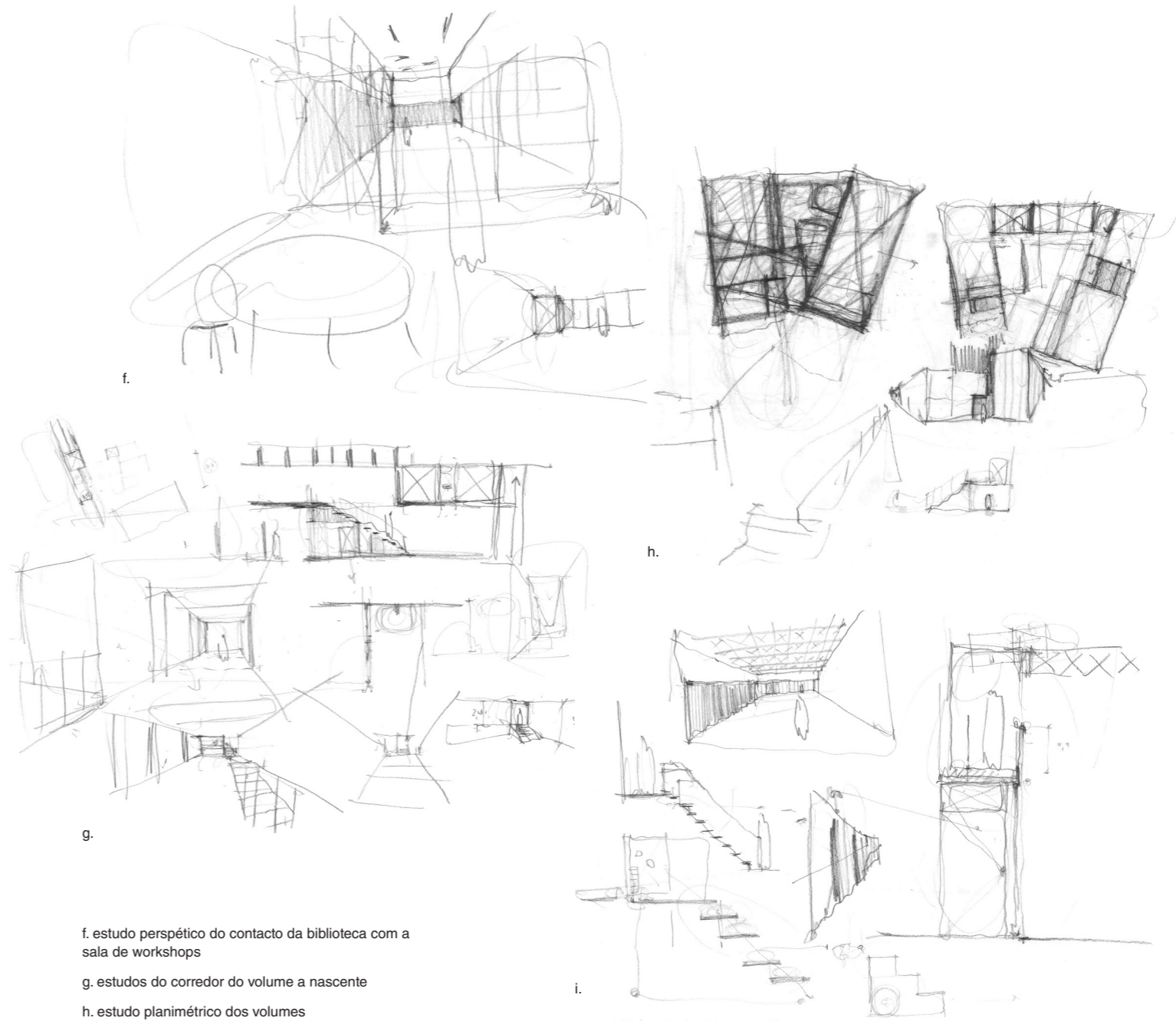




d. estudo para as entradas e desenho do pátio interior



e. estudo de proporção e relação dos volumes



f. estudo perspético do contacto da biblioteca com a sala de workshops

g. estudos do corredor do volume a nascente

h. estudo planimétrico dos volumes

i. estudos para o estúdio de fotografia



planta do piso 0

Rua da Atalaia

Rua Nicolau Coelho

Rua Pero de Alenquer

Largo da Atalaia

Rua Alexandre Herculano

Rua 9 de Abril

# núcleo de fotografia - mapa de áreas

01. recepção - 14 m2

02. cafetaria - 46 m2

03. copa - 8 m2

04. is publica- 7 m2

05. biblioteca - 24 m2

06. sala de workshops - 37 m2

07. laboratorio - 30 m2

08. sala de edição - 10 m2

09. armazem - 19 m2

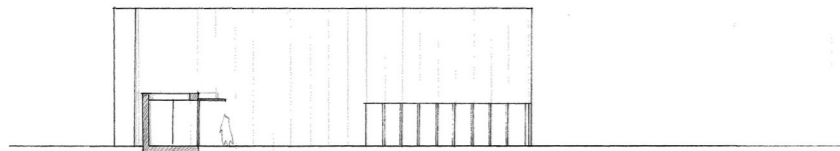
10. estúdio de fotografia - 54 m2

11. sala de convívio - 40 m2

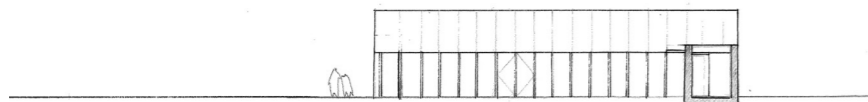
12. salas de pos-produção - 15 m2

13. is privada - 7 m2

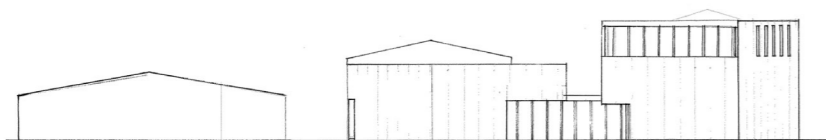
planta do piso 1



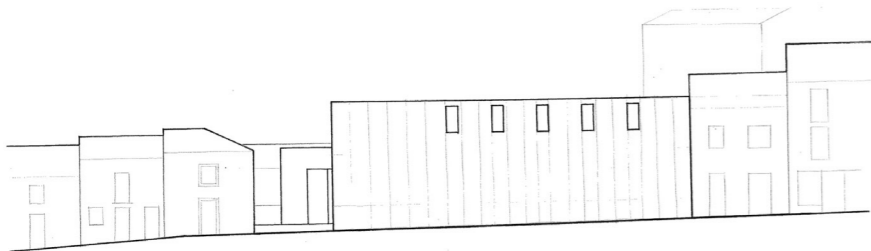
alçado interior Poente



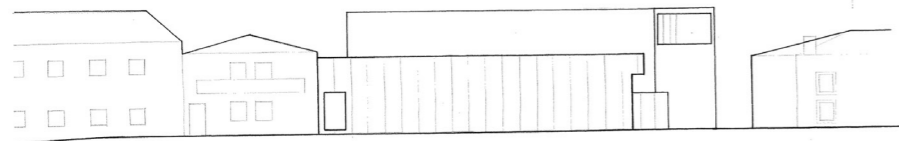
alçado interior Nascente



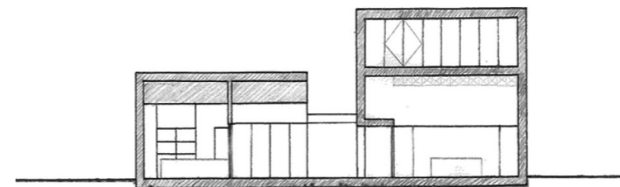
alçado Sul no Largo da Atalaia



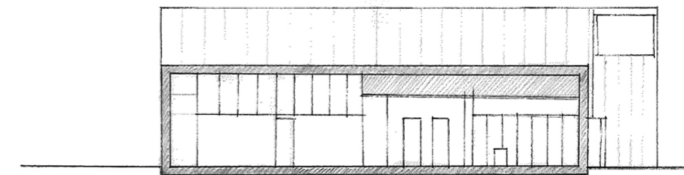
alçado Nascente pela Rua Pero de Alenquer



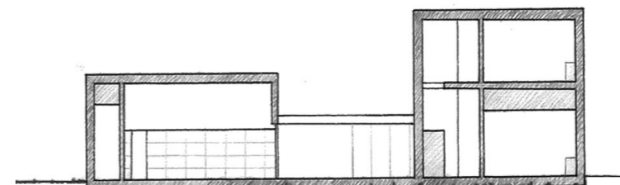
alçado Poente pela Rua da Atalaia



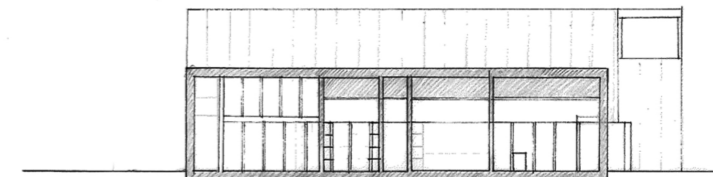
corte a-a'



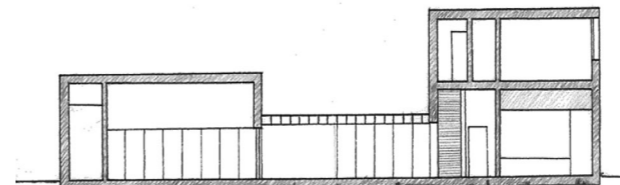
corte d-d'



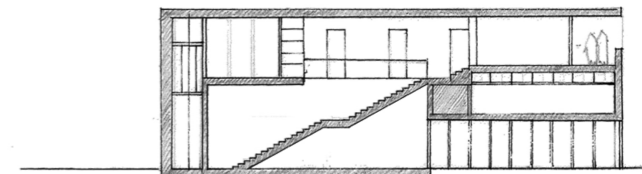
corte b-b'



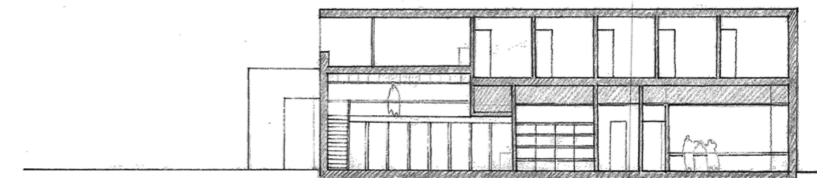
corte e -e'



corte c-c'



corte f-f'

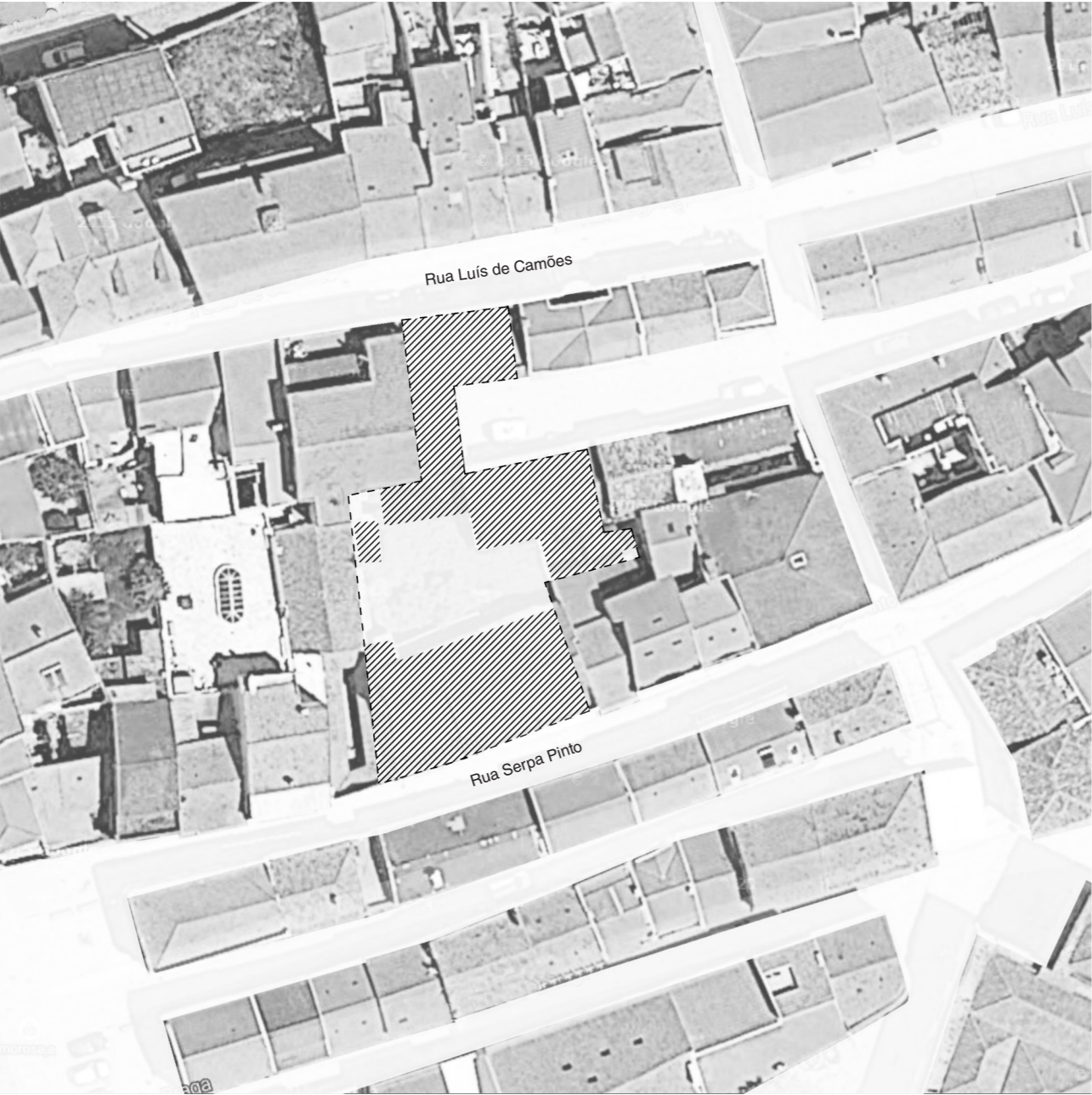


corte g-g'



Miles Davis, John Coltrane, Cannonball Adderley and Bill Evans

12. núcleo de música



rua Luís de Camões



rua Serpa Pinto



rua 1º de Maio

localização do núcleo de música

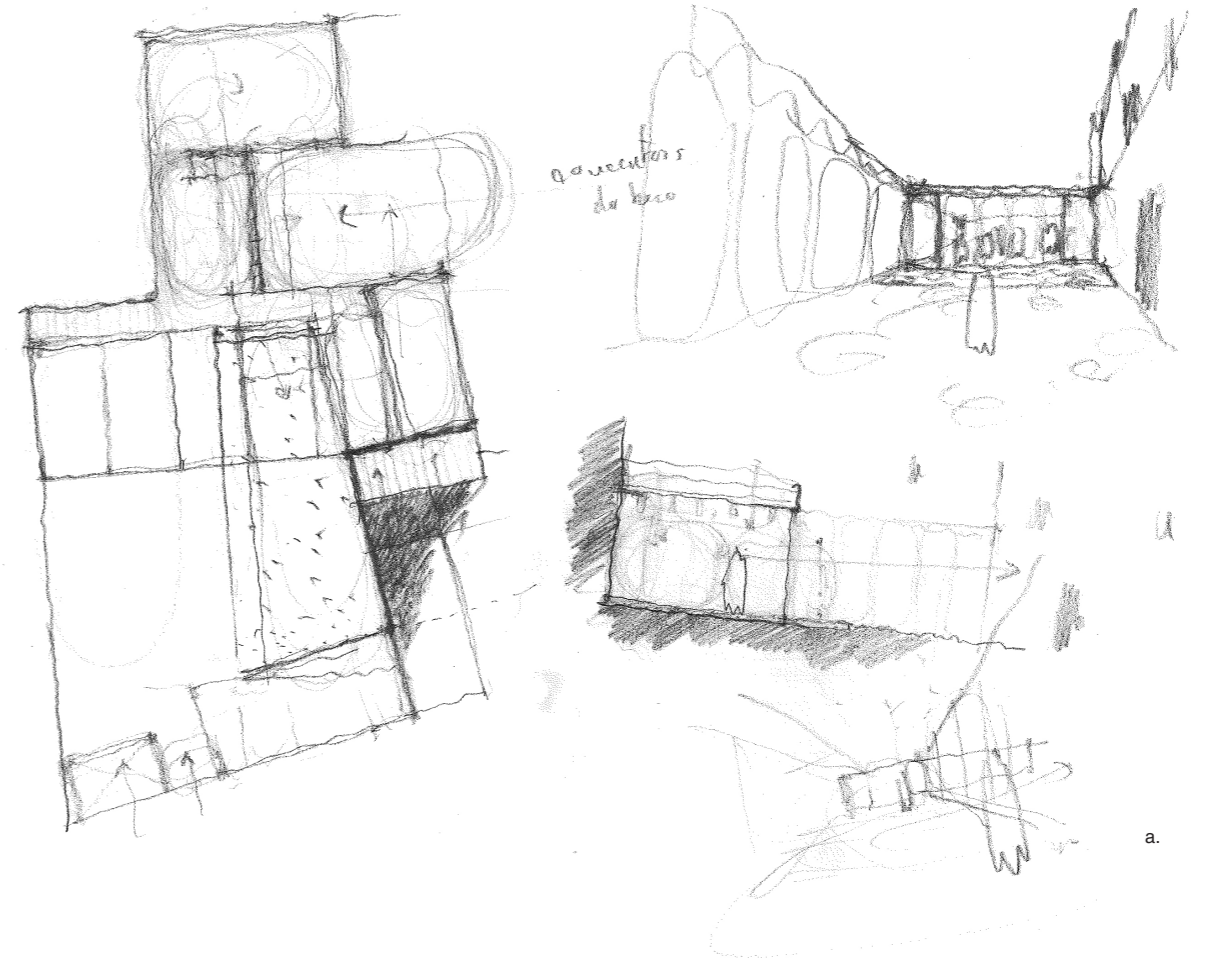
Inserido no centro histórico, o núcleo de Música encontra-se numa situação urbana bastante peculiar construída por três frentes de rua. Entre duas delas gera-se um beco. Estas ruas são compostas por edifícios que variam de escala, onde prevalece a cércea de dois pisos. Adjacente ao volume por nós criado encontra-se um edifício de escala muito baixa na Rua Serpa Pinto e um edifício de cércea alta que cria uma grande empena visível na Rua Luís de Camões.

A ideia do projeto parte de uma proposta para a redescoberta deste beco através da audição. É composto por três volumes interligados que fazem o remate das ruas e não revelam o pátio no interior, excepto no próprio beco. Estes volumes acompanham a escala de dois pisos da rua e abraçam o pátio interior que promove a reunião de músicos residentes e de músicos em formação.

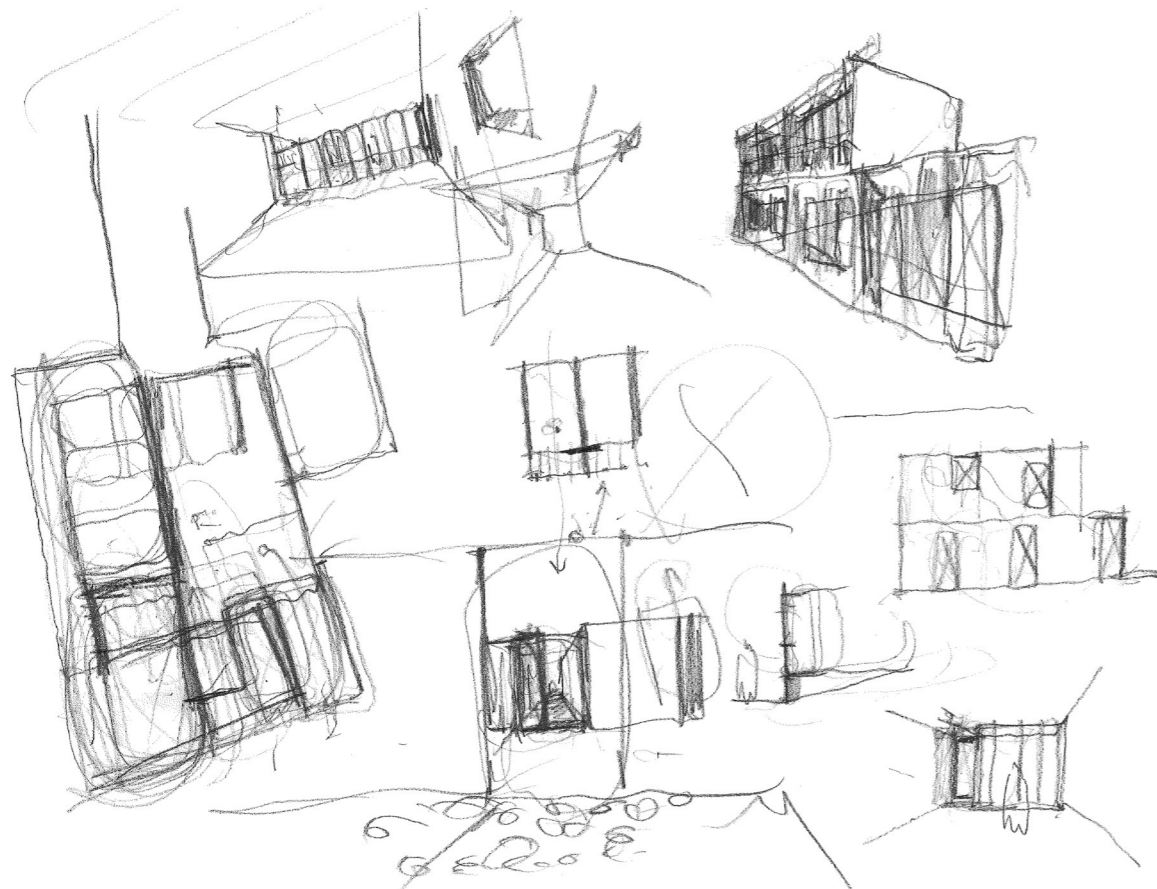
A entrada marcada no alçado da Rua Serpa Pinto abre-se para o espaço de recepção. Deste espaço acede-se à zona de workshops ou à zona de biblioteca, ambos em contacto com o pátio, a Norte. Para aceder aos ateliers individuais dos músicos atravessa-se um corredor com zona de armazenamento e exposição de instrumentos que podem ser experimentados. O desenho dos corredores e entradas foi pensado de forma a garantir a passagem de instrumentos de diferentes dimensões.

Os volumes que definem o beco são compostos pela sala de estar que se revela para uma zona mais privada do pátio e pelos ateliers dos músicos residentes que têm duas proporções diferentes e permitem uma distribuição dos

músicos consoante o instrumento que tocam. O terceiro volume marcado por um vão pontual para a Rua Luís de Camões é a sala de ensaios com uma maior amplitude para atividades dos músicos residentes em grupo. Este volume é ligado através de uma zona de palco que compõe o fundo do beco e que poderia funcionar a par de iniciativas como o FMMundo, dinamizando a Rua 1º de Maio.

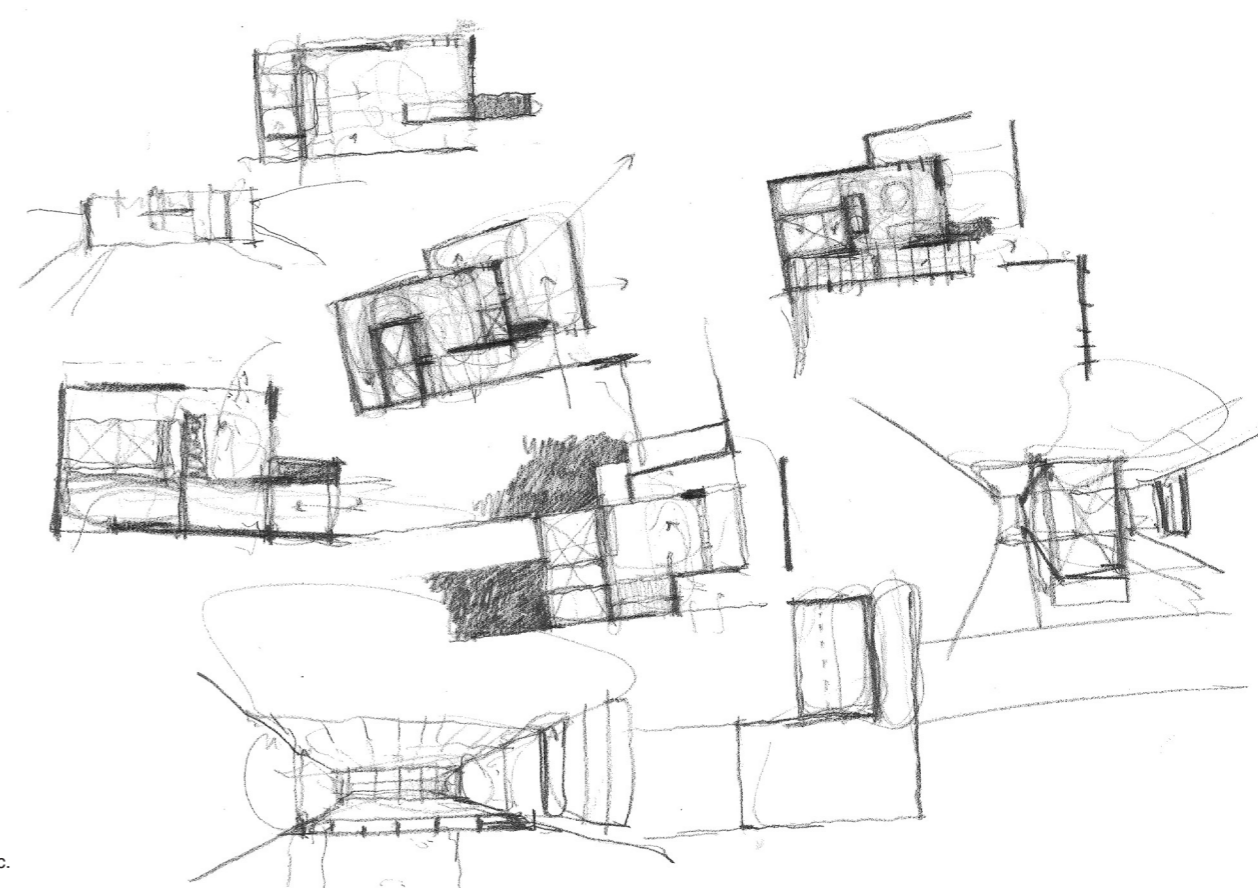


a. estudos para o desenho beco



b.

b. estudos para o alçado interior

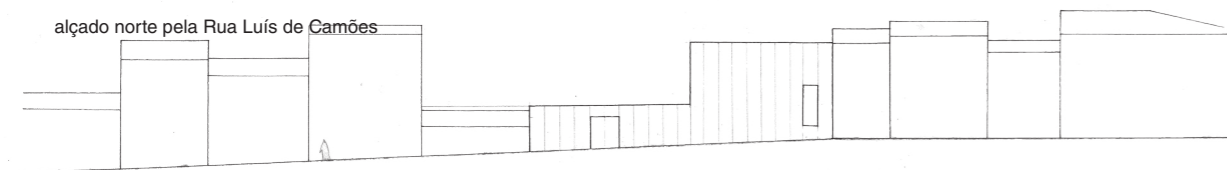


c.

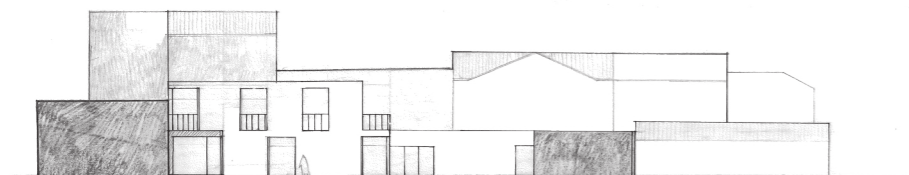
c. estudos para a sala comum e espaço de concertos



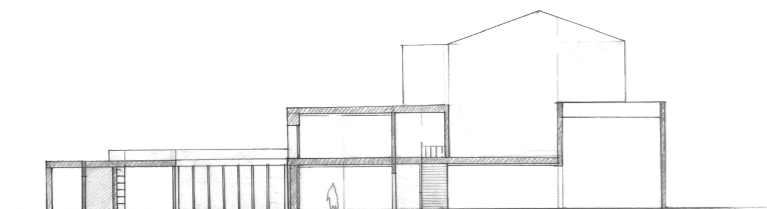
alçado norte pela Rua Luís de Camões



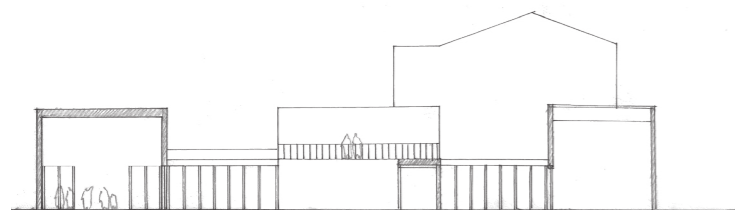
alçado Sul pela Rua Serpa Pinto



corte trasversal interior



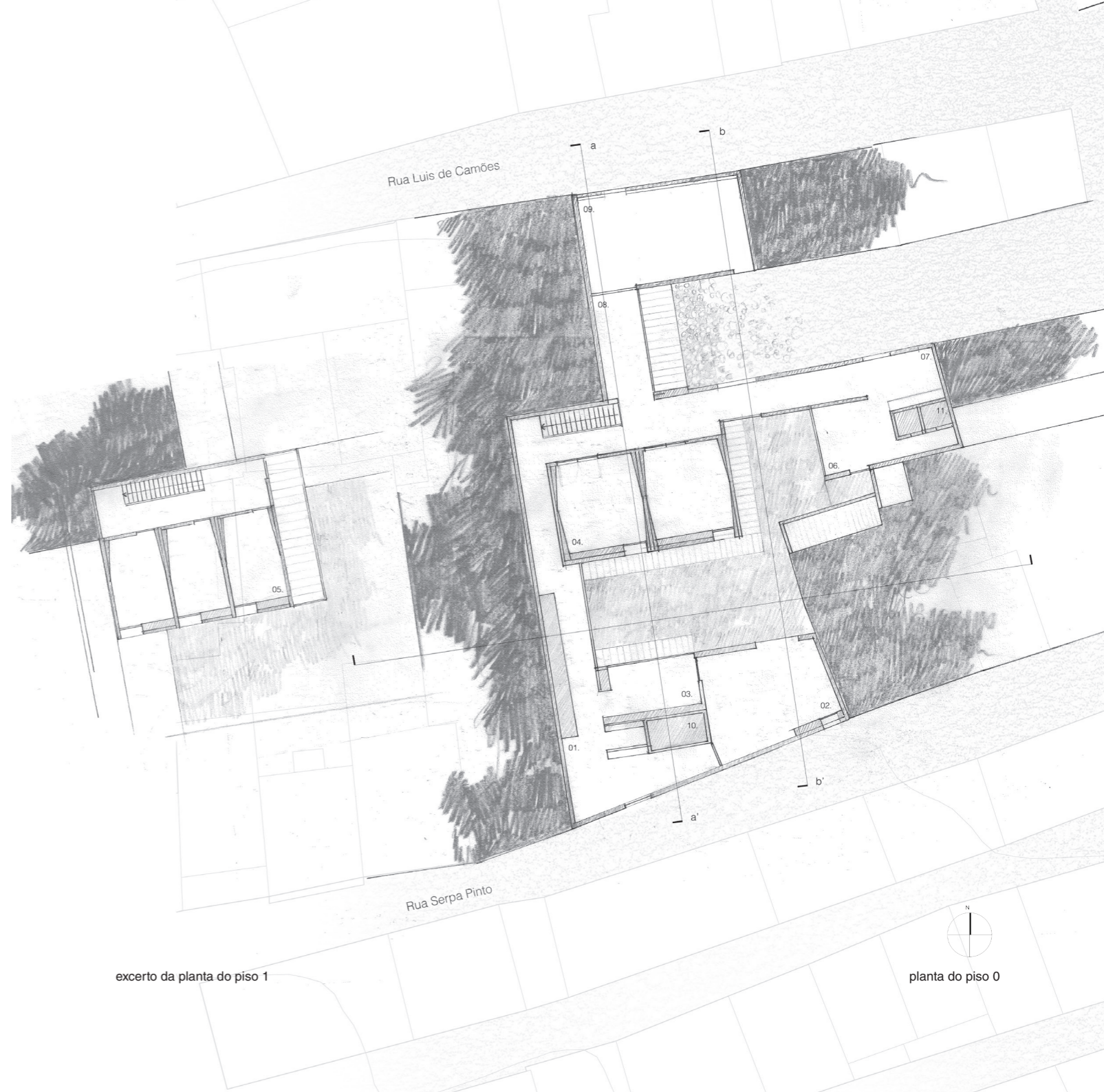
corte longitudinal a-a'



corte longitudinal b-b'

núcleo de música - mapa de áreas

- 01. recepção - 20 m2
- 02. sala de workshops - 56 m2
- 03. biblioteca - 28 m2
- 04. estúdios de maior amplitude - 35 m2
- 05. estúdios de menor amplitude - 28 m2
- 06. sala de convívio - 28 m2
- 07. copa - 15 m2
- 08. palco - 28 m2
- 09. sala de ensaios - 84 m2
- 10. i.s. pública - 8 m2
- 11. i.s. privada - 8 m2



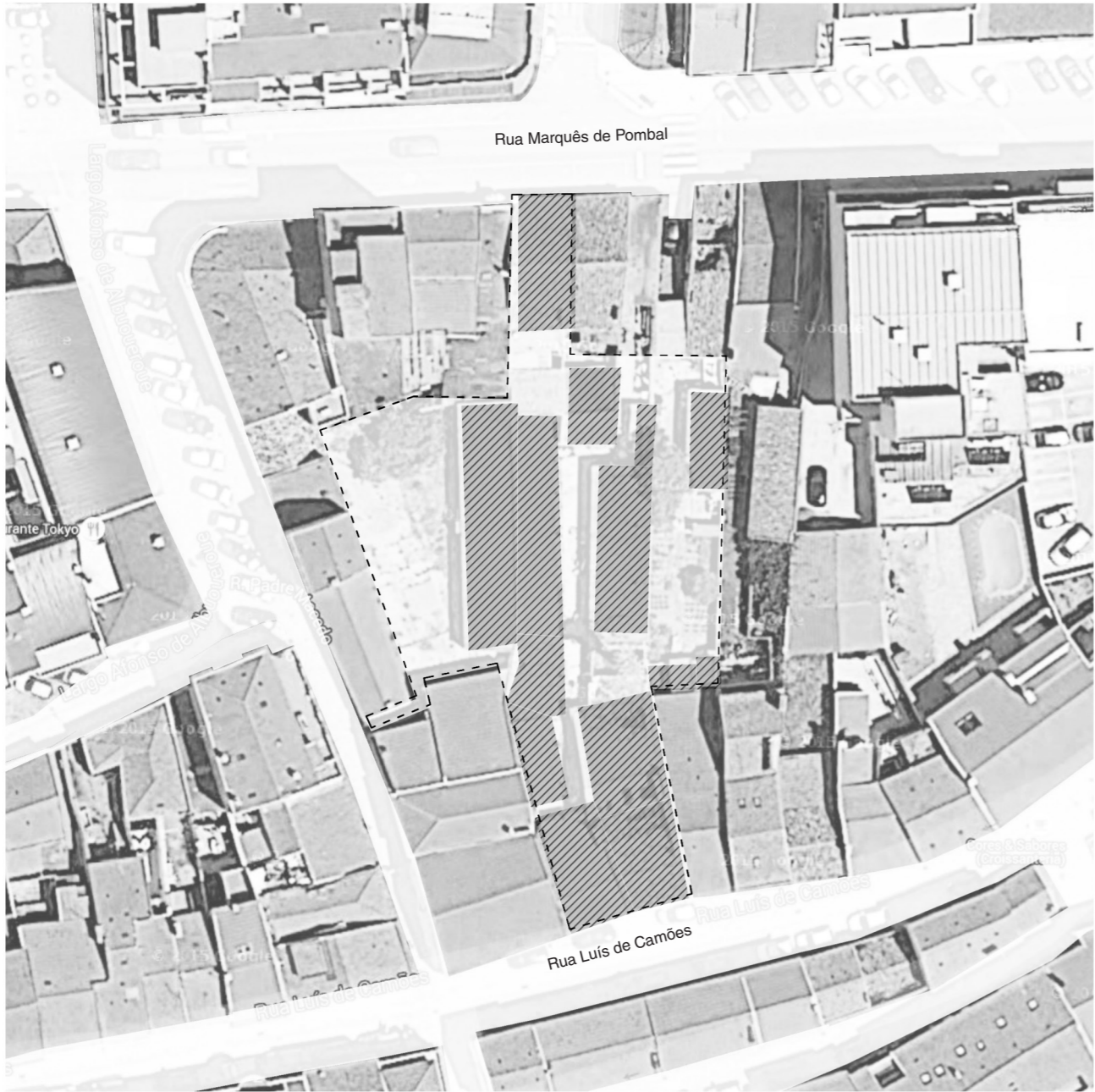
excerto da planta do piso 1





Antoni Tàpies no seu atelier

13. núcleo de pintura



rua Luís de Camões



rua Luís de Camões

localização do núcleo de pintura



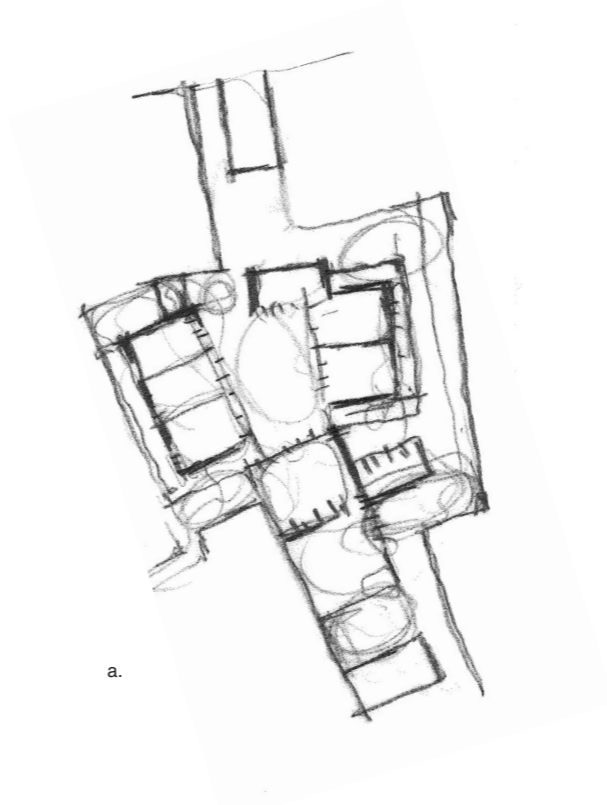
rua Marquês de Pombal

O projeto nasce da iniciativa da ligação de duas ruas através da exploração de um interior de quarteirão: a Rua Luís de Camões, pertencente ao centro histórico e caracterizada por edifícios de traça tradicional com escala de dois pisos; e a Rua Marquês de Pombal, desenhada no tecido urbano na década de 50 e que é composta por edifícios de escalas contrastantes, desde edifícios de cariz vernacular de um só piso até construções mais recentes que chegam a alcançar os 5 pisos.

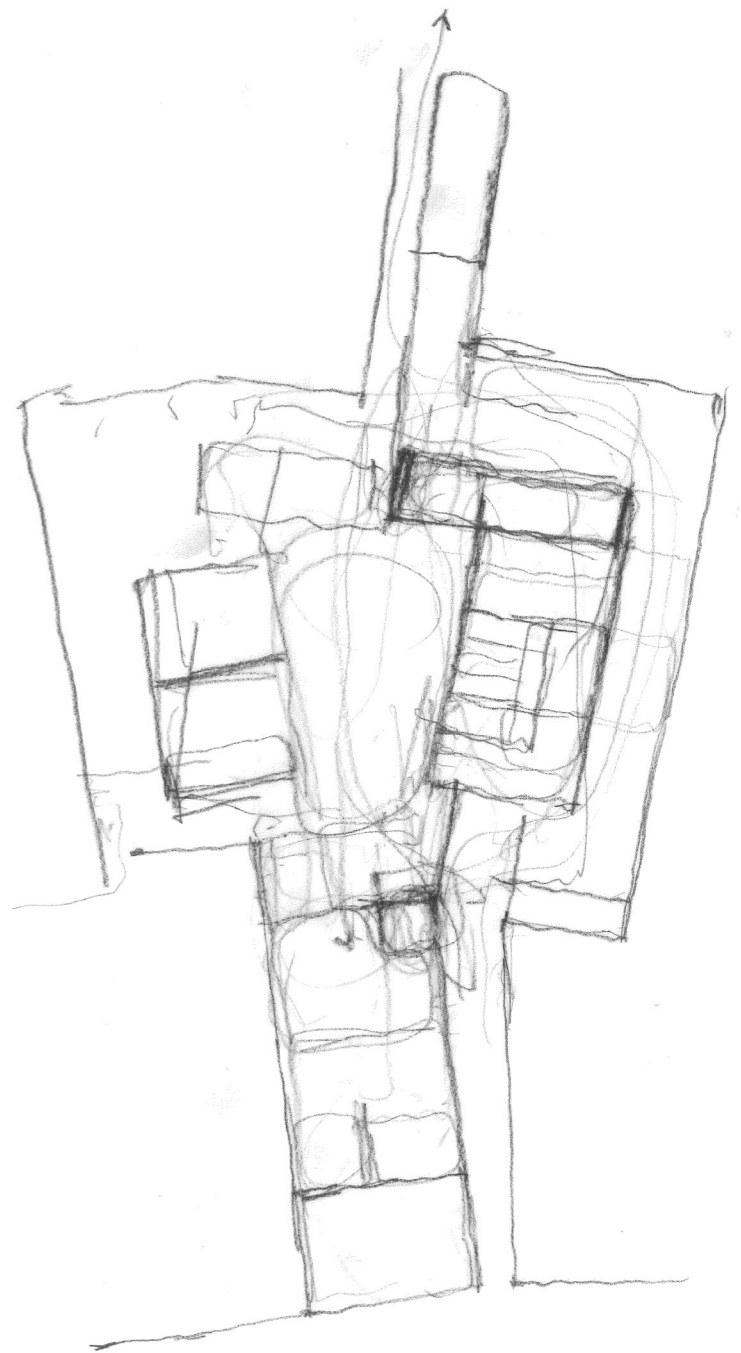
O projecto procura explorar as potencialidades deste interior de quarteirão tirando partido da orientação solar e posição estratégica de trabalho com os muros e anexos dos edifícios circundantes para construir espaços exteriores e interiores de carácter mais público ou privado, dentro do percurso proposto.

O percurso estabelece em ambas as frentes um enfiamento visual de profundidade e propõe através do desenho do seu pavimento uma linha-guia ao transeunte que o conduz ao interior do quarteirão. As partes de oferta formativa á população revelam-se para a rua. No interior existe uma relação direta entre a zona de formação e o trabalho do artista residente através de uma permeabilidade em profundidade para a zona de oficinas e o pátio adjacente. Transposto este volume, descobre-se o jardim público alimentado por uma biblioteca de pintura que serve a população e os artistas residentes. Este jardim é composto por elementos sombreadores de zonas de leitura e exposição exteriores e do volume dos ateliers individuais dos artistas. O volume contruido acompanha a tendência natural do lote e contém

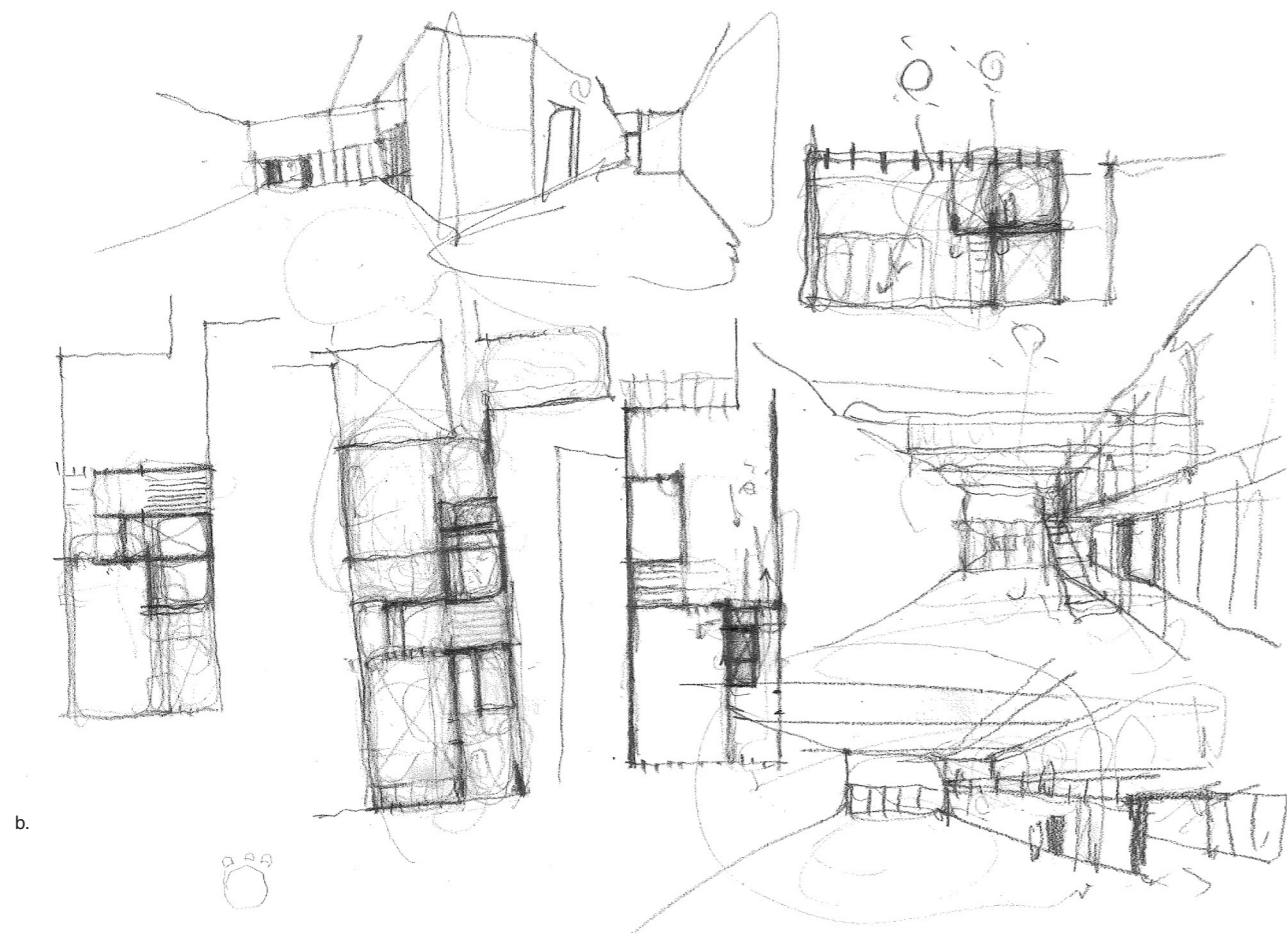
um pátio mais privado a poente destinado ao trabalho exterior privado das oficinas individuais dos artistas. Este vazio pode ser acedido a partir do exterior do quarteirão, permitindo uma independência de acessos a todas as partes envolvidas. O percurso termina com a proposta de um elemento vertical de galeria de exposição que marca a outra entrada deste percurso longilíneo e horizontal ao mesmo tempo equilibra as cêrceas da Rua Marquês de Pombal cujo alçado é marcado por arritmias de alto contraste entre cotas. O edifício define assim uma narrativa sobre si próprio que influencia todo o desenho deste interior de quarteirão agora reabilitado e como novo Jardim e percurso público de continuidade para a parte nova da cidade, através do alinhamento com a Rua 20 de Abril.



a.

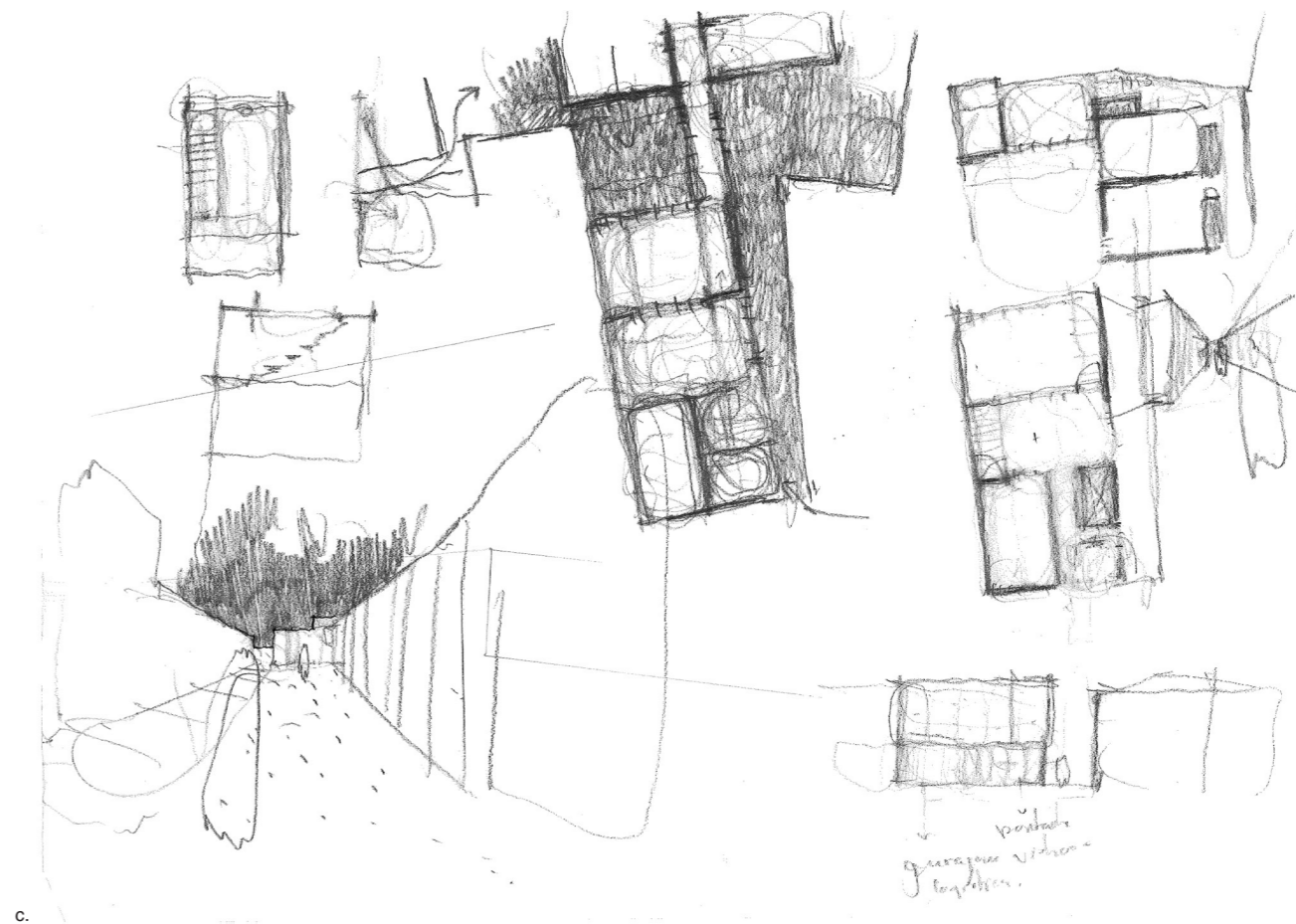


a. estudos de implantação das oficinas



b.

b. estudos para a sala de workshop e oficina comum



c.

c. estudos para a sala de workshop e oficina comum

e. estudos para as oficinas individuais  
f. planta e perspectiva do limite norte do lote



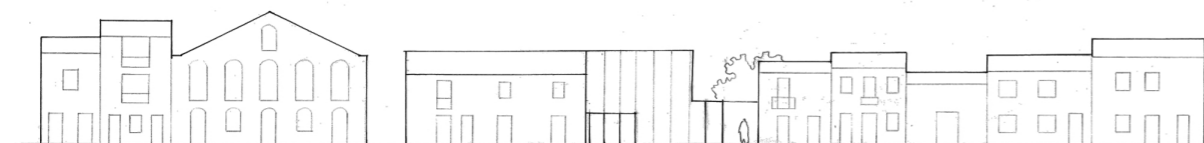
f.

- núcleo de pintura - mapa de áreas
- 01. recepção - 15 m2
  - 02. sala de workshops - 54 m2
  - 03. espólio - 18 m2
  - 04. armazém de material - 15 m2
  - 05. oficinas - 66 m2
  - 06. biblioteca - 32 m2
  - 07. ateliers individuais - 36 m2
  - 08. sala de convívio - 36 m2
  - 09. i.s. pública - 7 m2
  - 10. i.s. privada - 9 m2





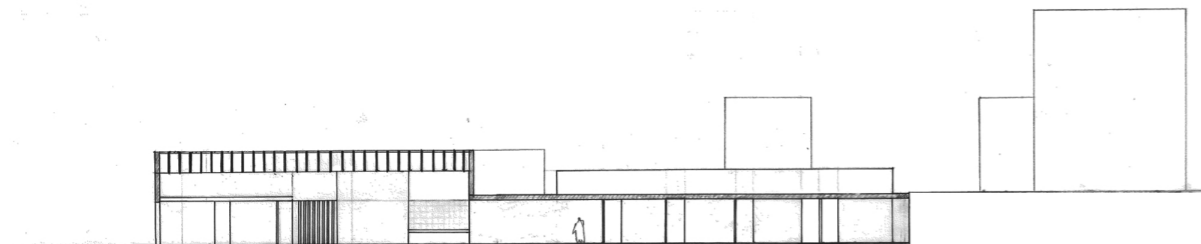
alçado Norte pela Rua Marquês do Pombal



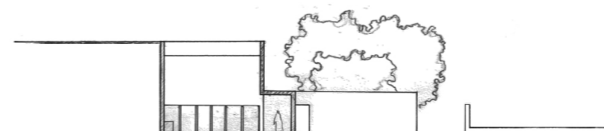
alçado Sul pela Rua Luís de Camões



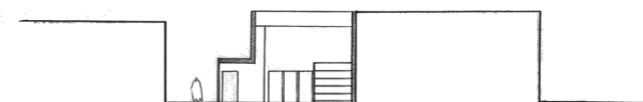
corte longitudinal c-c'



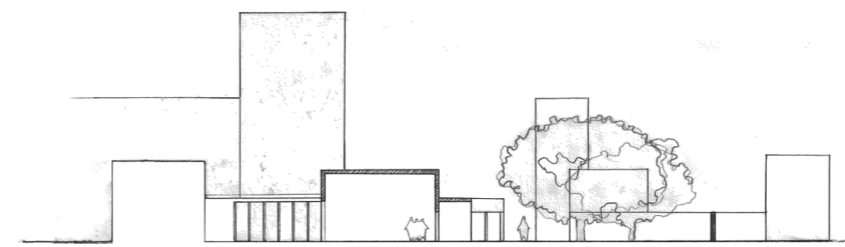
corte longitudinal d-d'



corte transversal e-e'



corte transversal f-f'



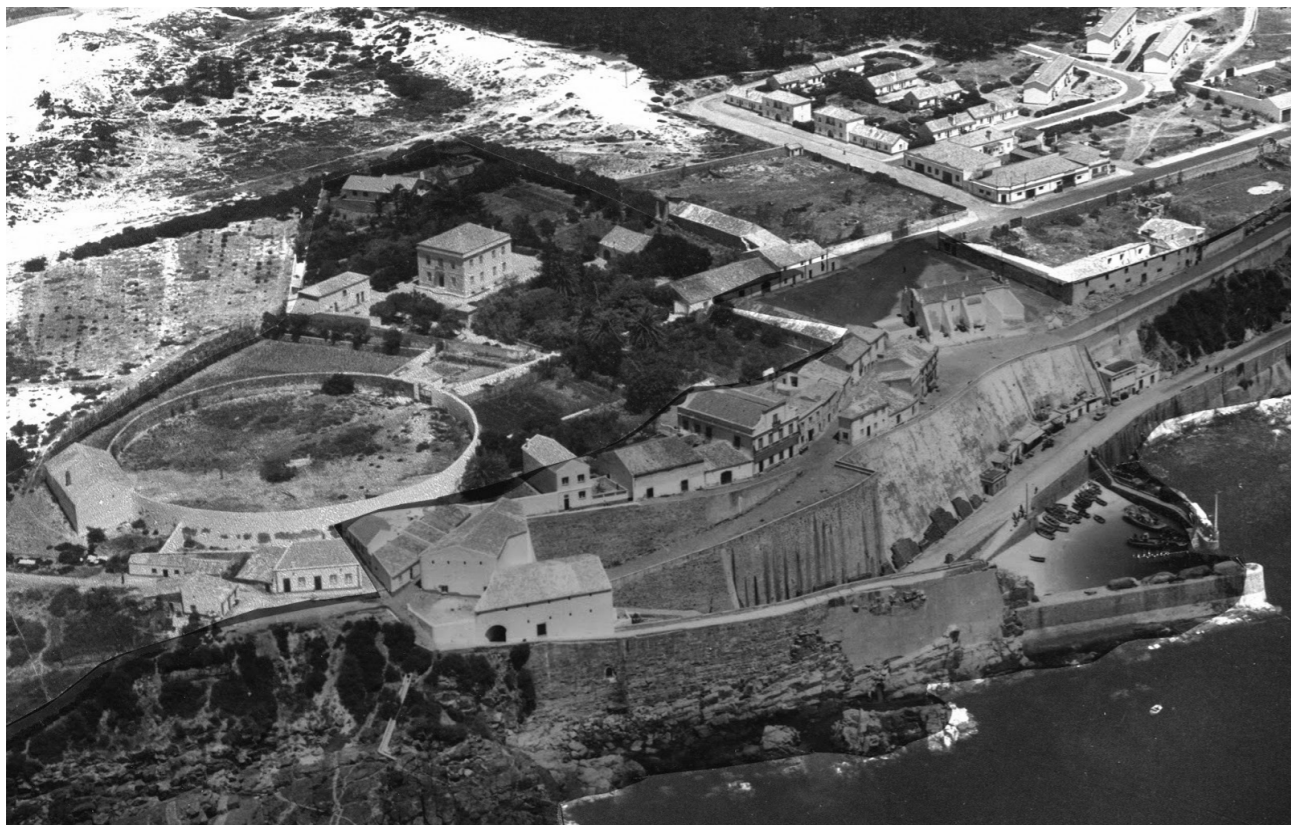
corte transversal g-g'



corte longitudinal h-h'

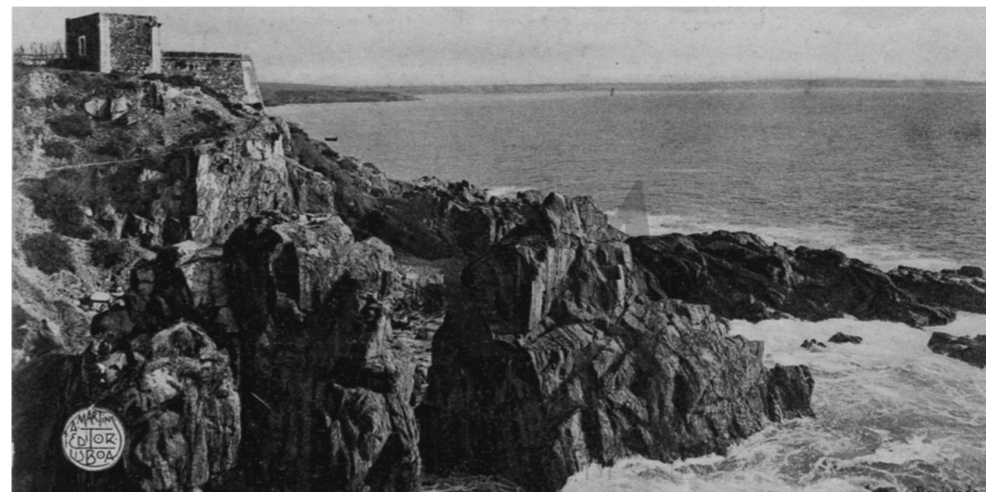
Proposta individual.  
Residências artísticas no planalto do pontal



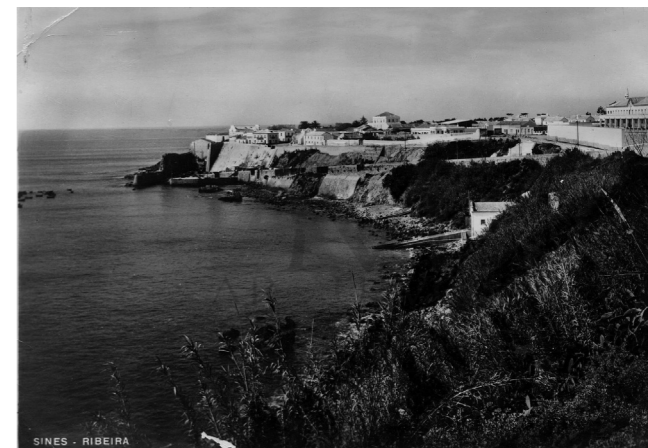


Fotografia aérea. Calheta e Pidwel de St.ª Isabel

● Fotografia aérea da cidade de Sines. escala 1.2500, página anterior



Forte do Revelim



vista sob a costa. Ao fundo a casa Pidwell de St.ª Isabel e Calheta

## O Largo dos Penedos da Índia

Quem pela Rua Direita segue a caminho da Ribeira, encontra a pouco de mais de meio da vila um largo aberto para o mar como um miradouro donde se apreende todo o panorama da baía cingida no abraço dos rochedos do Pontal e do Forte. A um lado da rua que começa neste largo, levanta-se uma característica casa de estilo mourisco, recolhida por detrás de um varandim para onde se sobe por toscas escadas de pedra, apostas à parede exterior. Casa remota de muros caiados, donde pende, em grinaldas um maciço de flores a tingirem de vermelho e verde a alvura das paredes inestéticas.

Ao Sul limitando o largo, corre um muro baixo nascendo da barroca que se despenha, erizada de piteiras, canaviais esguios e desoladas salgadeiras, pobre vegetação parasitária, até à praia das bicas, seixosa, onde o mar sussurra monótono no contínuo embate das suas ondas. No muro talhou-se um cadeirão em todo o comprimento, onde os pescadores olham saudosos o mar. Mais para cá, ao fim das ruas que no largo desembocam, e aproveitando a depressão do terreno que faz declive, ergue-se um muro em quarto de círculo, formando um recinto, que nos dá a ideia da ponte de comando de um navio que o mar ali tivesse arrojado num momento das suas fúrias. Nesta parte mais elevada dos Penedos permanecem de noite os homens de vigia à espera que na sombra da noite e lá ao longe o facho rubro de um archote indique sinal que há peixe na armação, e que os calhaus lestos têm de ir chamar as companhas, num barulho de batida à porta dos tugúrios, num bradar gritante de “Arriba que a armação facheou!”

Aqui neste largo aberto para o mar como um minarete passam as horas, os dias de ociosidade, os pescadores de Sines, quando o mar os não deixa pescar, porque se embraveceu, e furioso parece querer devorar a terra, ou porque uma nortada rija encapelou de cachão a superfície ondulante da água salgada.

Todas as gerações de pescadores por aqui têm passado, e alguns houve em tempos idos que nunca daqui passaram, sendo certo que até sabiam que “havia um poço no Rossio por ouvirem dizer”, frase que significa que os pescadores pouco se afastavam do mar. Por aqui passaram todas as gerações de pescadores desde a infância turbulenta e inculta, até à velhice desamparada, triste e saudosa.

Os homens rudes, tostados de alcatrão e do ar salino que lhe bronzeou a pele rugosa onde se venceu o *ritus* da dor e do sofrimento, pela luta de muitos anos com o elemento indómito, aqui se agrupam à muitos anos a fitar saudosos o mar, a ralhar, a praguejar, a repetir pela centésima vez a

história daquele enorme picacho que ao chegar à borda do bote, - “estava já a deitar-lhe o pichero” – partiu cercezinho o anzol mesmo pela enloiradada. “Grande peixe... tinha mais duma arroba”... E logo outros; - “E daquela vez lá no mar da sarda, começa a vir garroa.. o vento a pertar do noroeste... a pertar... a pertar... e o Mamenucha “isto não tem dúvida, ao vir da lua o vento amaina...” Ora eu bem dizia... nisto vem uma refrega maior... e... zás... a verga partida mesmo pelo carro. E o Canhona vai também contar a sua história, falando muito, os cantos da boca resumindo saliva nicotinizada do tabaco mascado – pela crise do tabaco roeu um cesto de cana.

Os exageros sucedem-se, imodestamente, cada um vangloriando-se da sua afoiteza ou da sua perícia piscatória. E sempre foi assim e será enquanto houver pescadores em Sines.

Nos Penedos por vezes um ou outro passeante se detém a gozar a vista soberba da baía, ou escutando curioso a típica conversação dos destemidos homens do mar. Mas o habitual frequentador deste sítio, o que sabe quantas pedras tem esta tosca calçada, o que nós vemos ali noite e de dia, de verão e de inverno, é o pescador, que só em dias de festa, ou em actos muito solenes da vida – casamento, baptismo ou enterro – se engolfa pelas ruas centrais da vila. O pescador vive em contacto permanente com o mar, lutando dentro dos frágeis botezinhos, na luta ininterrupta pela vida, ou olhando-o saudoso e triste quando o mar irado e espumante de raiva o não deixa pescar e não dá nem escama – “Está no mar um cão não há nem carrau” – frase consagrada dos pescadores que indica a proximidade do inverno impiedoso.

Os penedos é o lugar preferido pelos pescadores para os seus colóquios- é o seu parlamento sem presidente nem secretário.

**Júlio Gomes da Silva**

Jornal “Renovação” Sines,

15 de Novembro de 1931



Calheta 1990





entrada entre muros pelo largo da igreja de N. Srª das Salas



casa Pidwell de Stª Isabel



actuais jardins da Quinta de Stª Isabel



casa Pidwell de Stª Isabel



Capitania



vista parcial do antigo muro do sequeiro de cortiça



antigo acesso ao sequeiro de cortiça



zona dos tugúrios dos pescadores



vista parcial do antigo muro do sequeiro de cortiça



antigo acesso ao sequeiro de cortiça



antigo acesso ao sequeiro de cortiça



Forte do Revelim



Forte do Revelim

## Proposta de intervenção

Já pouco resta daquela que foi a Quinta de St<sup>a</sup> Isabel, na altura propriedade dos Pidwell, uma família com grande impacto no desenvolvimento da economia da cidade através da indústria agrícola, conserveira e corticeira. Após a decadência da quinta, a sobreposição sucessiva de acções de ocupação avulsas e pouco sensíveis ao território ao longo dos anos, conduziram inevitavelmente à erradicação da memória do lugar, criando um espaço sem orientação, desconexo e fragmentado, de uma banalidade desproporcionada à sua relevância histórica. Dessa ruína resta apenas a casa principal, também ela vazia e em avançado estado de decomposição. É sobre essas marcas apagadas que o desenho se desenvolve. A intervenção tem por base três premissas estruturantes: da contenção do vazio através da (re)construção dos seus limites físicos, da reorganização desse interior com a definição de percursos lineares e da apropriação do lugar através da materialização do programa das residências.

A proposta encerra o vazio através de um muro, a nascente, a poente e a norte, no contacto com a cidade, e liberta-o a sul em direcção ao mar. No seu interior, são definidos percursos pedonais que estabelecem a ligação entre os pontos notáveis do território: a nascente, a capela de Nossa Sr<sup>a</sup> das Salas, a sul a Calheta, o aglomerado de casas dos pescadores e o Forte do Revelim, e a norte a Casa Pidwell. No centro desta trama, o programa ocupa o espaço vazio deixado pelo antigo sequeiro de cortiça pertencente à quinta, uma grande praça circular murada, com 70 metros de largo, que determinava a geometria do território. Da memória dessa marca resiste apenas um pequeno troço embalsamado e pouco mais. O projecto procurou reinterpretar este limite, recuperando a sua relevância enquanto símbolo. Mais do que a matéria de muro, interessava trabalhar sobre a sua forma, a qual determinava física e temporalmente o vazio, criando uma intriga entre aquilo que ele contém e aquilo que ele rejeita, entre o que está dentro e o que está fora.

A Nordeste, o final da antiga rua direita é marcado pelo vazio do largo da igreja de Nossa Sr<sup>a</sup> das Salas. É por aí que entramos, primeiro entre construção e logo a seguir entre muros, para os jardins do planalto. Ao fundo, o horizonte é definido a toda a largura, pela presença de uma estrutura horizontal baixa. À medida que nos aproximamos vamos progressivamente desvelando, entre as árvores, a natureza curva da construção. A ideia ganha detalhe e toma a forma de edifício. Compreendemos as suas dimensões, a sua altura. A profundidade do pórtico que constrói a sua fachada é dada por um ritmo intenso de lâminas verticais de betão, que projetam a sua sombra num segundo plano de vãos recuados, que intuem a presença do programa.

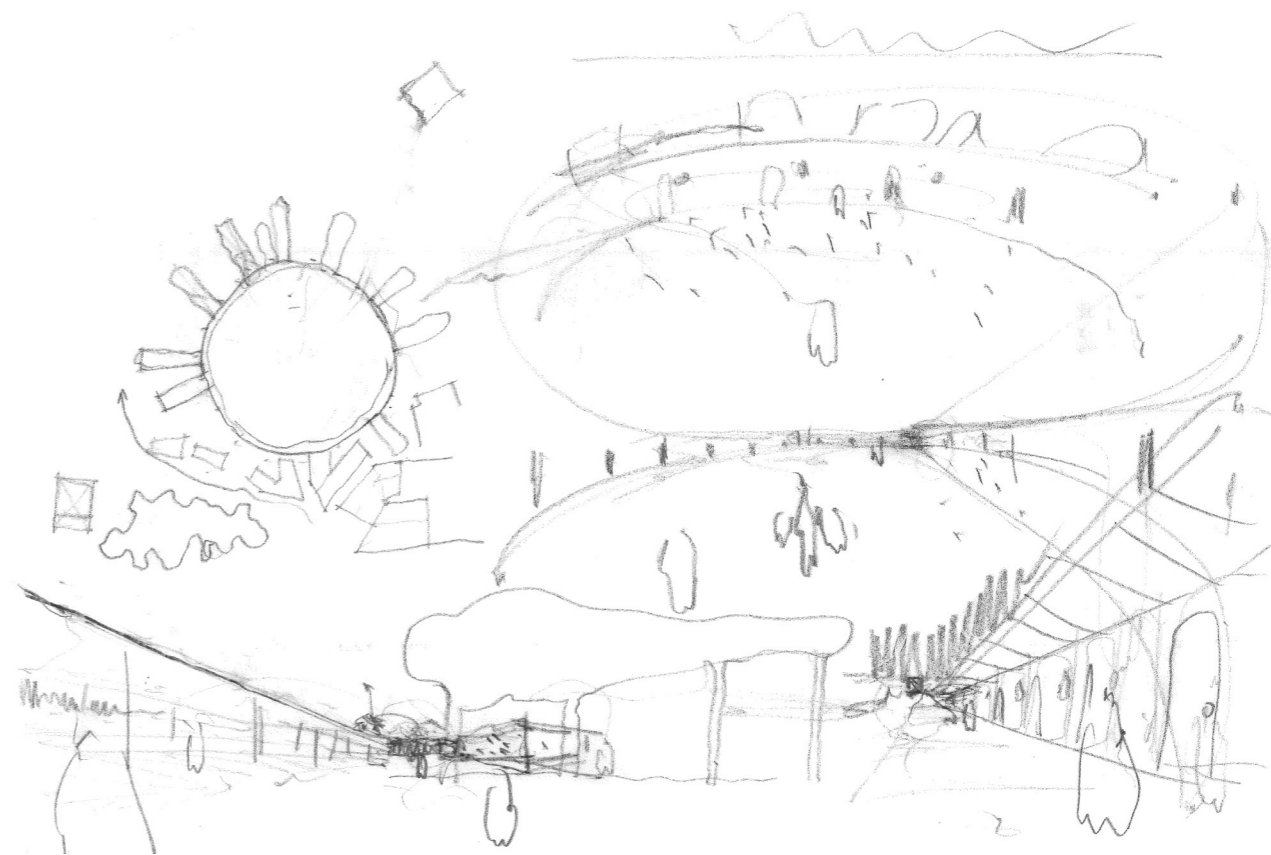
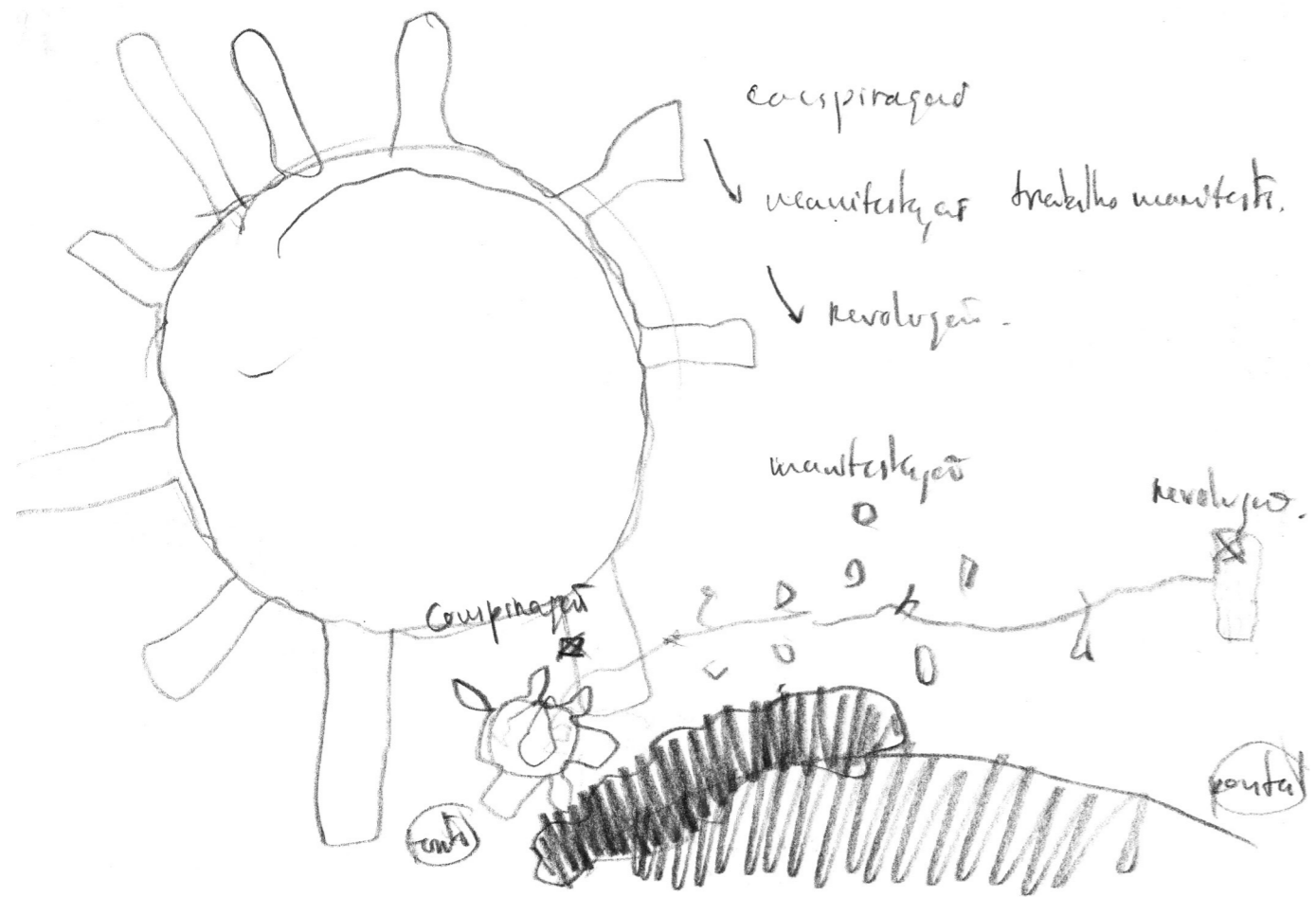
Somos conduzidos ao interior desta caixa por uma longa rampa, que se afunda no terreno e nos conduz, a uma cota mais baixa, a um claustro, que contém no seu centro uma praça pontuada por árvores, elementos verticais, que contrastam com a horizontalidade do volume. A serenidade interna deste espaço contraria a intensidade formal da sua face exterior e constrói a ideia de um âmagio mais reservado e silencioso. Um ponto de fogueira marca o plano de terra e sugere a ideia de um centro comum. Apercebemo-nos ao fundo de um vazio de céu e de mar que permanece ainda assim como uma paisagem interior, filtrada pela presença de um pórtico de betão que se solta do volume construído até terminar no lenho que faz a ligação entre a cota dos tugúrios dos pescadores e a cota do claustro. O percurso circular é definido superiormente, por uma pala de betão baixa, suspensa sobre o vazio. Por cima deste reduto, num segundo plano, os vãos recuados marcam a presença de vida nas habitações sobranceiras. As paredes densas definem um embasamento que contém o terreno. O acesso aos núcleos é feito por perfurações nesta massa através dos quais um acesso de escadas, estreito, conduz a um átrio de entrada, um pouco mais largo, partilhado por duas habitações, marcado pela luz que atravessa as claraboias.

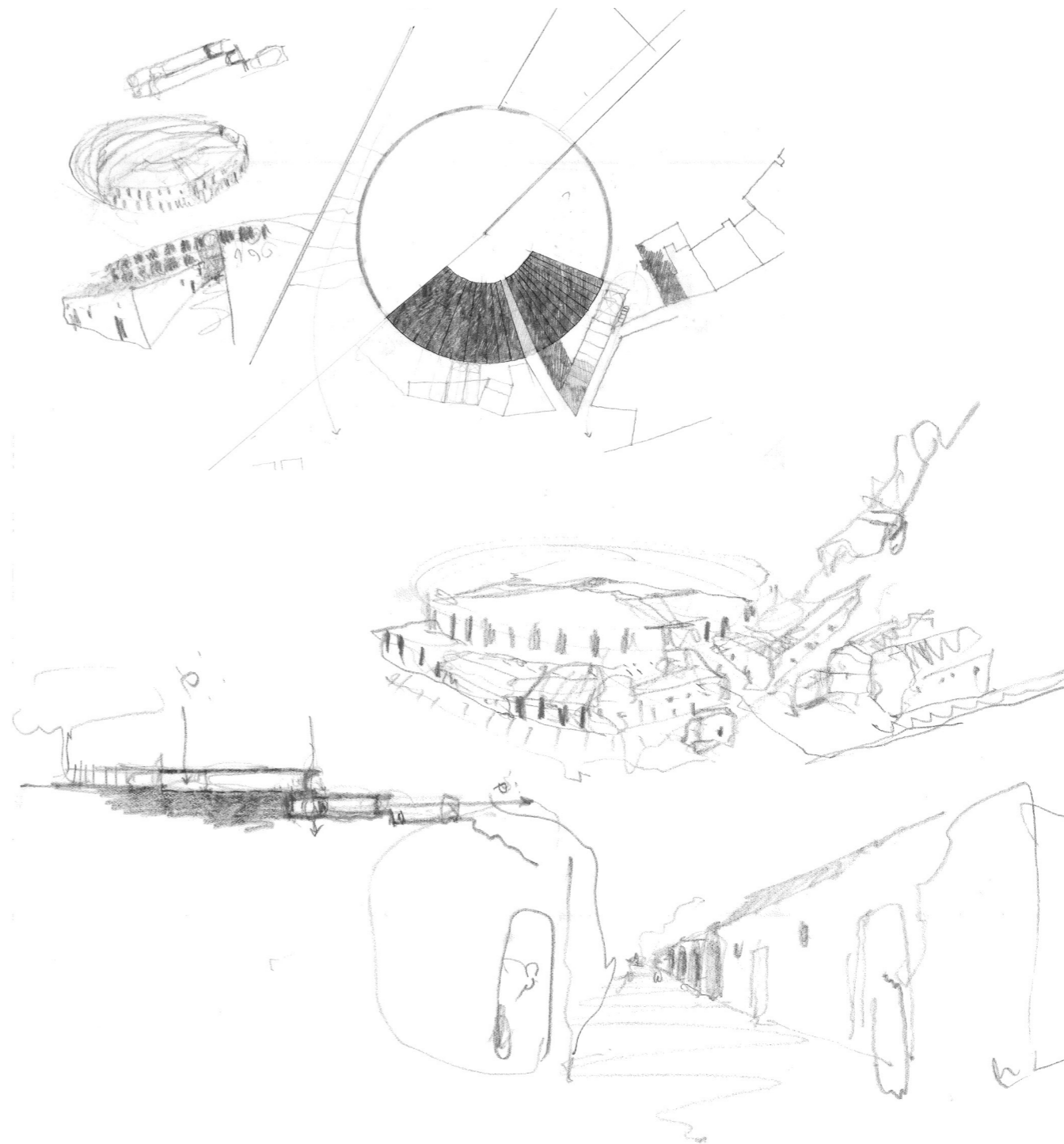
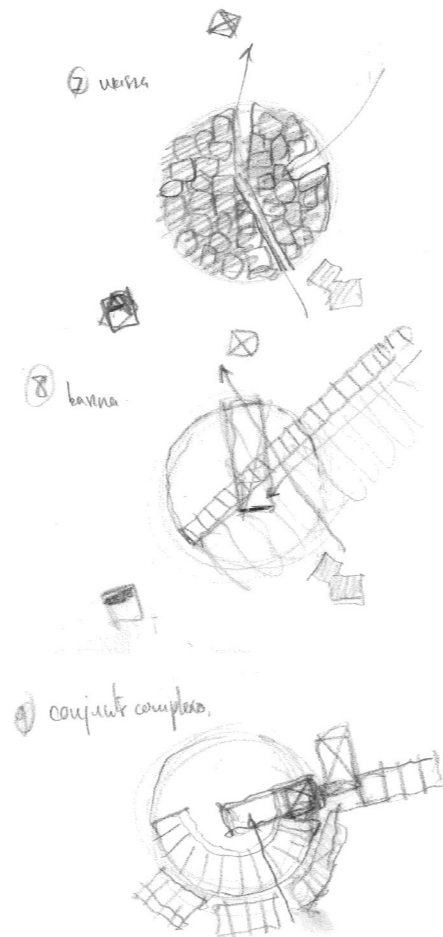
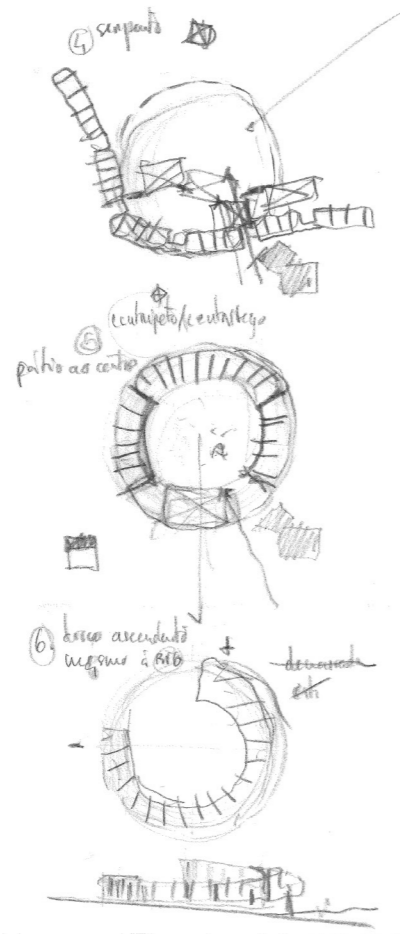
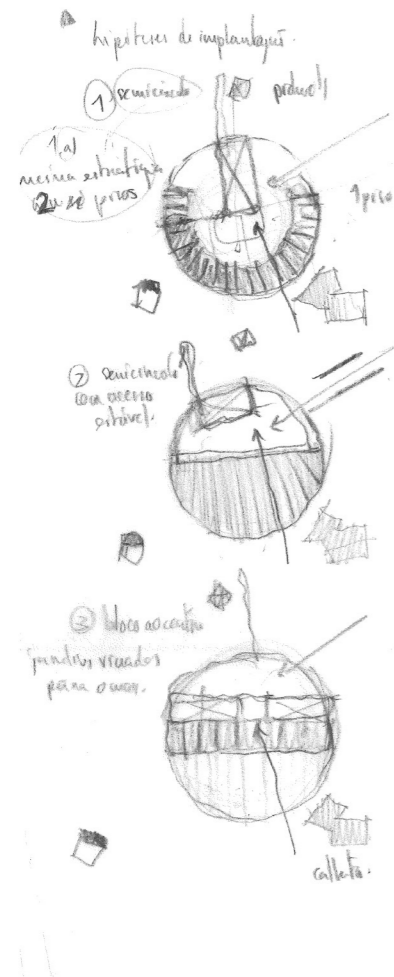
No interior dos núcleos, um espaço contínuo é marcado ao centro por um volume que define a zona de entrada e determina duas áreas distintas. A sala, mais ampla, é virada para o exterior. A variação altimétrica do seu plano superior, estabelece um contraste entre uma zona mais baixa, relacionada com a cozinha aberta e uma zona mais alta, que alcança a dimensão vertical das lâminas de betão exteriores. Do outro lado, no quarto, um parapeito alto define, por cima da pala de betão, uma relação directa com as copas das árvores e com o interior do claustro. Não existem dois refúgios iguais. A distribuição circular do programa revela em cada interior um exterior diferente, ingreme ou de nível, sobranceiro ao mar ou mais próximo da floresta que o envolve.

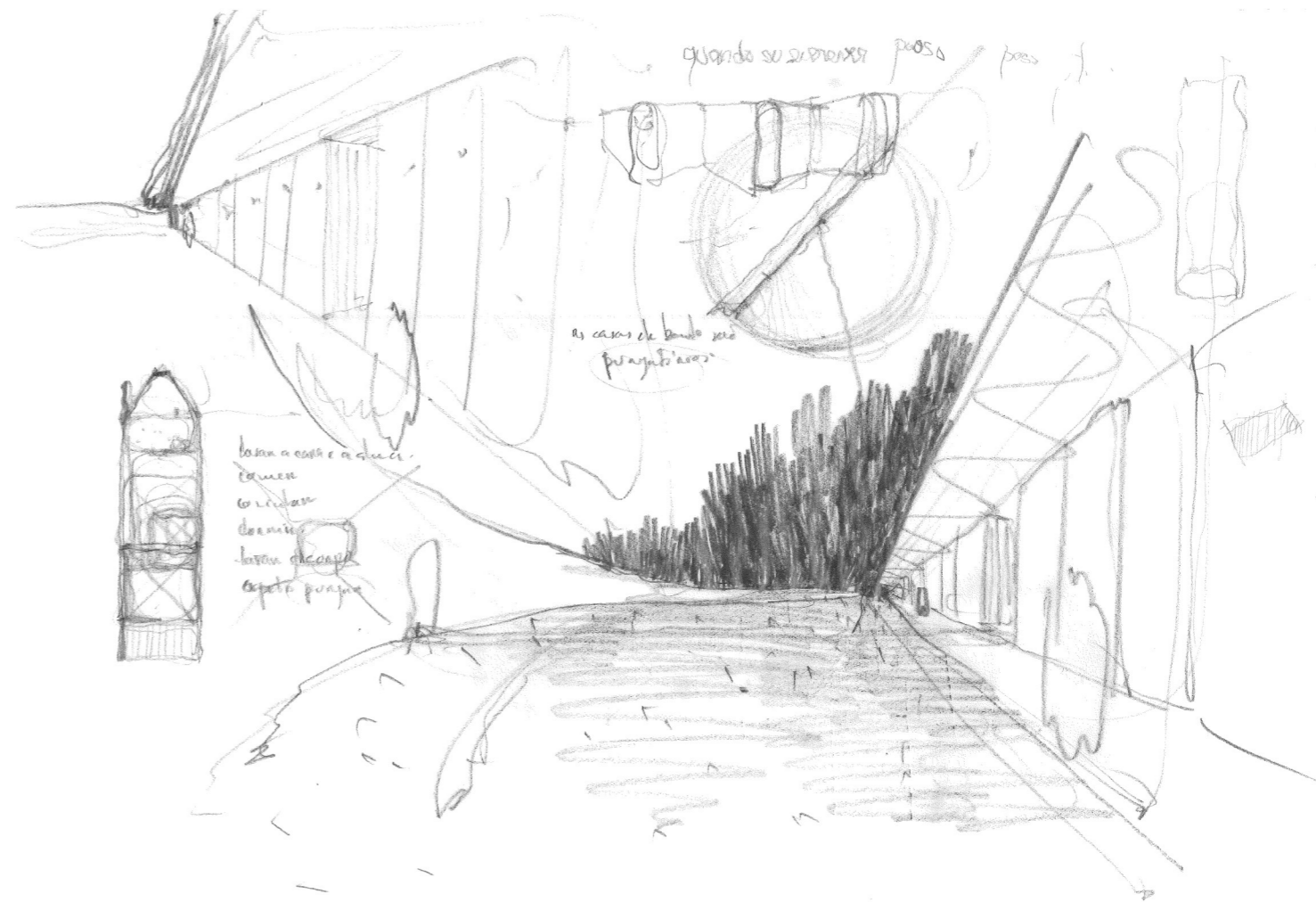
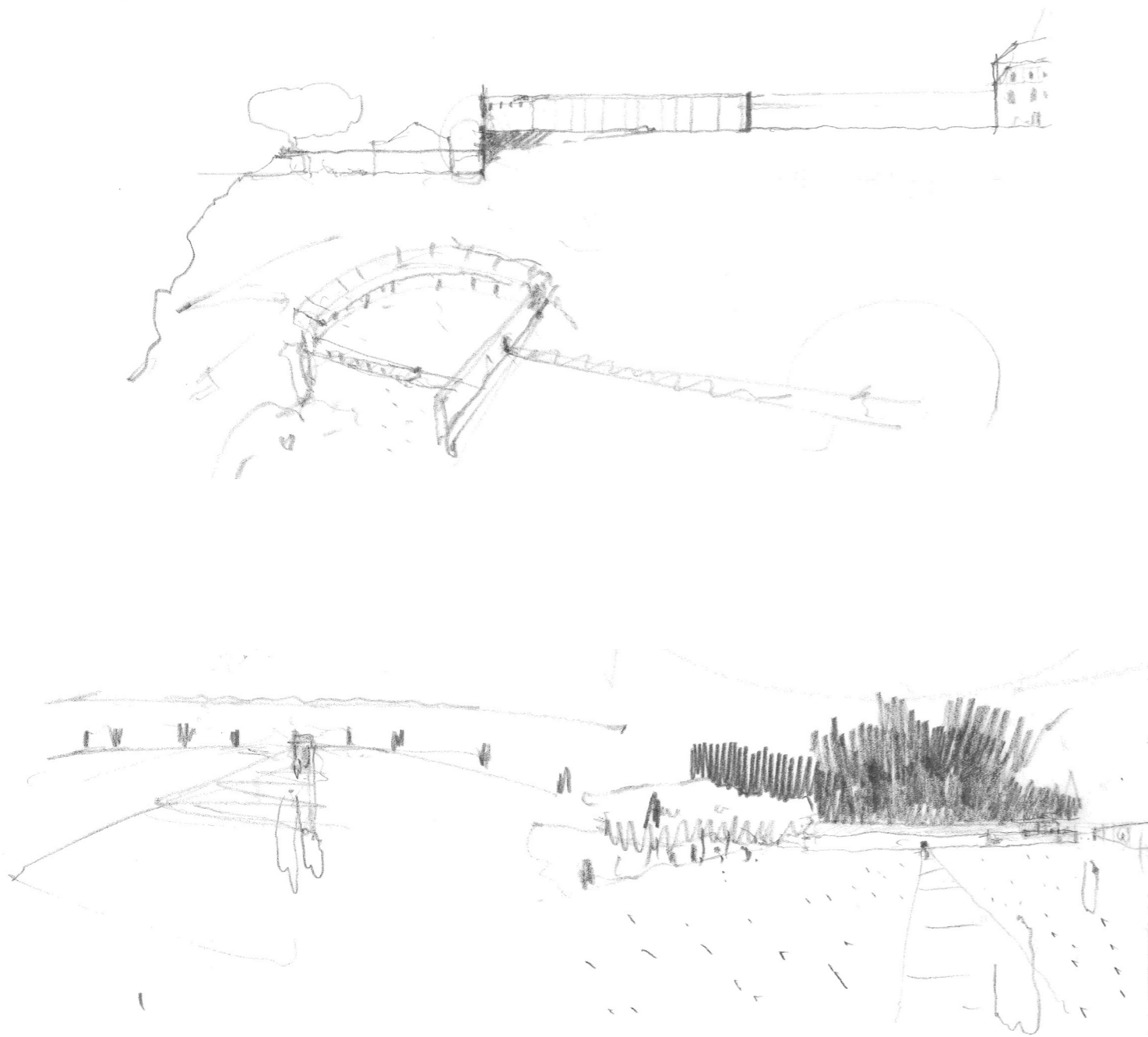
A igualdade de circunstâncias é restabelecida a sul no espaço comum de convívio, mais próximo do mar. Os vãos recuados relativamente à fachada, dão lugar a uma varanda que liberta a volumetria do edifício da sua largura constante.

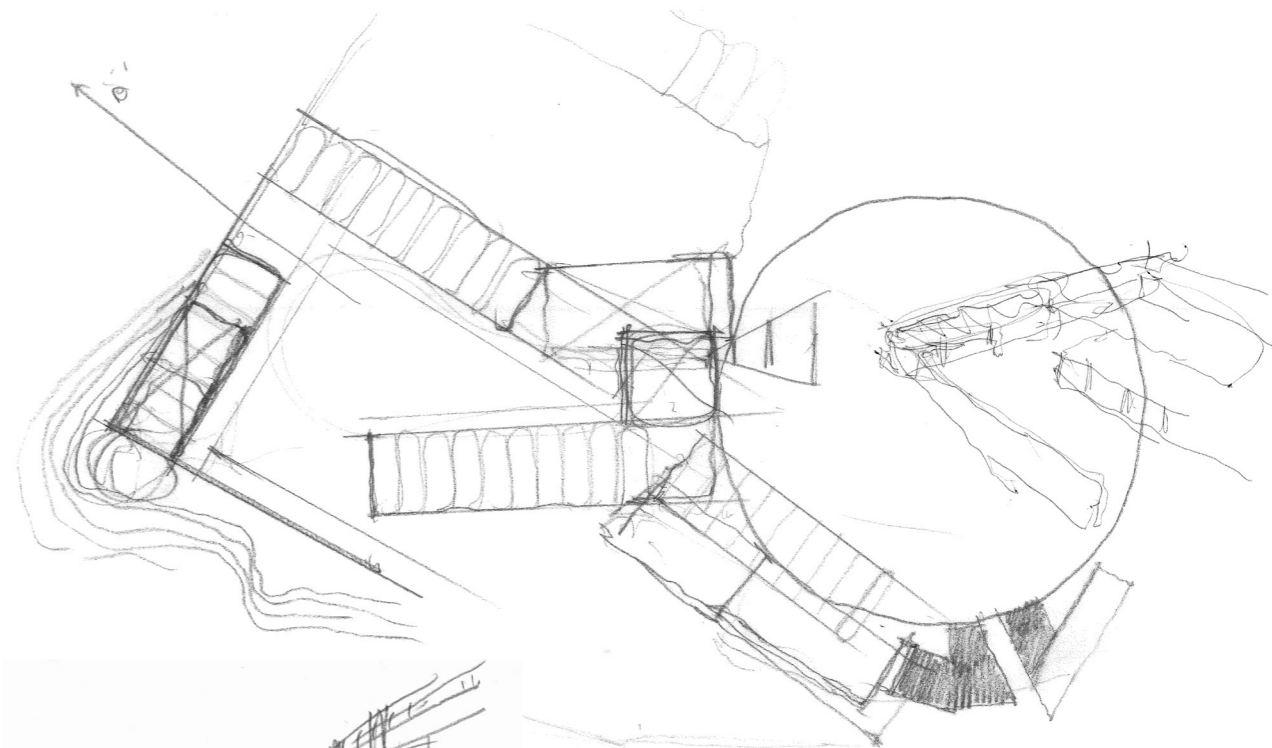
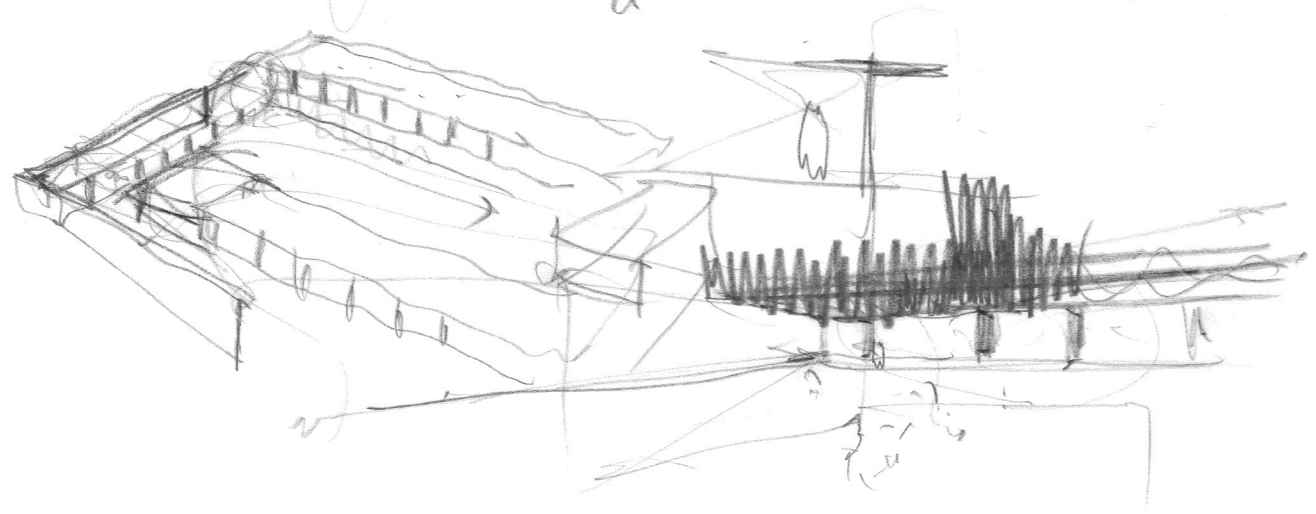
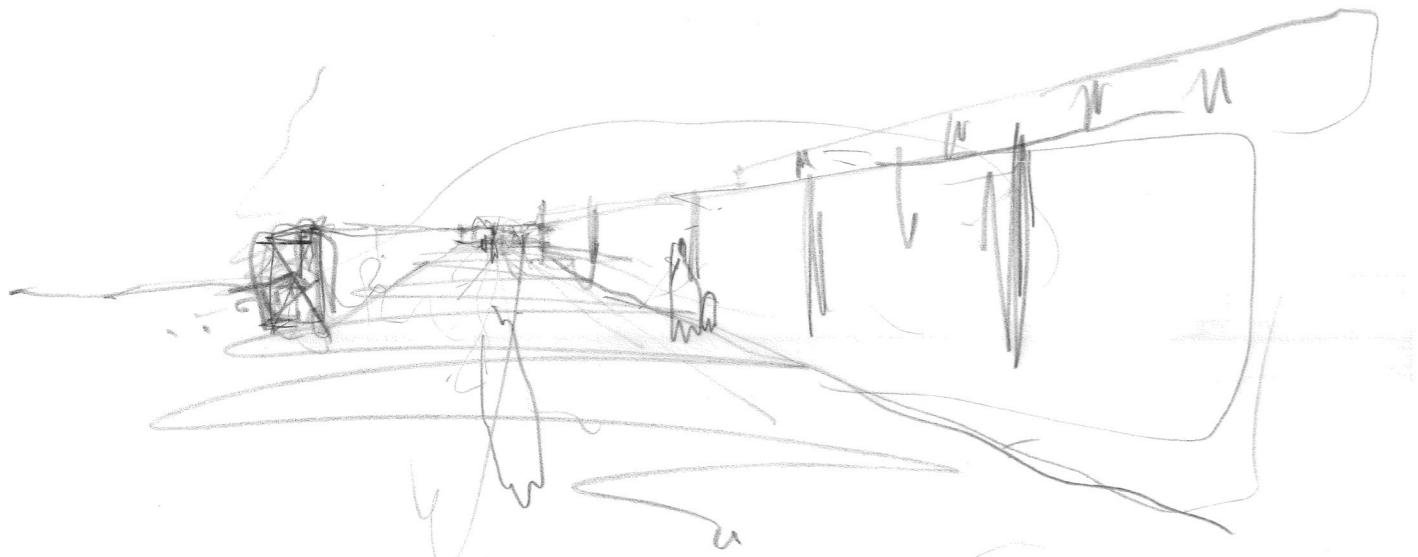
Quando o perímetro construído termina dá lugar a um miradouro, um desvio de uma narrativa circular contínua, que se relaciona com o horizonte e completa a ideia de um refúgio distante, isolado numa enseada entre duas costas. Podemos imaginá-lo ao longe, visto do mar, de um barco, como um muro de dia e um farol de noite ou de madrugada.

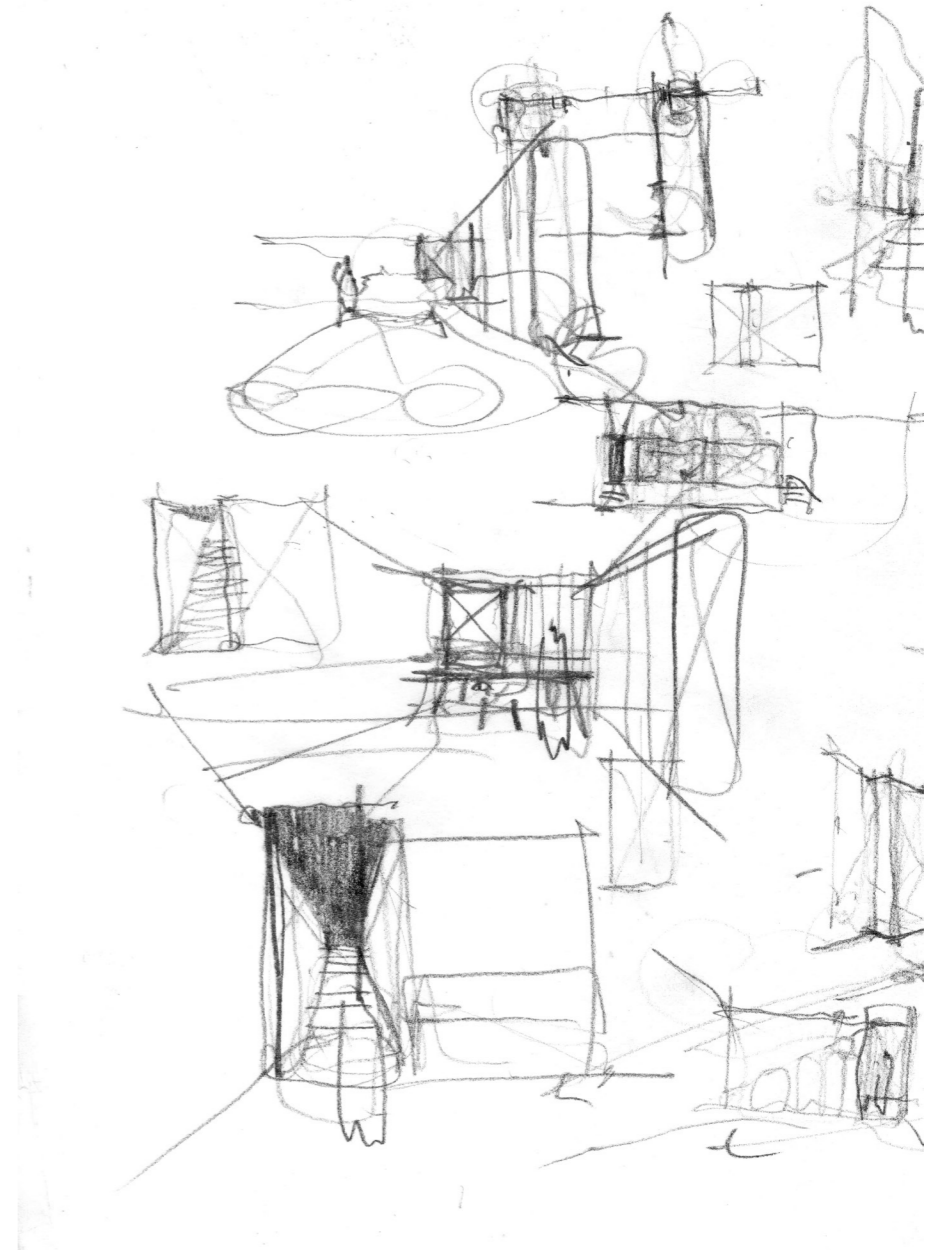
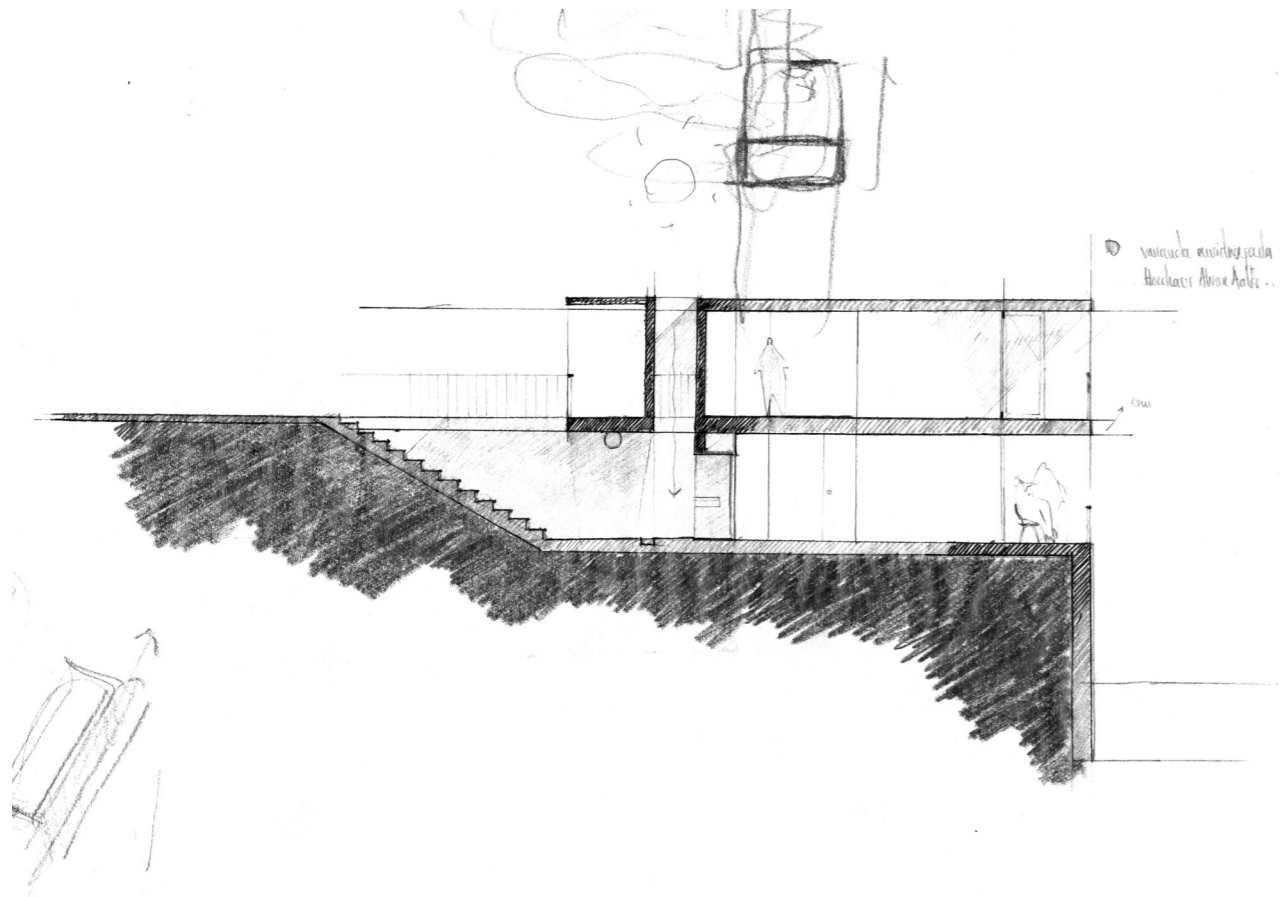


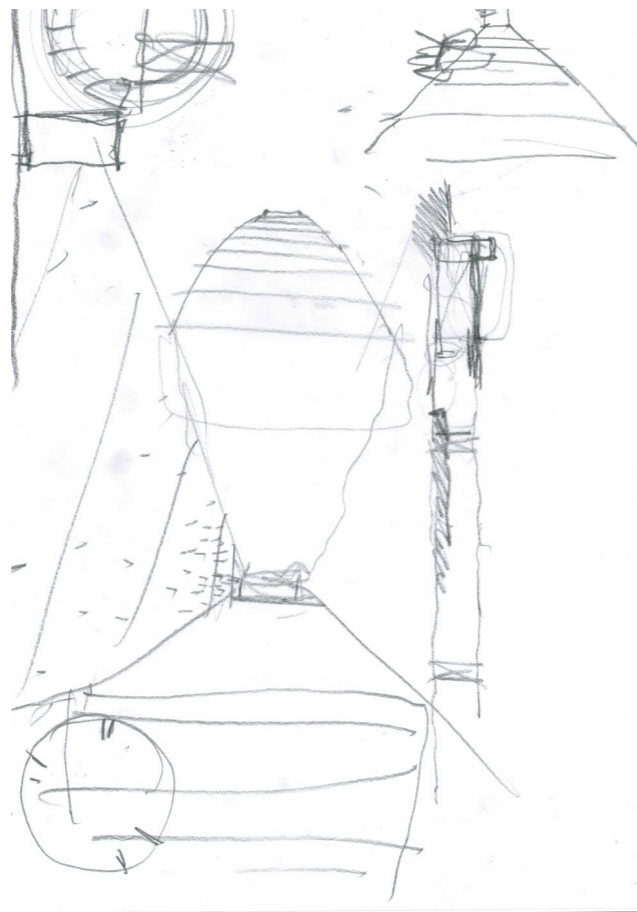


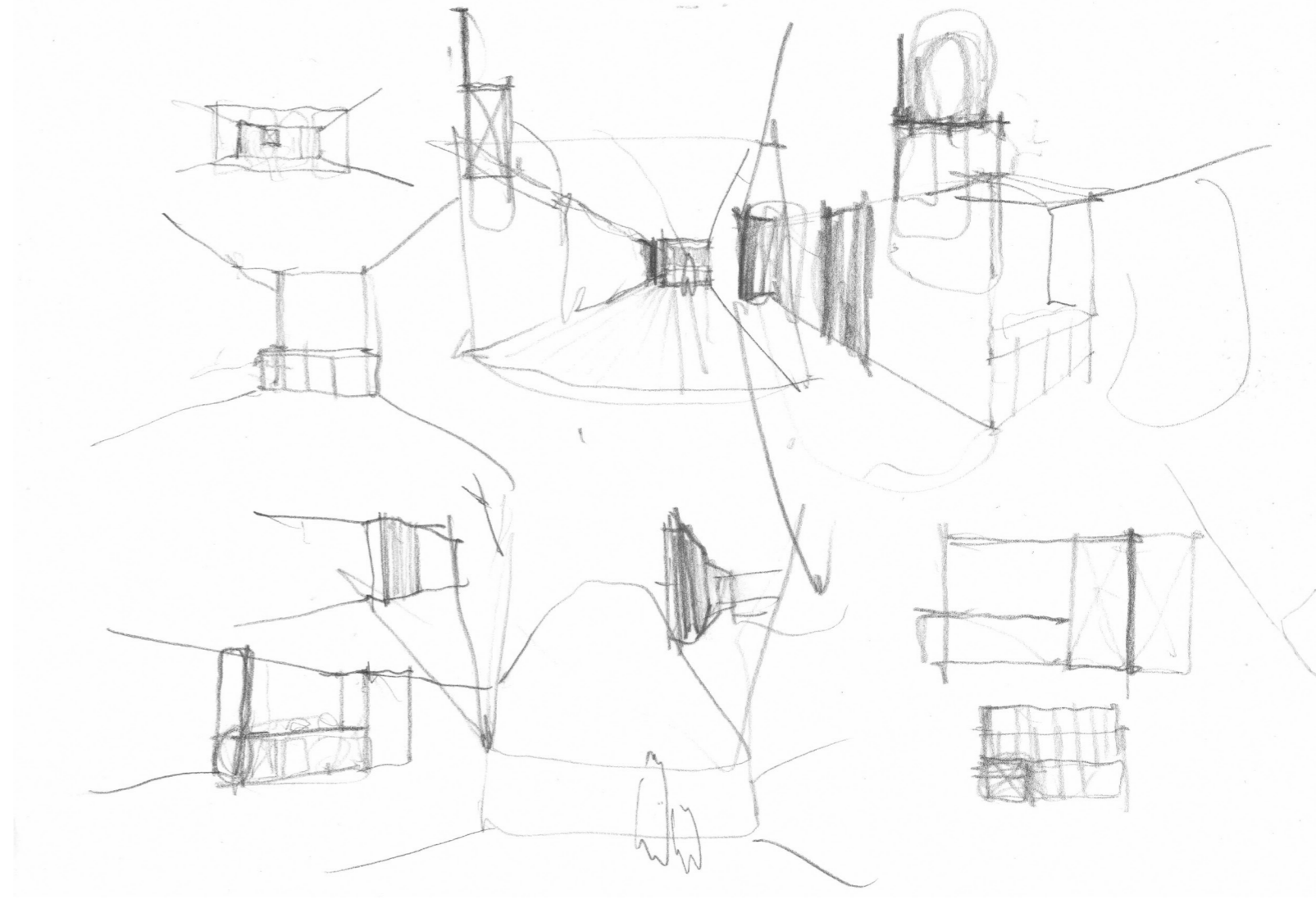


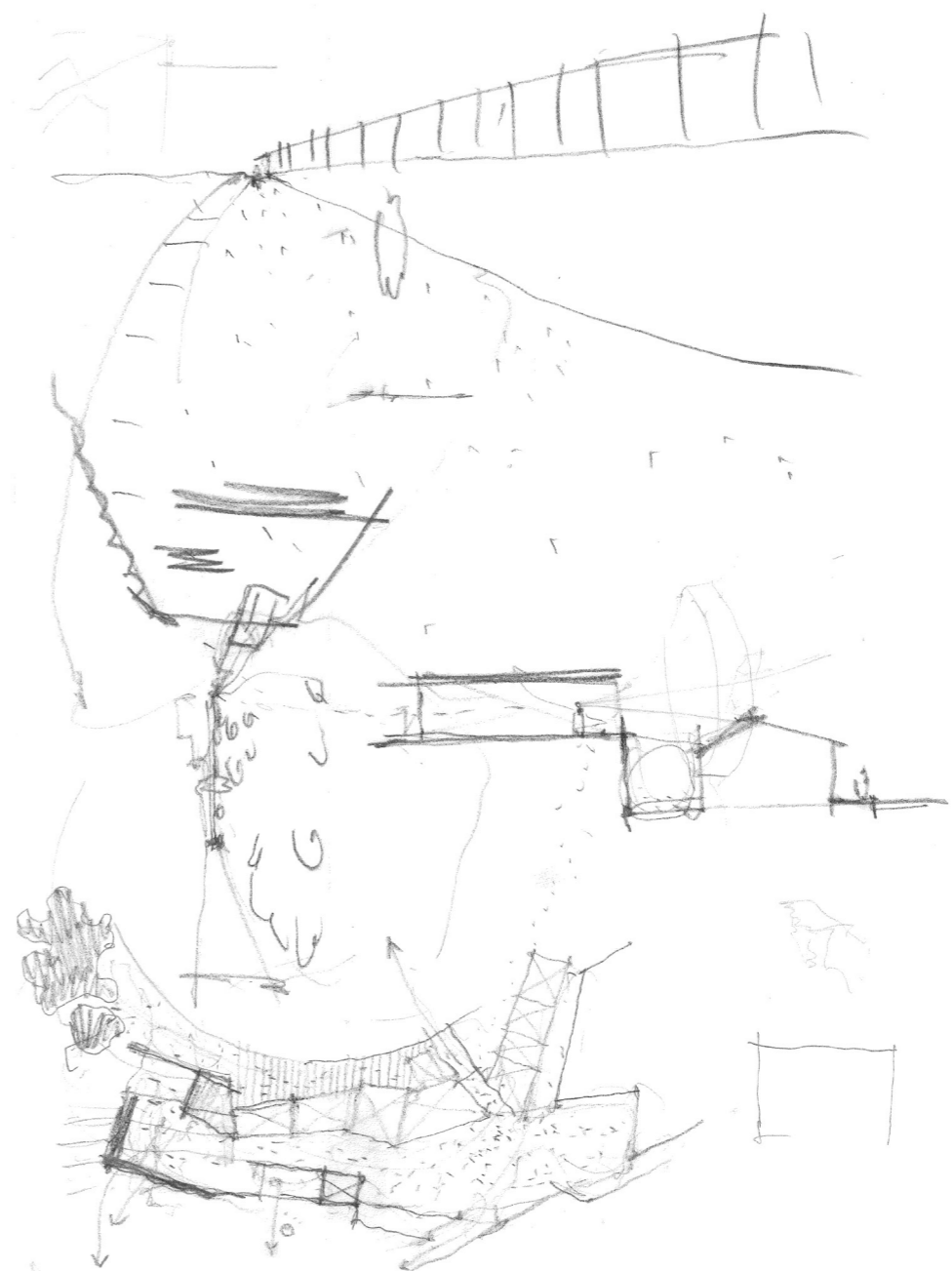
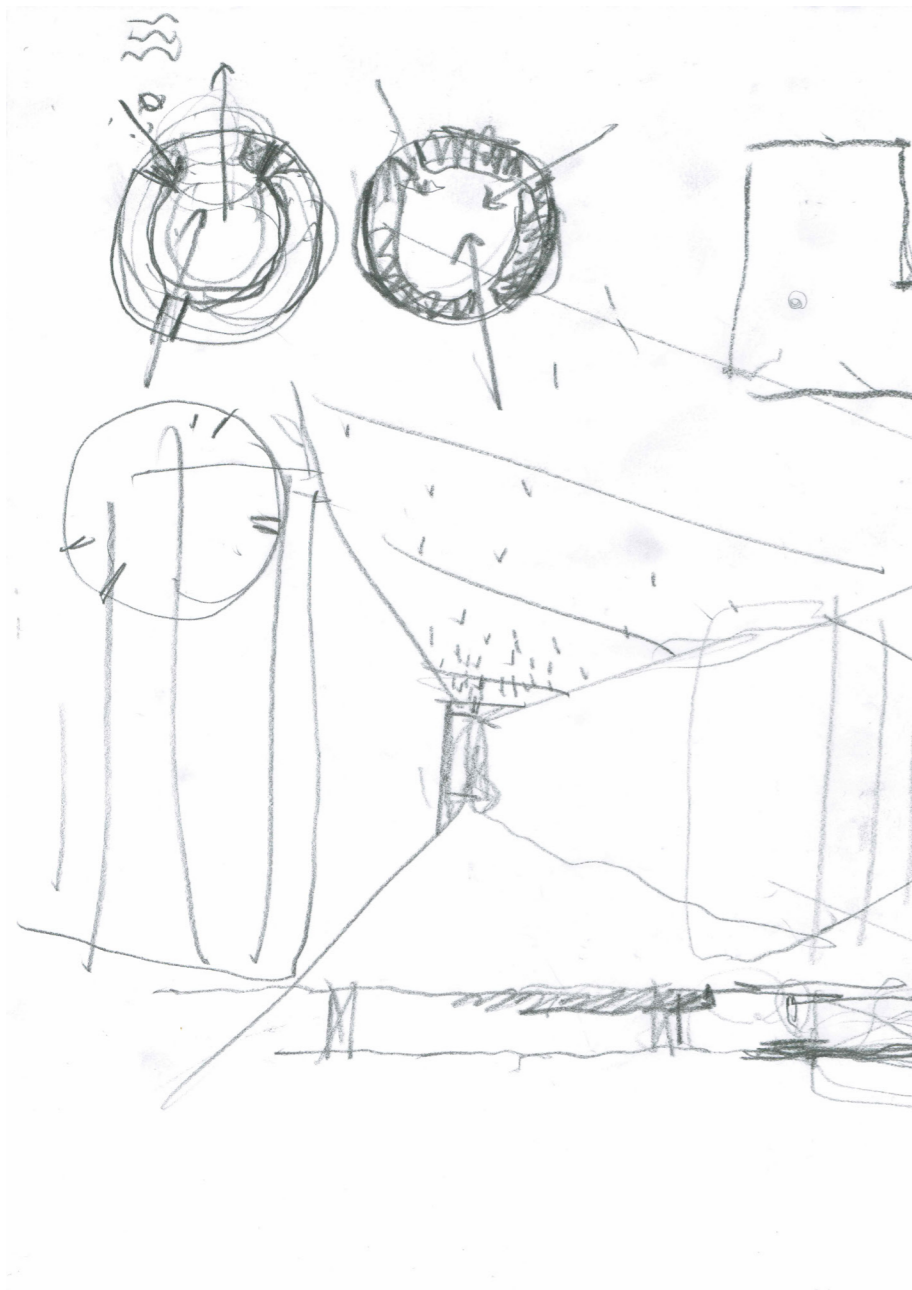


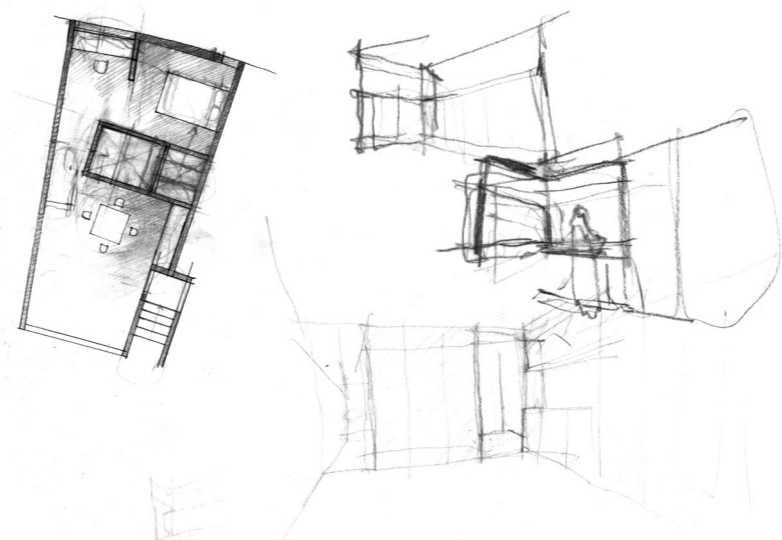
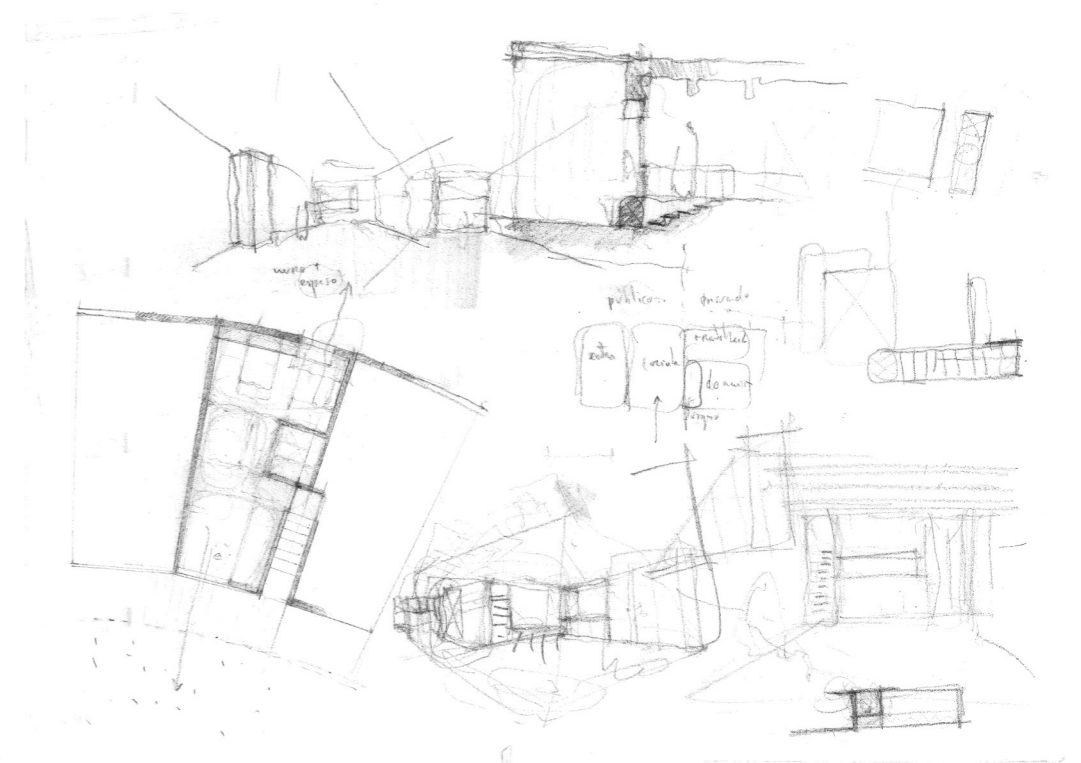
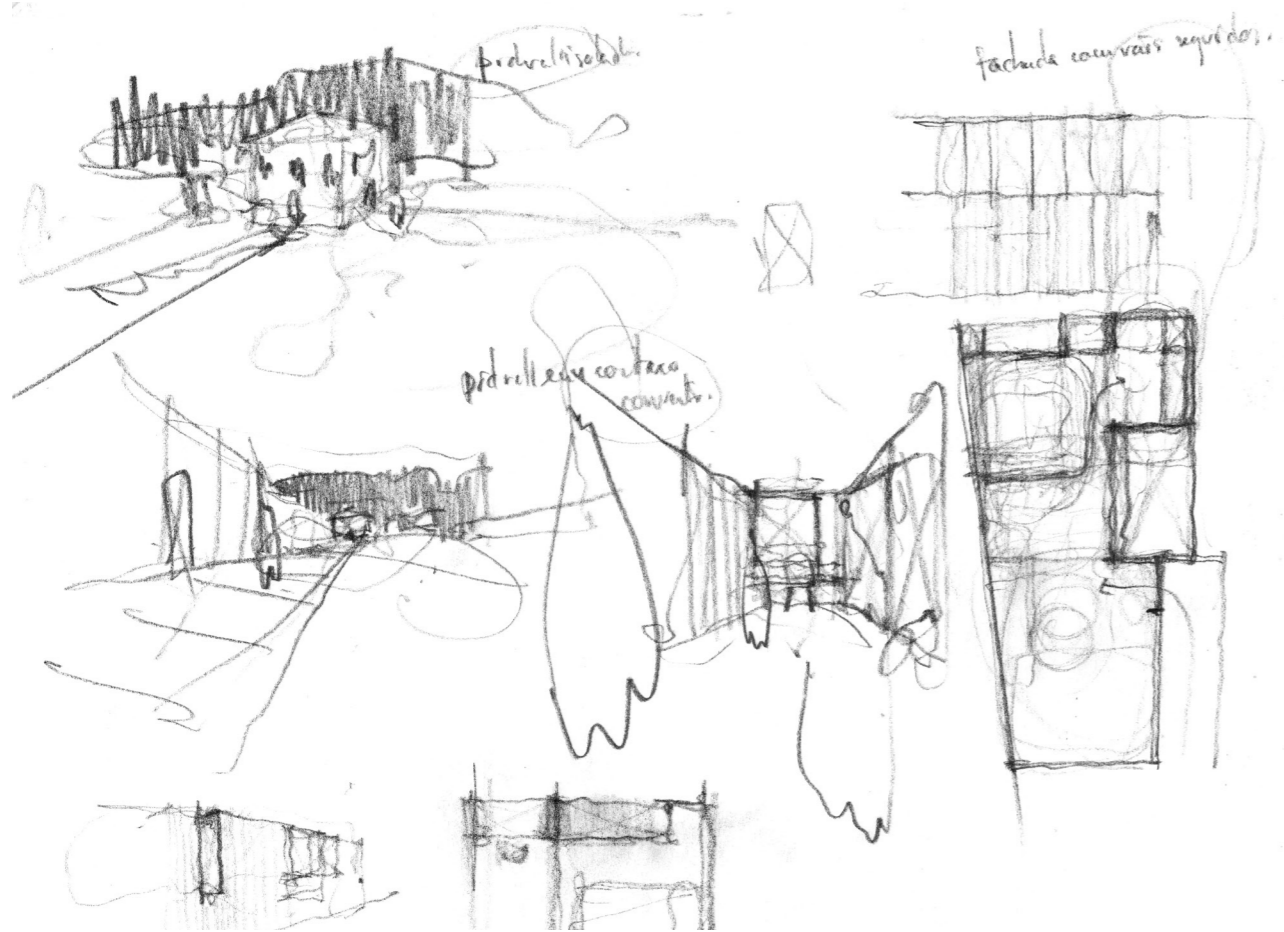


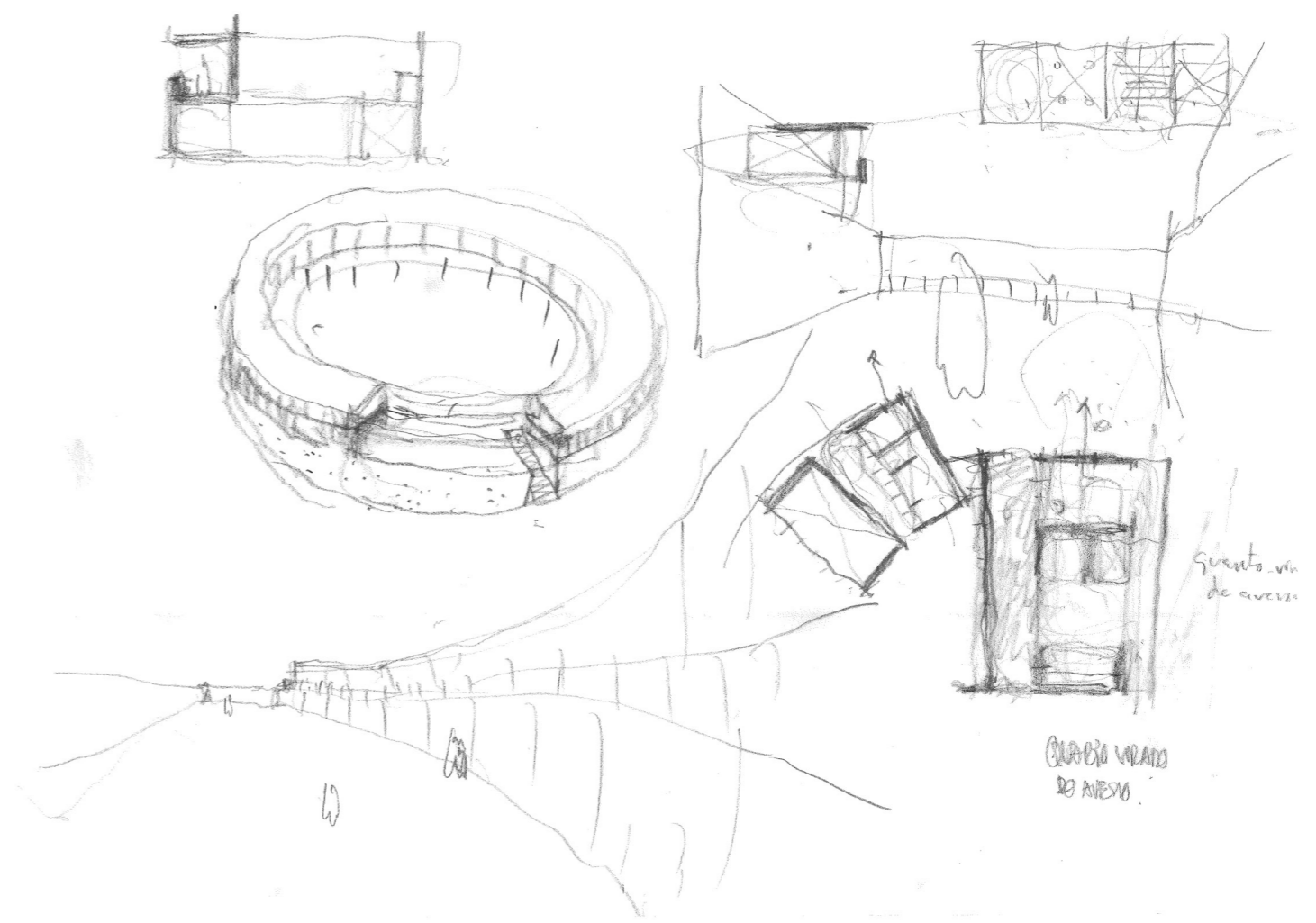
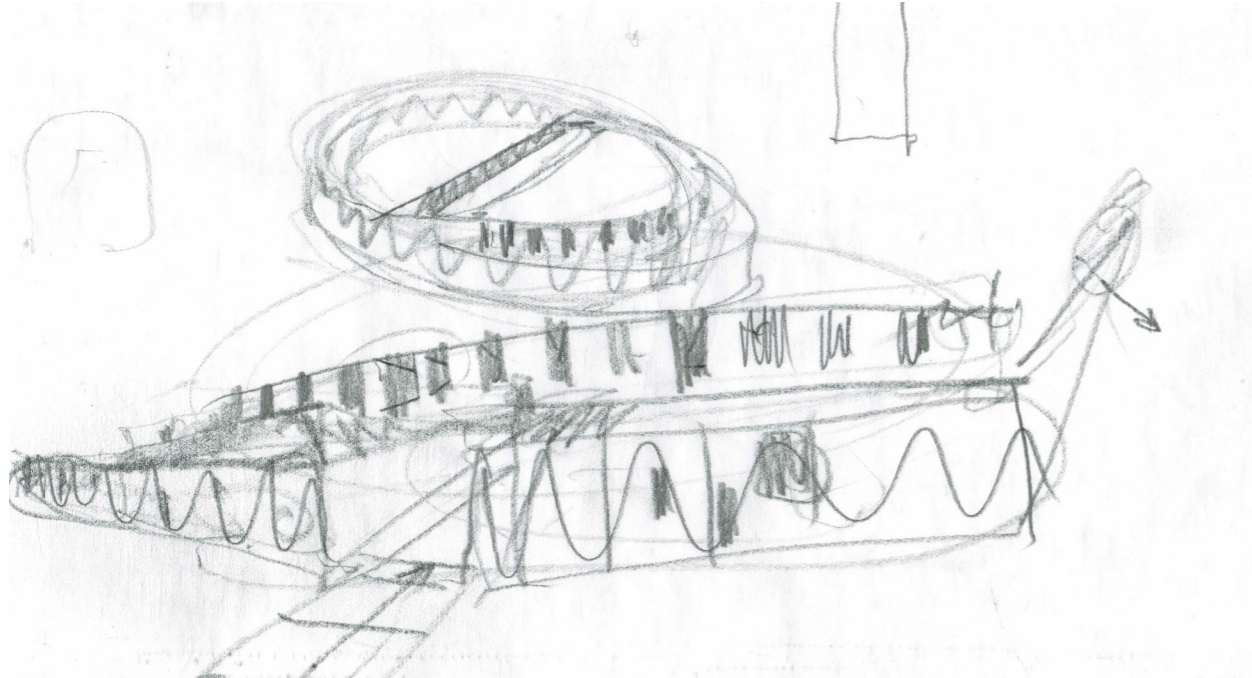


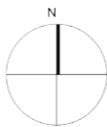










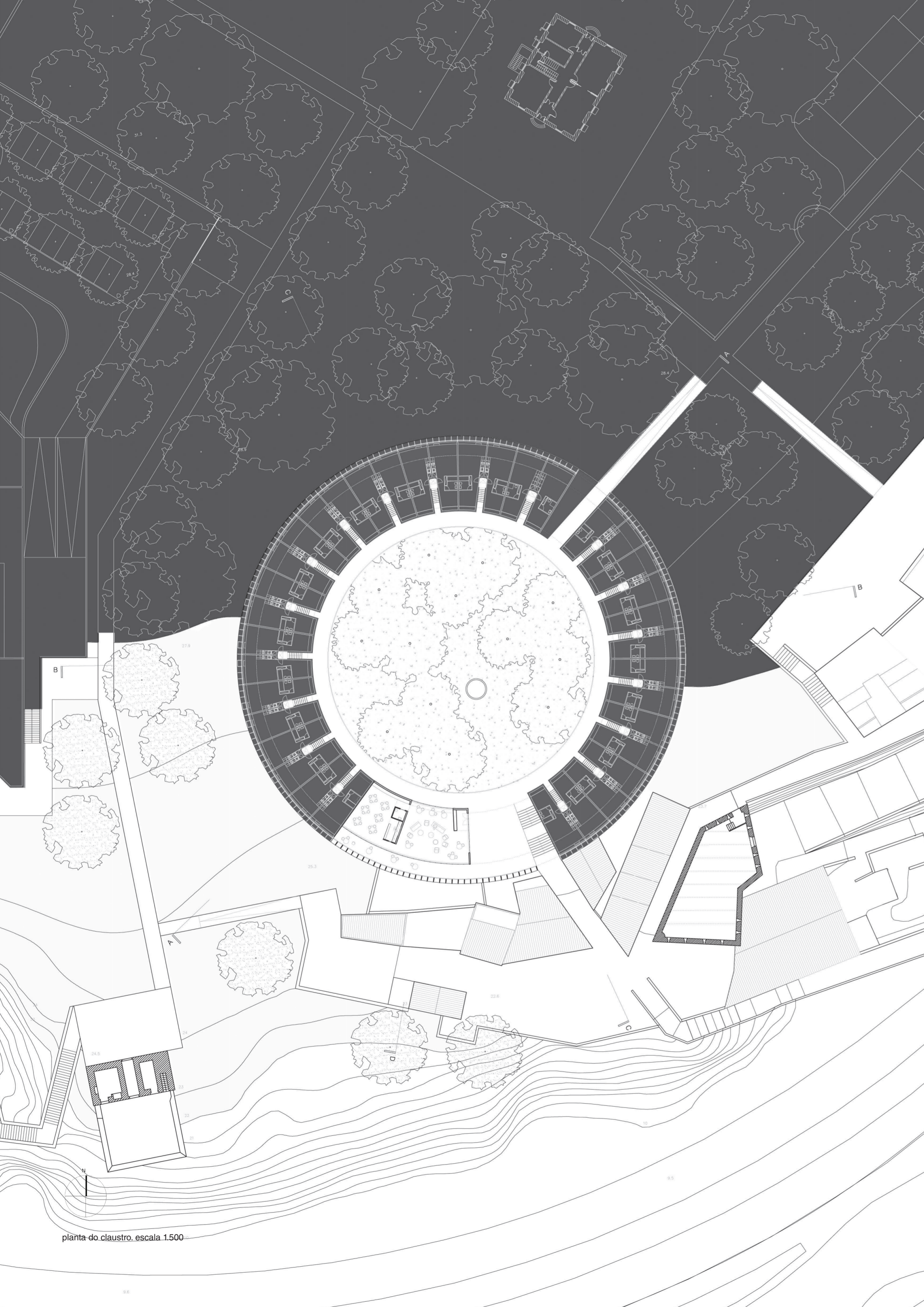


planta de localização. escala 1:2500



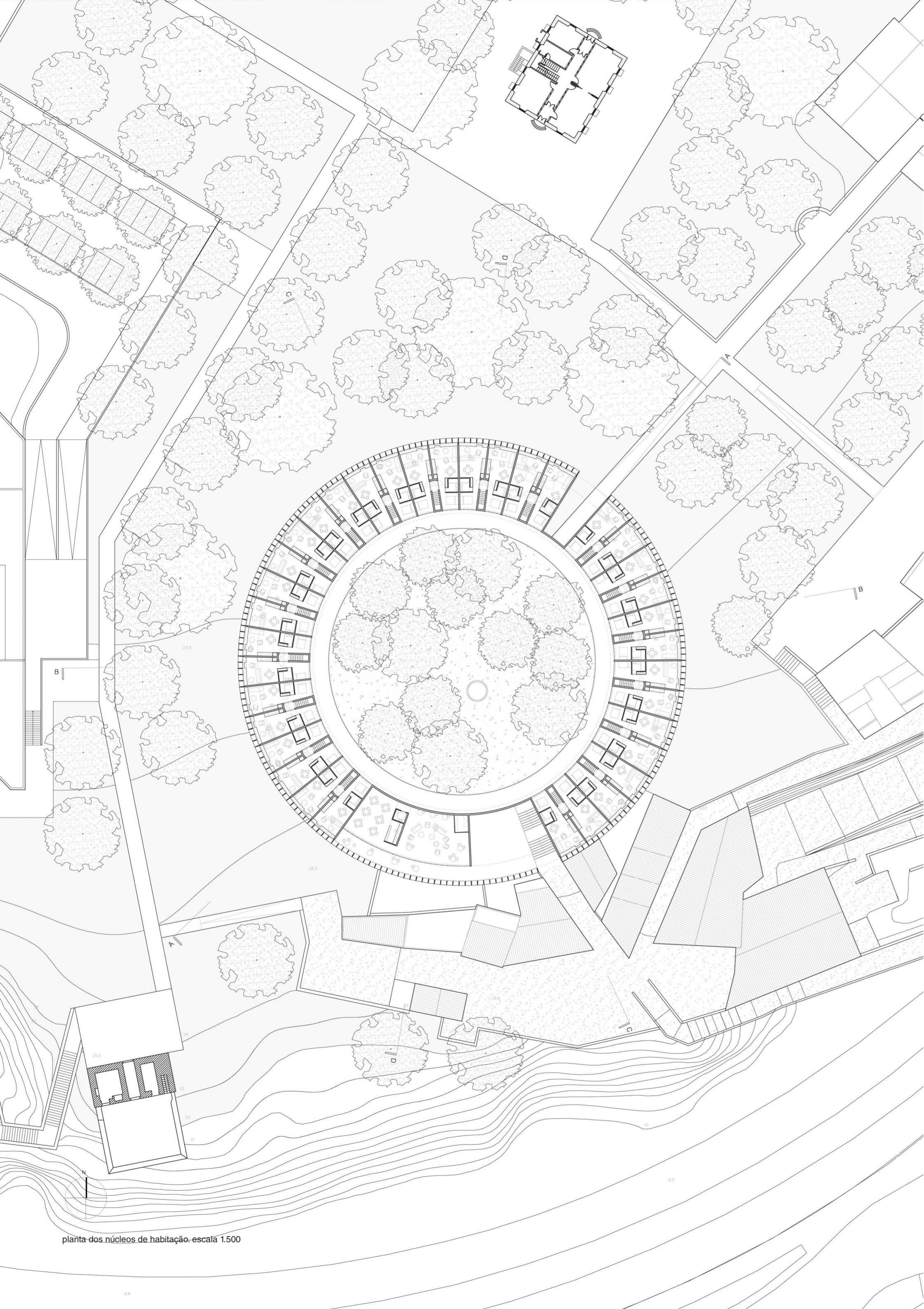
entrada pelos jardins do planalto





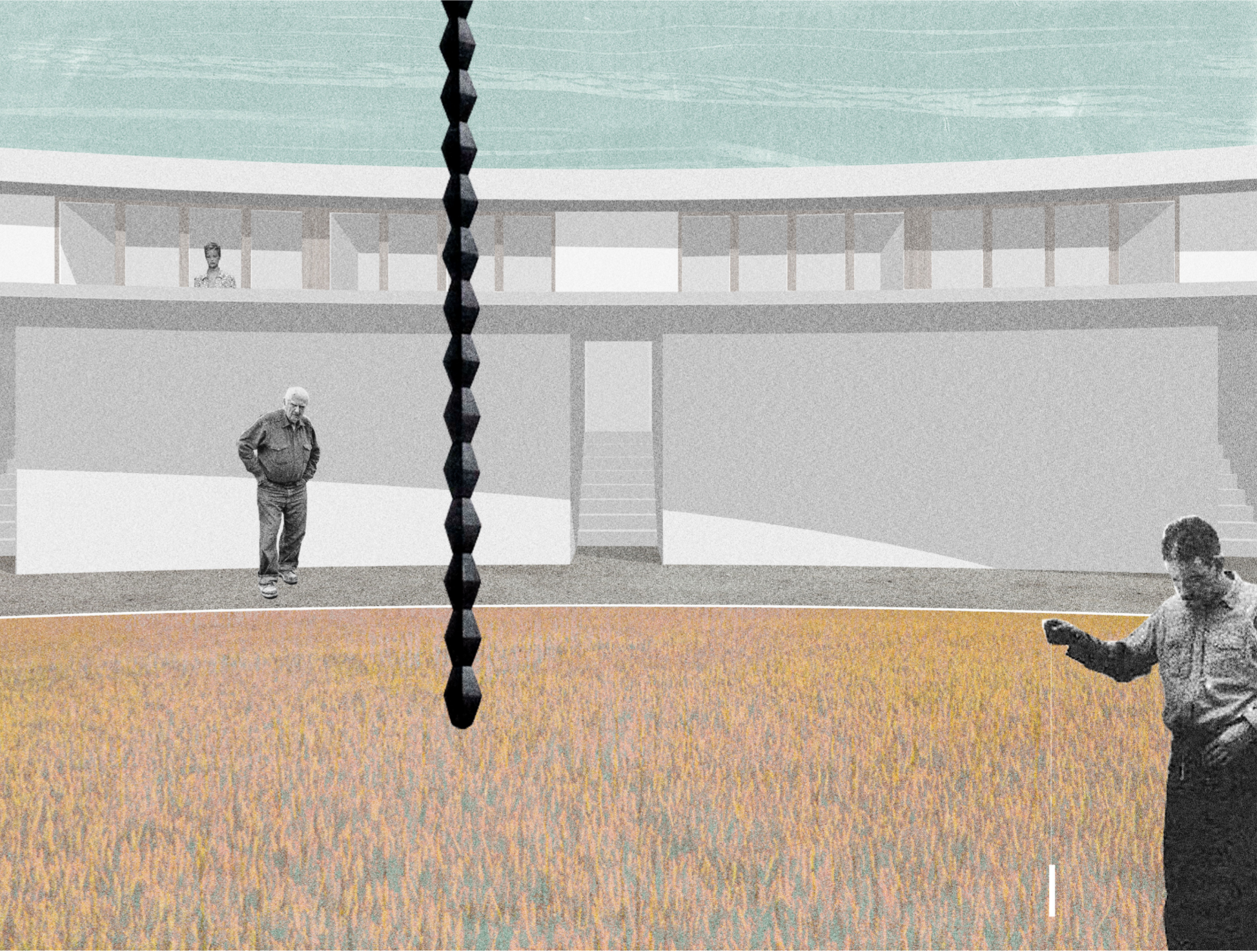
claustro

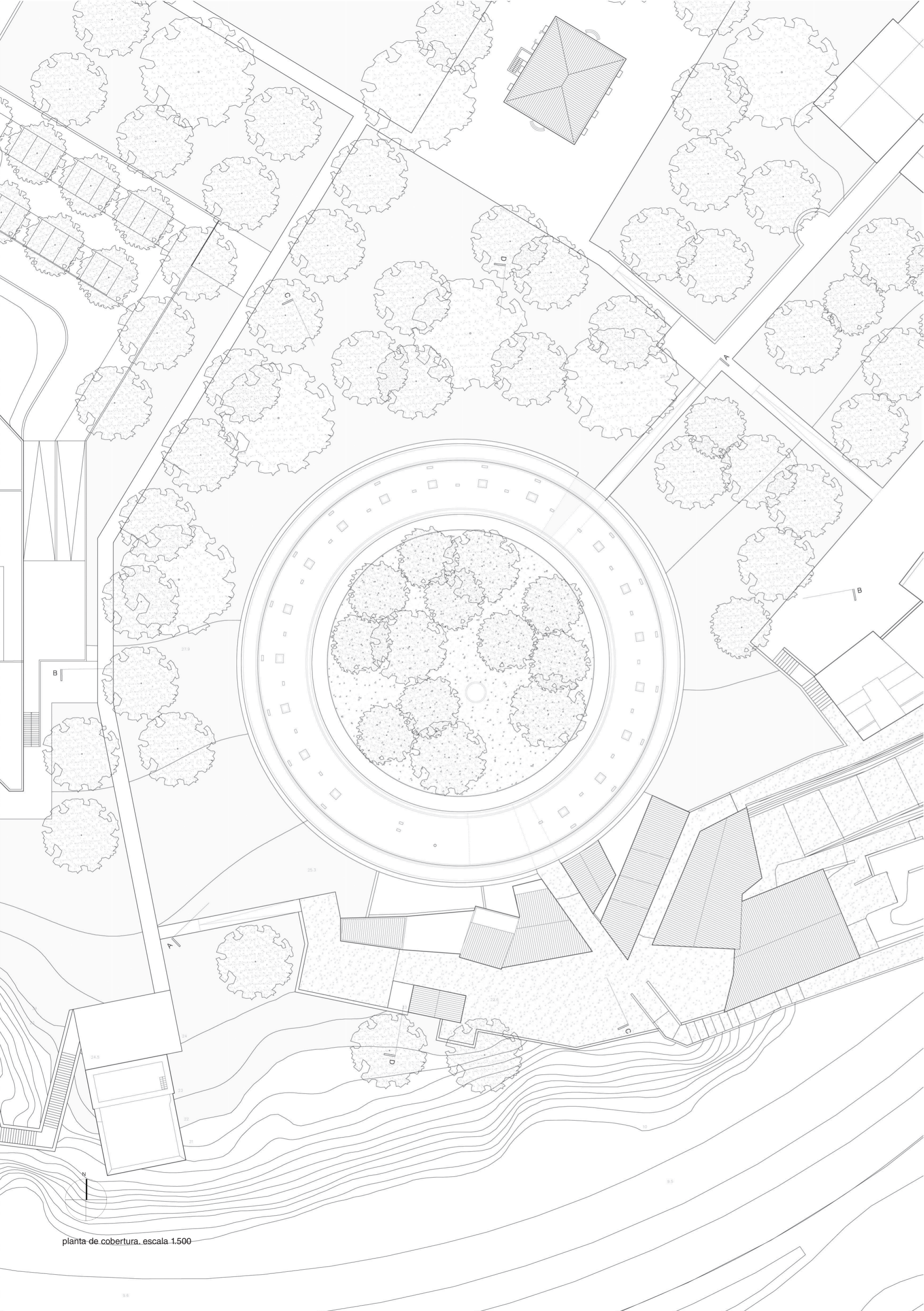




planta dos núcleos de habitação. escala 1.500

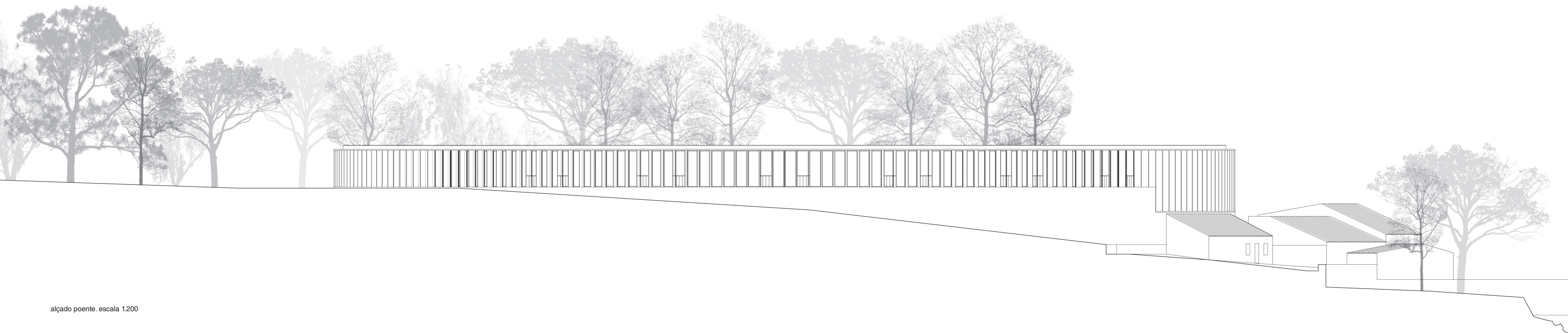
entrada para os núcleos



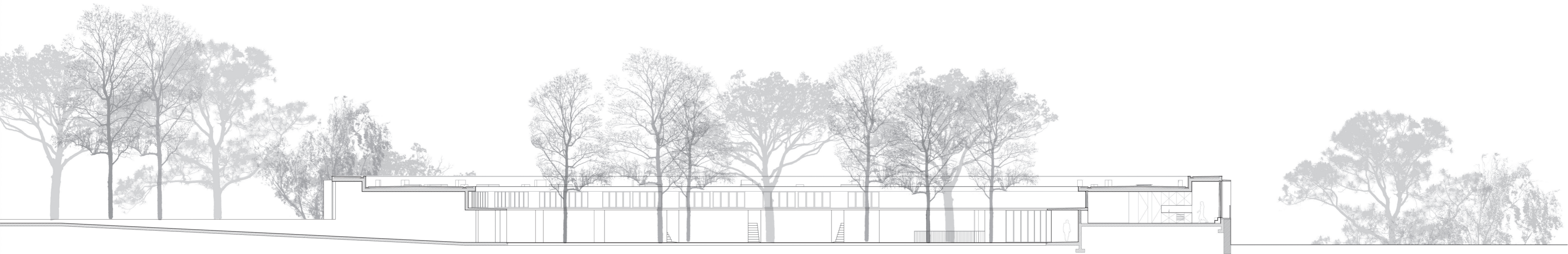


planta de cobertura. escala 1.500

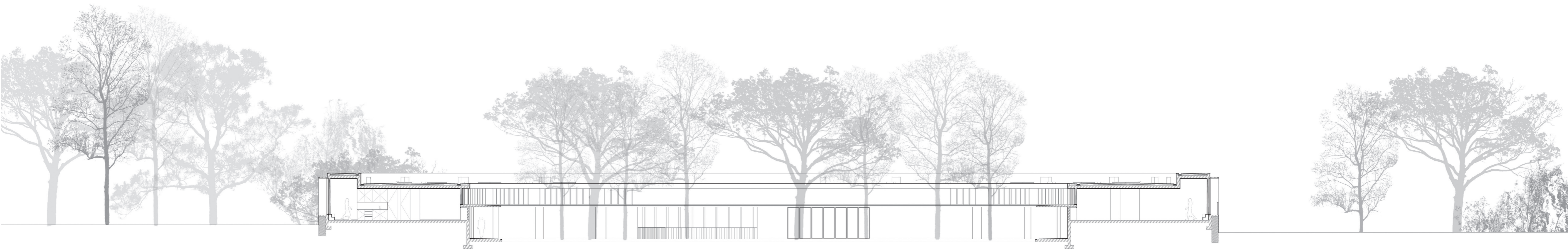




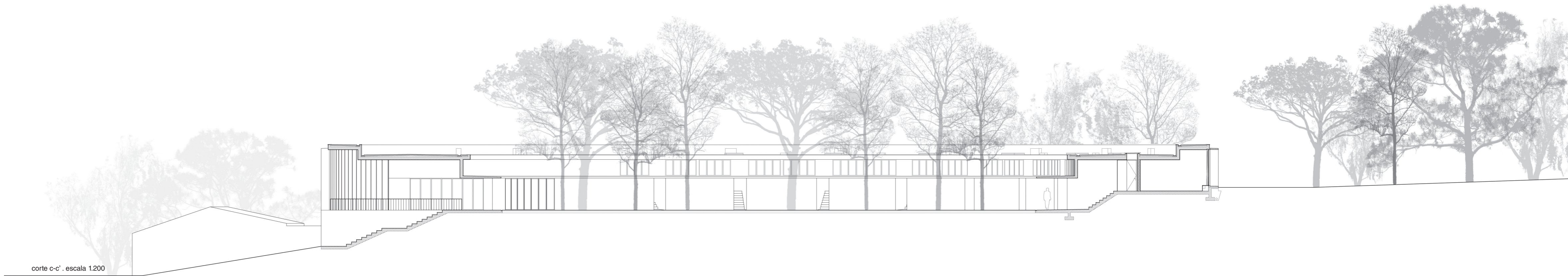
alçado poente. escala 1.200



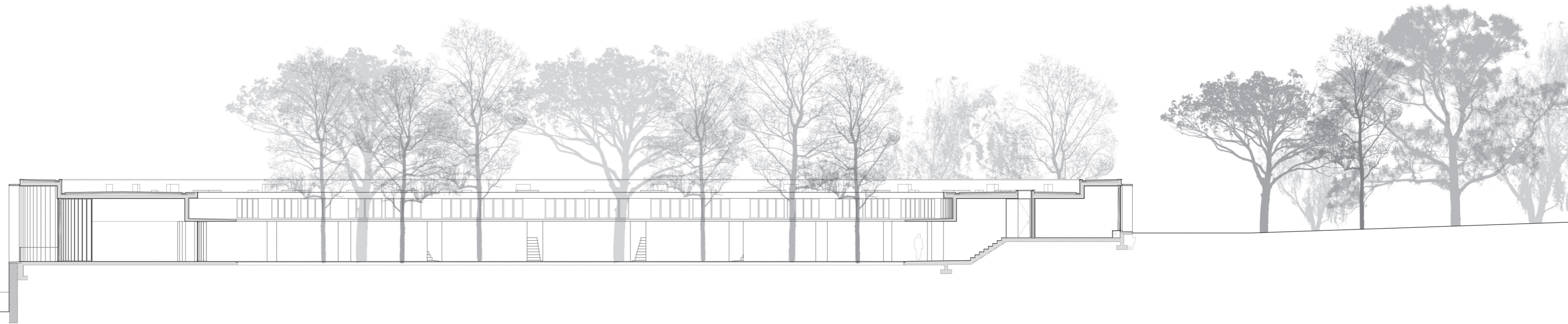
corte a-a' escala 1.200

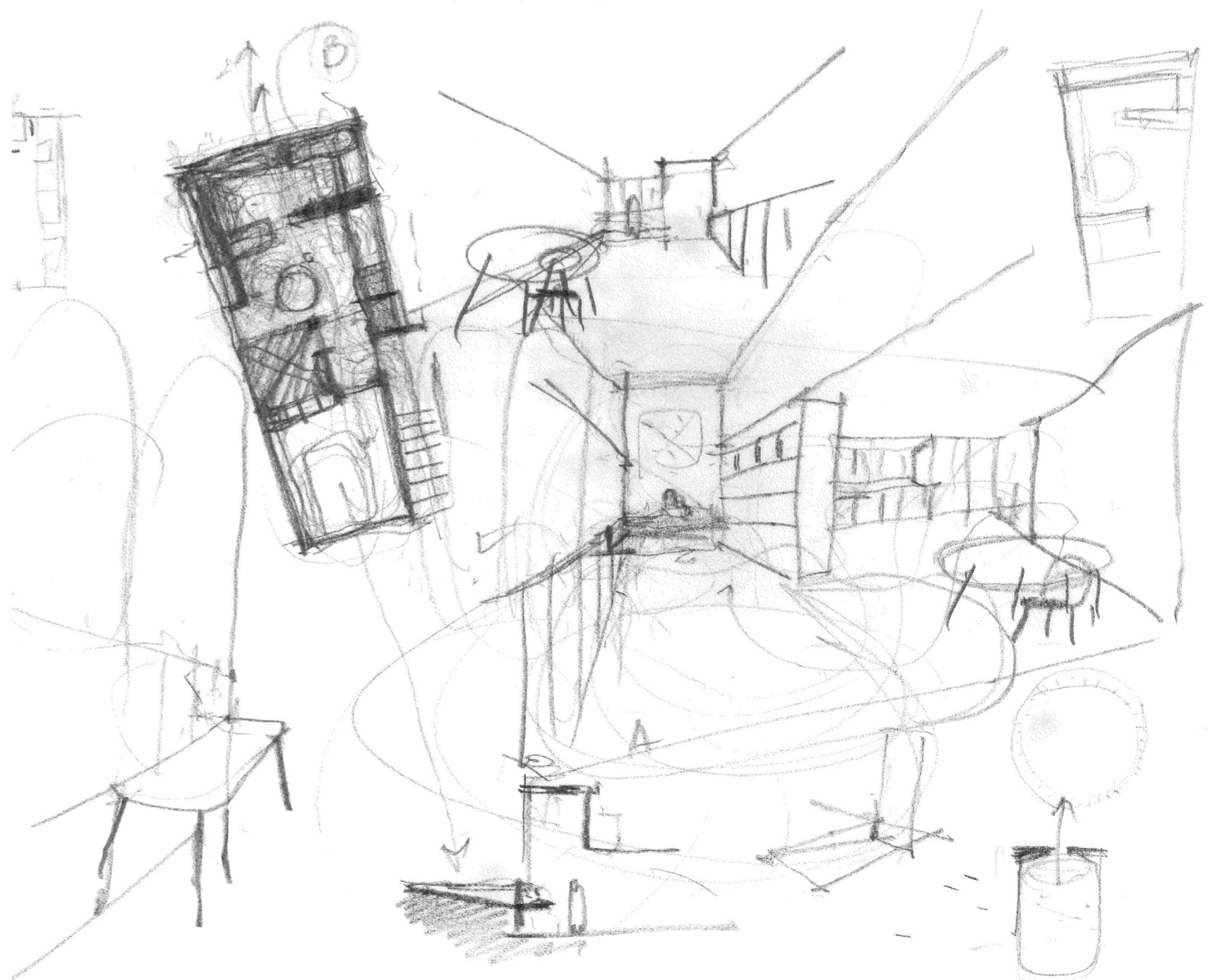
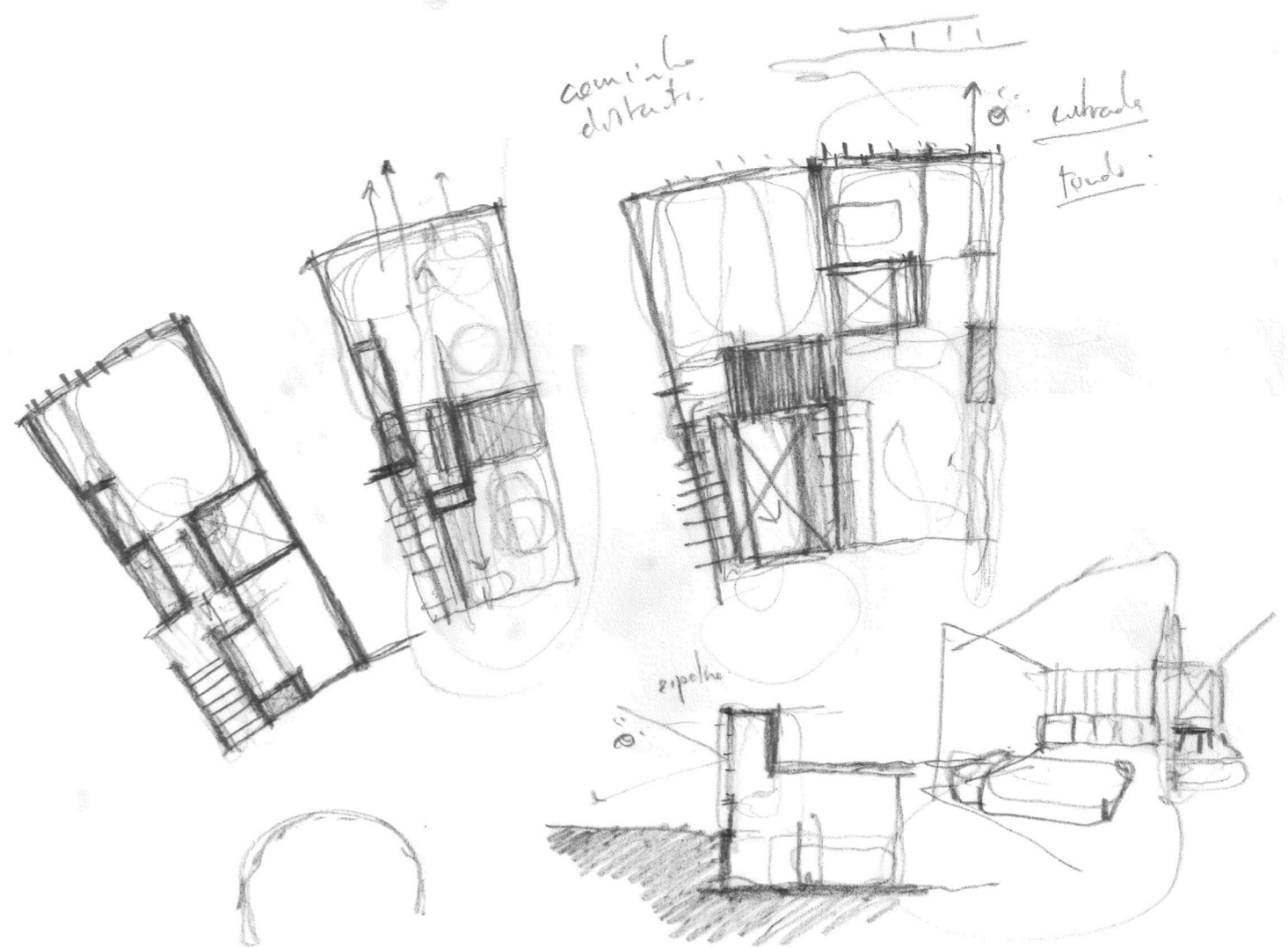


corte b-b'. escala 1.200

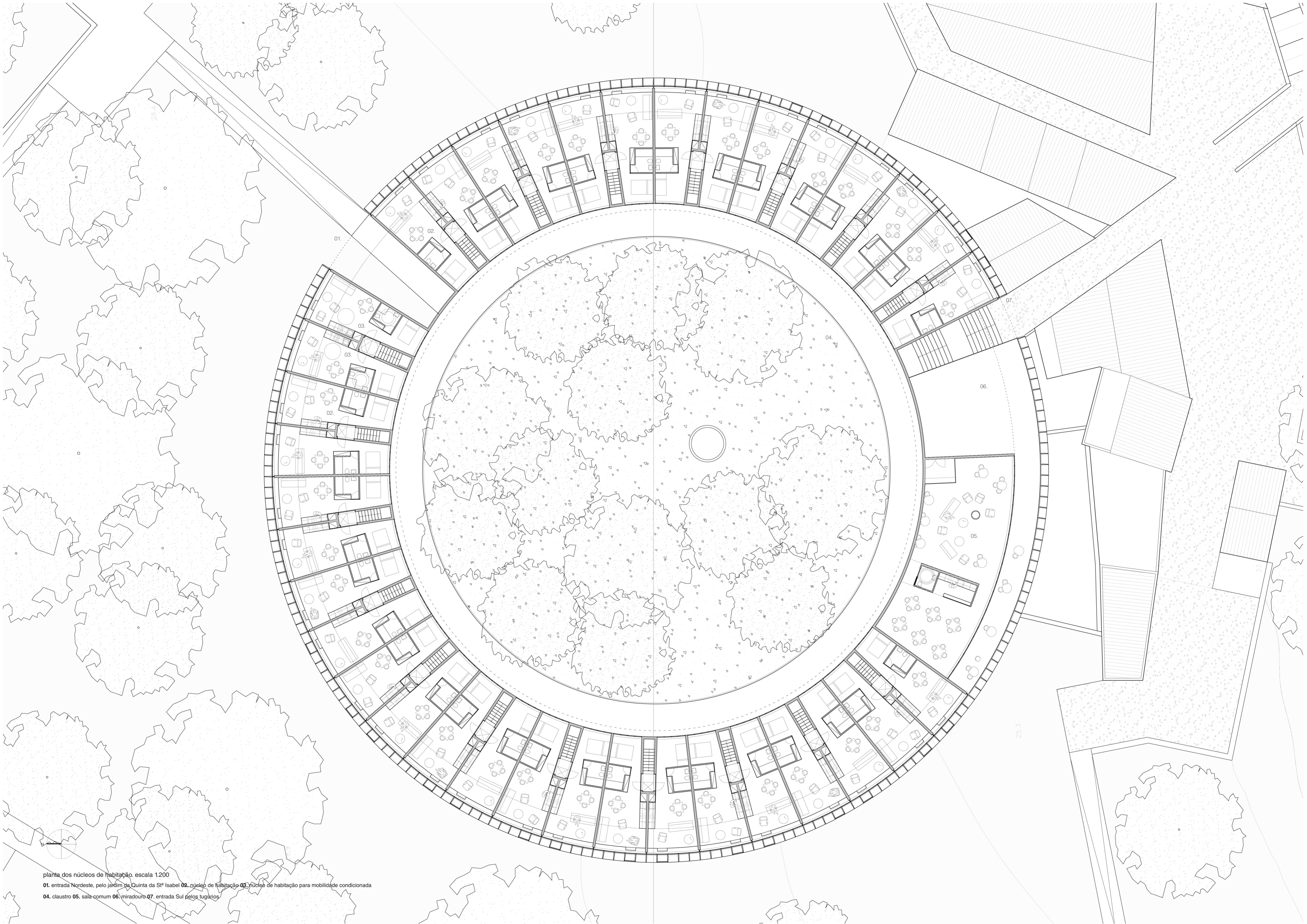


corte d-d' escala 1.200





a.

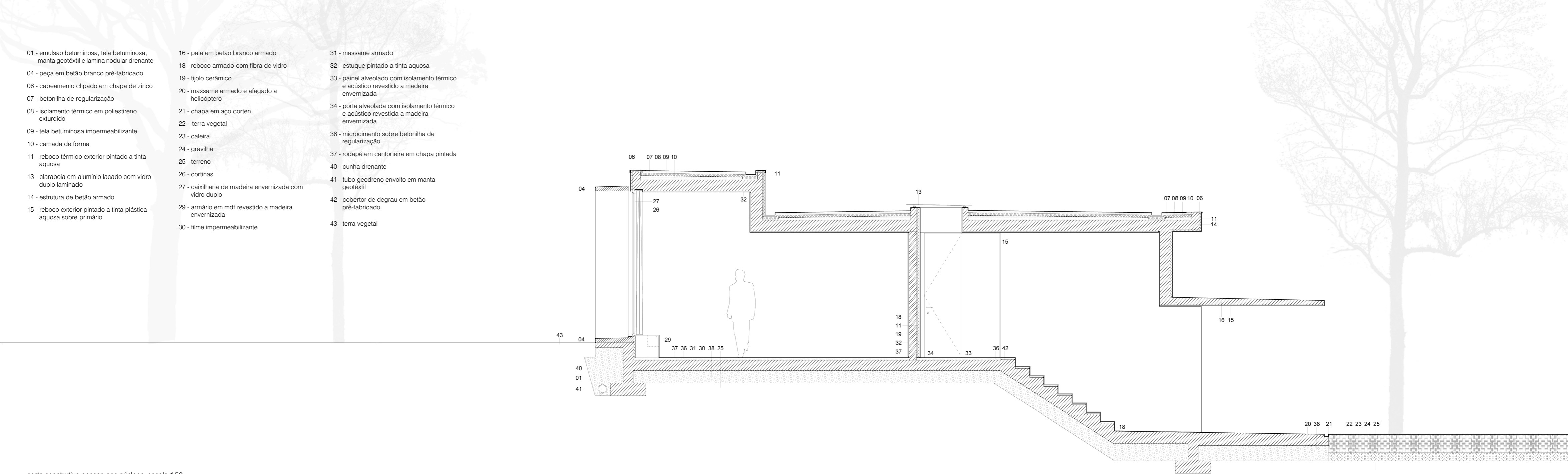


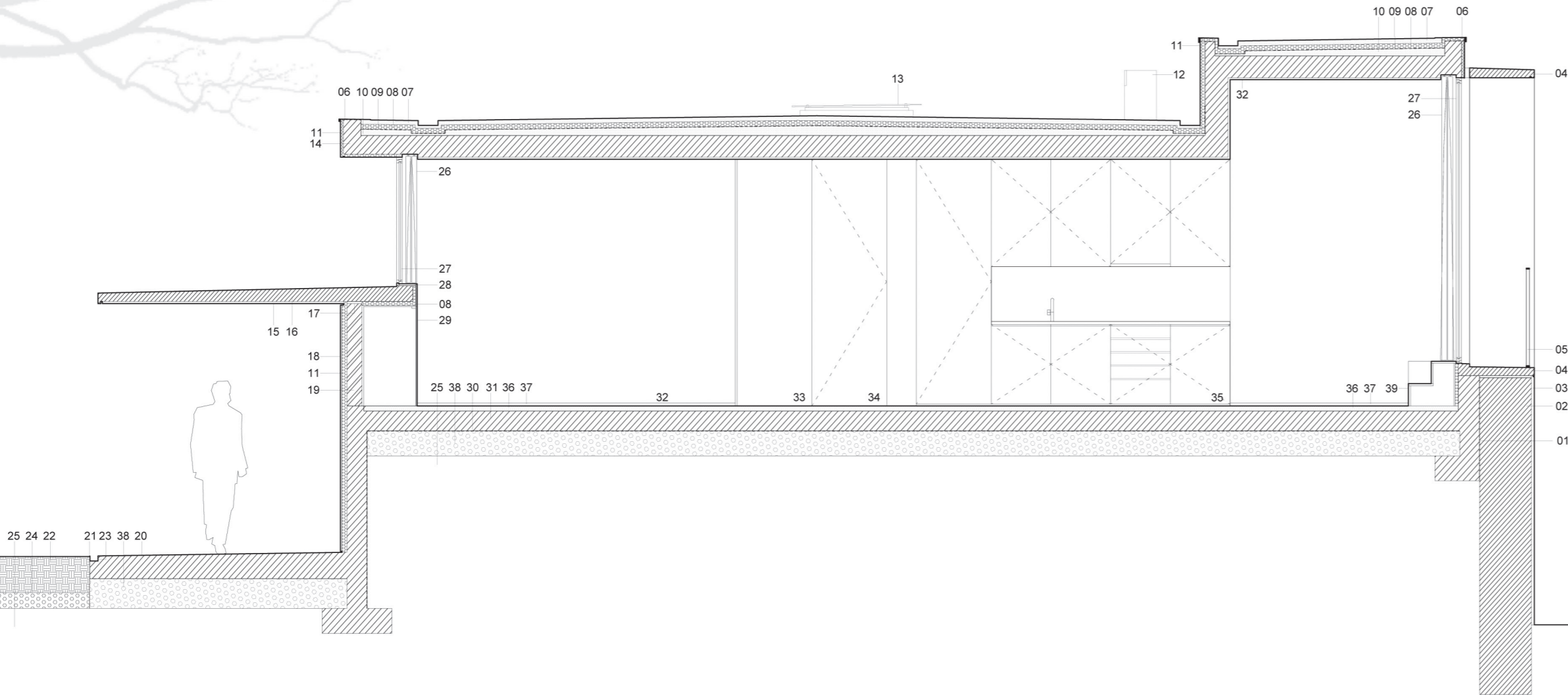
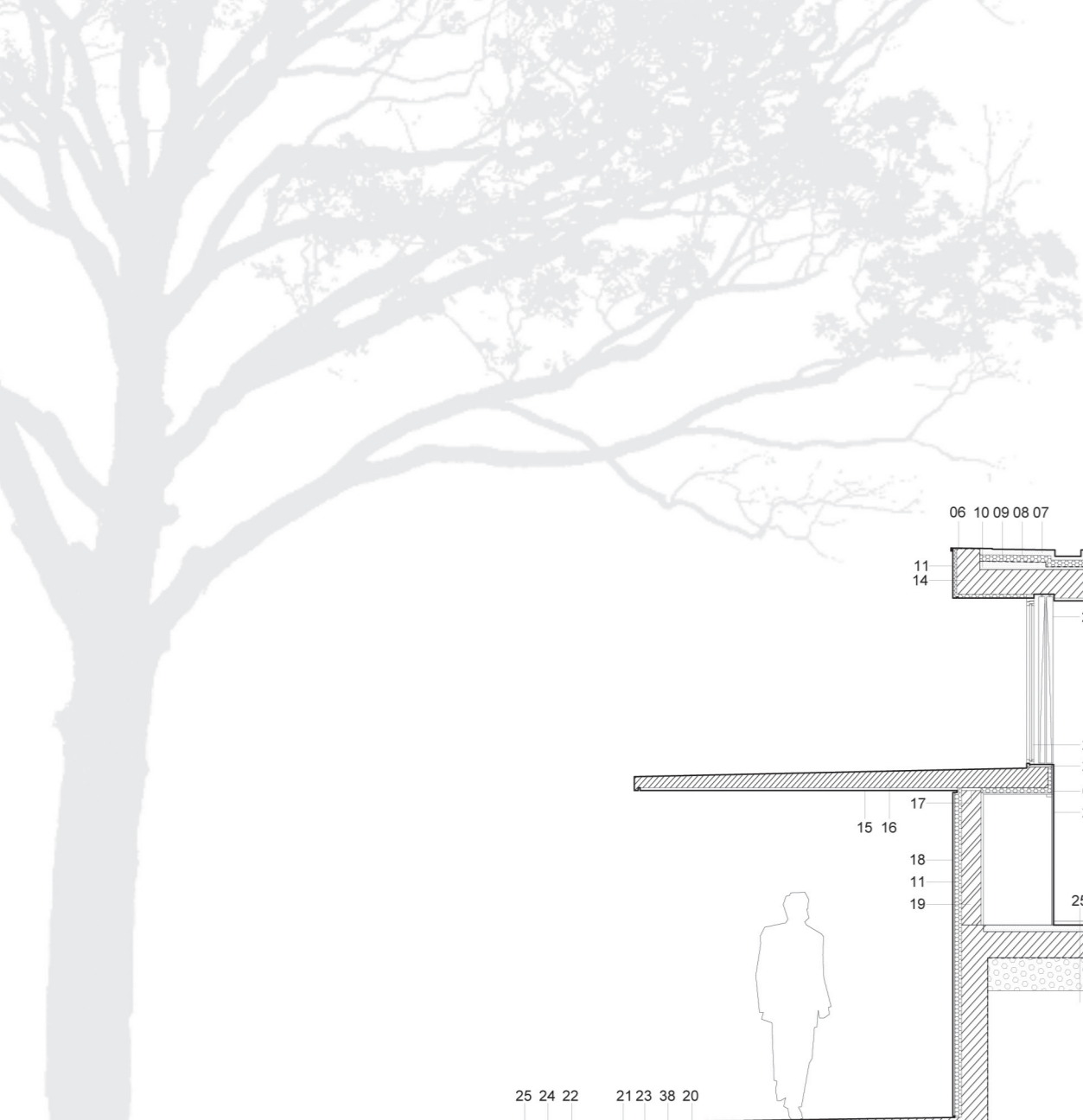
planta dos núcleos de habitação. escala 1:200

01. entrada Nordeste, pelo jardim da Quinta da Stª Isabel 02. núcleo de habitação 03. núcleo de habitação para mobilidade condicionada  
04. claustro 05. sala comum 06. miradouro 07. entrada Sul pelos lugareiros

interior do núcleo







corte construtivo núcleo de habitação. escala 1.50

- 01 - emulsão betuminosa, tela betuminosa, manta geotêxtil e lâmina nodular drenante
- 02 - muro de suporte alvenaria de pedra
- 03 - reboco exterior sobre alvenaria de pedra
- 04 - peça em betão branco pré-fabricado
- 05 - guarda em ferro metalizada e pintada
- 06 - capeamento clipado em chapa de zinco
- 07 - betonilha de regularização
- 08 - isolamento térmico em poliestireno extrudido
- 09 - tela betuminosa impermeabilizante
- 10 - camada de forma
- 11 - reboco térmico exterior pintado a tinta aquosa
- 12 - saída de fumos
- 13 - clarabóia em alumínio lacado com vidro duplo laminado

- 14 - estrutura de betão armado
- 15 - reboco exterior pintado
- 16 - pala em betão branco armado
- 17 - isolamento térmico em cortiça
- 18 - reboco armado com fibra de vidro
- 19 - tijolo cerâmico
- 20 - massame armado e afagado a helicóptero
- 21 - chapa em aço corten
- 22 - terra vegetal
- 23 - caleira
- 24 - gravilha
- 25 - terreno
- 26 - cortinas
- 27 - caixilharia de madeira envernizada com vidro duplo
- 28 - peitoril em madeira envernizada
- 29 - armário em mdf revestido a madeira envernizada

- 30 - filme impermeabilizante
- 31 - massame armado
- 32 - estuque pintado a tinta aquosa
- 33 - painel alveolado com isolamento térmico e acústico revestida a madeira envernizada
- 34 - porta alveolada com isolamento térmico e acústico revestida a madeira envernizada
- 35 - armários inferiores e superiores em mdf revestido a madeira envernizada
- 36 - micocimento sobre betonilha de regularização
- 37 - rodapé em cantoneira em chapa pintada
- 38 - enrocamento
- 39 - escadas em madeira envernizada

miradouro



onde está a vida do homem que escreve, a vida  
da laranja, a vida do poema - a Vida, sem mais  
nada - estará aqui?  
fora das muralhas da cidade?  
no interior do meu corpo? ou muito longe de  
mim - onde sei que possuo uma outra razão... e  
me suicido na tentativa de me transformar em  
poema e poder, enfim, circular livremente.

Al Berto,

"Prefácio para um livro de poemas"

